

GARTH NIX

A SÉTIMA TORRE VI

A GRANDE
PEDRA
VIOLETA

 SCHOLASTIC

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A SÉTIMA TORRE VI
A GRANDE PEDRA VIOLETA

Garth Nix

A série A Sétima Torre é dedicada a todas as pessoas que, nos diversos departamentos da Scholastic e da Lucas Films, tiveram tanto trabalho, e aos livreiros que, com tanto entusiasmo, fizeram essa coleção chegar às mãos dos leitores.

O último volume da série é especialmente dedicado às três pessoas sem as quais esses livros não teriam sido escritos. Minha mulher, Anna McFarlane, minha agente, Jill Grinberg, e David Levithan, um editor do mais alto nível Violeta.

SINOPSE

Tal e Milla estão apenas a um passo da morte. O mal está apenas a um passo do triunfo. Uma velha guerra recomeça, e o poder supremo está em jogo.

Sob o domínio das sombras, recuperam-se antigos feitiços, impera a ilusão, e a corrupção é uma ameaça constante. Não perder a esperança é a maior de todas as missões.

A chave de tudo isso está na Sétima Torre.

Lentamente, Tal foi voltando a si, passando por diversos estágios. O primeiro deles durou apenas uns poucos segundos. O menino sentiu como se estivesse sendo carregado de cabeça para baixo, com o rosto quase roçando o chão. Depois, apagou de novo. Mais tarde, tentou mover as mãos e não conseguiu porque estavam amarradas às suas costas. Sentia-se enjoado, e vomitou. Alguém gritou, enojado, e bateu nele, fazendo com que perdesse os sentidos novamente.

Na terceira vez que recobrou a consciência, custou a perceber onde estava. Ainda estava escuro, mas não era a escuridão absoluta do exterior do Castelo. Não muito longe, havia luz, a luz constante de uma Pedra-do-Sol. Seus braços não estavam mais amarrados. No entanto, quando os esticou, esbarrou em algo. Tentou ficar de pé, mas bateu com a cabeça. Tentou esticar as pernas, e não conseguiu.

Ao se debruçar para a frente, caiu de cara. Suas mãos deslizaram numa superfície abaulada, de cristal bem liso.

Estava dentro de um globo. Um globo de cristal.

Pelo que Tal sabia, só existia um globo como esse. Sentiu o medo apertar-lhe o estômago, e um arrepio percorreu sua espinha.

Estava aprisionado no globo dos castigos, na Câmara dos Pesadelos.

Pouco a pouco, seus olhos foram se habituando à luminosidade reduzida. Podia ver o contorno do globo à sua volta. Fora dele, ficavam os suportes prateados sustentando as Pedras-do-Sol que acionavam a máquina de pesadelos. Agora, estavam desativadas, e a máquina estava parada.

Tal ouviu a porta se abrir. A distância, surgiu uma luz que foi ficando mais forte. Vinha de uma Pedra-do-Sol — uma Pedra-do-Sol que estava na mão de um homem temido por todos os Escolhidos, um homem cujo nome era usado pelos pais para ameaçar crianças desobedientes.

Fashnek

Meio-homem, meio-sombra. Senhor da Câmara dos Pesadelos. Um homem alto e esquelético, com longos cabelos negros desgrenhados que lhe caíam em cachos de ambos os lados do rosto. Do ombro esquerdo até o quadril, Fashnek era feito de sombra. Há muitos anos, algo havia devorado o seu braço, além de boa parte do peito e da barriga. Sobrevivera graças ao seu Espírito-Sombra, que se misturara à carne de seu amo. Talvez o resultado tivesse sido tolerável se o Espírito-Sombra fosse vagamente humanoíde. Mas não era. Era um gigantesco inseto aenirano, com seis patas multiarticuladas e uma repulsiva cabeça comprida que terminava numa boca arredondada, lembrando uma sanguessuga.

Fashnek andava meio mancando, meio deslizando. Dois outros Espíritos-Sombra o acompanhavam, uns poucos passos mais atrás. Só podiam ser Espíritos-Sombra independentes — supostamente proibidos no Castelo —, já que não havia sinal de Escolhidos que pudessem ser seus amos.

Um deles era um Gorgomongo, uma criatura que parecia um cogumelo gigante de cabeça para baixo. Ele oscilava, de um lado para o outro, chegando às vezes a cair redondamente no chão para logo reerguer aquele corpo asqueroso. Lá em Aenir, os Gorgomongos se enterram em solo macio e atacam suas presas fechando-se inteiramente sobre elas, enquanto o seu "talo" central despeja altas concentrações de ácido naquela comida. Como Espíritos-Sombra, esse talo pode lançar sombra corrosiva.

O outro era um daqueles humanóides de cintura fina e ombros larguíssimos, os Espíritos-Sombra preferidos pelos membros da Guarda Imperial. Tal não sabia como se chamavam aquelas criaturas.

Ao se aproximar do globo onde Tal estava aprisionado, Fashnek tropeçou. Tanto sua mão humana quanto sua pinça de sombra se agarraram a uma das máquinas de sonhos, bem a tempo de evitar que ele caísse. Furioso, Fashnek se apurou e esbravejou com os Espíritos-Sombra.

— Mais cuidado! — gritou ele. — Não fiquem tão perto!

Os Espíritos-Sombra recuaram um pouco apesar de, evidentemente, não terem culpa nenhuma.

Tal ficou imóvel. Lentamente, as Pedras-do-Sol que contornavam o globo começaram a se acender, acionadas pela chegada de Fashnek. O menino estava enjoado e desorientado. Como teria vindo parar ali?

Aos poucos, começou a se lembrar. Era como juntar as últimas peças de um quebra-cabeça, e começar a ver a imagem se formando. Tinha voltado de Aenir. A Grande Pedra Violeta... Disfarçadamente, olhou para sua mão. A metade da Grande Pedra Violeta não estava ali. Mas será que foi Sushin que a apanhou, ou foi Graile — sua mãe — que deu um jeito de se apoderar dela? Tal se lembrou da bola contendo veneno de aranhas-d'água que Sushin tinha jogado nele. Naquele instante, dissera algo a Graile. Mas o quê? Será que ela tinha conseguido fingir que continuava em coma?

Mas alguém devia ter lhe dado o antídoto, caso contrário, ainda estaria inconsciente. A não ser que o veneno fosse mais fraco quando não era injetado pelos próprios palpos de uma aranha.

Fashnek se deteve, esbarrando num dos suportes de Pedras-do-Sol. Ou estava bêbado, ou estava muito nervoso, percebeu Tal. Aquilo lhe deu alma nova. O fato de seu carcereiro estar nervoso era, sem dúvida alguma, uma boa notícia para ele.

Fashnek continuava a olhar por sobre o ombro direito, que era humano. E seu nervosismo contagiava. Os Espíritos-Sombra também ficavam olhando para trás, em direção a porta.

Tal mantinha os olhos quase fechados para parecer que ainda estava inconsciente. Queria desesperadamente dar uma olhada à sua volta, pois podia sentir o seu próprio Espírito-Sombra, Adras, em algum lugar ali por perto. Mas não seria uma atitude sensata. Era melhor ficar ali, imóvel, aguardando uma chance de surpreender Fashnek.

Bateram à poria. Fashnek pulou de susto, e os dois Espíritos-Sombra correram para o lugar de onde vinha o som. A porta se abriu antes que tivessem conseguido chegar lá, e entrou um guarda, seguido de perto por seu Espírito-Sombra.

— O que há de novo? — gritou Fashnek, quase caindo quando se virou.

— O inimigo chegou aos níveis Vermelhos, mas estamos conseguindo mantê-los ali — disse o Guarda, confiante. — Sushin quer saber o que você descobriu, com o menino, sobre esses... Homens-do-Gelo. Precisamos conhecer seus pontos fracos, e saber identificar seus líderes.

— Ainda... ainda nem comecei — respondeu Fashnek. — Não é tão simples assim...

— Então, ande logo — disse o Guarda. — Sua Violetíssima deseja que lhe seja apresentado um relatório dentro de uma hora.

Dizendo isso, o Guarda deu meia-volta e saiu da Câmara dos Pesadelos, batendo a porta atrás de si.

— Sua Violetíssima? Sua Violetíssima? — resmungou Fashnek — Isso lá é hora de sair adotando esses títulos?!

Tal ficou olhando Fashnek que vinha se aproximando do globo, mancando, enquanto, com a mão humana, tentava tirar uma Pedra-do-Sol da bolsinha que trazia pendurada na cintura. Então, Sushin tinha se autoproclamado Sua Violetíssima... Isso devia ser o primeiro passo para anunciar aos Escolhidos que a Imperatriz tinha morrido e declarar-se Imperador. Talvez precisasse fazer isso para poder aparecer ostentando a Grande Pedra Violeta, a Grande Pedra que usaria para desativar o Véu que protegia o mundo dos raios do sol — e das sombras de Aenir a quem Sushin vinha servindo.

Tal precisava detê-lo. Quase riu quando essa idéia lhe passou pela cabeça. Ali estava ele, aprisionado no globo de cristal da Câmara dos Pesadelos, e o sentimento que o dominava não era o medo: era uma raiva fria, um desejo de escapar dali e enfrentar Sushin, seu chefe, Sharrakor, e todas as sombras de Aenir.

Fashnek deslocou um dos suportes de Pedras-do-Sol. Eles corriam sobre trilhos fincados no chão e, com isso, podiam ser postos em diversas posições. Tal fitou as pedras enquanto Fashnek aproximava mais os suportes. Podia sentir a potência das Pedras-do-Sol lá dentro de seu corpo, de um modo como jamais sentira antes. Não ignorava a natureza incomum dessas pedras que vinham sendo usadas para o mal há tanto tempo. Estavam impregnadas de pesadelos, de medo e de dor. Mas poderia usá-las, por alguns instantes.

Era como um sexto sentido. Sabia que, mentalmente, podia alcançá-las e tentar assumir o controle de sua potência.

Controlar Pedras-do-Sol à distância era a maior proeza em termos da Magia da Luz dos Escolhidos. Controlar pedras alheias era algo inusitado. Mas Tal sabia que podia fazê-lo. Afinal, embora estivesse sem a Grande Pedra Violeta, ele não era o recém-sagrado Imperador dos Escolhidos, mesmo que só de nome?

Concentrou-se, então, na pedra mais próxima. Ia fazê-la pulsar, só para saber se era capaz de controlá-la. Sentiu sua luz azul, levou a mente até ela e...

Ela começou a pulsar. Uma vez... duas vezes... três vezes...

Agora, sabia que podia assumir o controle das pedras, e libertar-se. Lembrou da seqüência de luzes que Ebbitt usara para libertar Milla. Tudo o que tinha a fazer, então, era alcançar as outras pedras. Adras estava por perto, em algum lugar. Com sua ajuda, e contando com o elemento surpresa, Tal podia enfrentar Fashnek e os Espíritos-Sombra que o acompanhavam.

Suspirou, aliviado.

E foi o seu erro. Fashnek se virou imediatamente e levou a mão humana a uma rodinha de bronze que ficava ao lado de uma das máquinas de sonhos. A roda girou com facilidade.

Tal ouviu um ruído sibilante, a seus pés, e começou a sentir um cheiro adocicado e enjoativo. Lembrou-se de Milla contando sua experiência no globo de cristal.

O gás narcótico!

Realmente, uma fumacinha verde começava a flutuar perto de seus pés. Tal prendeu a respiração e se concentrou nas Pedras-do-Sol com todas as suas forças. Conseguiu controlar uma delas, depois, outra. O suor banhava o rosto do menino enquanto ele as mantinha sob controle, alterava a sua cor e passava adiante. Três Pedras-do-Sol... quatro... Eram necessárias sete para ele se libertar dali.

Seus pulmões estavam doendo. Precisava desesperadamente respirar. Cinco Pedras-do-Sol, com as cores piscando. Fashnek girava loucamente a roda, e mais gás ia penetrando ali dentro. Os Espíritos-Sombra estavam mais perto, rodeando o globo.

Seis Pedras-do-Sol... Tal tentou alcançar a sétima. Uma dor terrível dava pontadas em sua cabeça. Com a dor, ele arquejou, e fez uma inspiração.

Por uma fração de segundo, todas as sete Pedras-do-Sol estavam sob seu controle. Mas as cores estavam erradas e, nesse exato segundo, o gás surtiu efeito.

Tal desabou, no fundo do globo de cristal. As sete Pedras-do-Sol reassumiram sua coloração normal.

Fashnek enxugou o suor da testa com a mão boa, e olhou para todos os lados, como se procurasse um jeito de escapar. Mas não havia escapatória. Sushin queria respostas, e só havia uma maneira de obtê-las.

Lentamente, ele foi se aproximando do globo de cristal, erguendo bem alto uma Pedra-do-Sol, enquanto a pinça de sombra que fazia as vezes de seu braço esquerdo ia atravessando o cristal. Fashnek hesitou ainda alguns instantes, e os Espíritos-Sombra não paravam de se remexer às suas costas. Então, a pinça de sombra se moveu novamente e envolveu a cabeça de Tal.

Milla Mão-de-Garra, Capitã-Mor dos Homens-do-Gelo, deixou cair a mão pesadamente ao longo do corpo. A Garra de Danir, que usava num dos dedos e que, há poucos instantes, decepara a cabeça de um Espírito-Sombra, foi se reduzindo até ficar do tamanho de uma unha comprida. O único indicio de seus poderes temporariamente adormecidos era o cintilar de luzes no cristal de que era feita.

— Eles recuaram, ao menos por algum tempo — informou Saylsen, a Decana das Guerreiras Mães. Para falar, ergueu a máscara, revelando um rosto castigado e coberto de cicatrizes, e olhos que já haviam visto trinta ou quarenta circuitos de batalhas no Gelo. Mas nada do que vira antes se comparava àqueles combates no Castelo dos Escolhidos, onde os inimigos utilizavam Magia da Luz e havia Espíritos-Sombra se esgueirando furtivamente pelo chão, pelas paredes e através das portas. — O que pretende agora, Capitã-Mor?

Milla passou os olhos por sua tropa reduzida e exausta que incluía o seu próprio Espírito-Sombra, companhia inusitada para aquela gente do Gelo. Como de hábito, Odris se mantinha afastada da Garra dizimadora de sombras que Milla trazia na mão. Havia também Donzelas Guerreiras e Caçadores, e o aparentemente invulnerável Cavaleiro da Espada Jarek, o Xucro, um guerreiro de cabeça quente cuja pele era de um azul brilhante. Sua pele ficara assim depois de ser impregnada por sangue de Norrvermes, o que a transformara em algo mais forte que a couraça de um Selski, exceto por uma área irregular em torno dos olhos, do nariz e da boca. Jarek andava sem camisa e suas calças eram mais um sinal de sua vitória sobre os Norrvermes, pois eram feitas com a pele escamosa desses animais. A única arma que usava era uma corrente de metal dourado que trazia enrolada na cintura sempre que não estava se servindo dela.

Agora, estava sentado, com as pernas cruzadas e o olhar vago, depois da fúria que o dominara durante a batalha. O acesso se fora tão depressa quanto viera, do contrário, ele ainda estaria perseguindo Escolhidos. Jarek tinha queimaduras e escoriações em vários pontos do corpo, especialmente no rosto. Os Escolhidos acabaram percebendo que, se quisessem matá-lo, teriam de lançar seus Raios Vermelhos da Destruição num de seus olhos ou em sua boca aberta.

Era por causa de Jarek que eles estavam nessa situação, se bem que, na hora, a própria Milla linha achado que era uma boa oportunidade. Depois da morte de Kirr, sua companheira, Jarek os arrastou a todos para um ataque enlouquecido à Escadaria, esmagando, com a corrente dourada, qualquer criatura que lhe passasse pela frente, fosse ela de carne ou de sombra. Tanto Escolhidos quanto Espíritos-Sombra bateram em retirada diante dele, e de Milla e seus Homens-do-Gelo que vinham logo atrás.

Bastara aquele ataque enfurecido para liberar a Escadaria, e a tropa seguiu adiante, penetrando num vasto aposento. E esse foi o seu erro. O aposento foi inundado por reforços, vindos dos níveis mais elevados, que incluíam vários Espíritos-Sombra e Guardas, peritos nos mais destrutivos feitiços de luz.

Diante daquele ataque, por três frentes, e sob uma pesada carga de Raios Vermelhos e outras armas de Magia da Luz, Milla ordenara a retirada. Tudo o que conseguiu, porém, foi ver a sua pequena tropa isolada da Escadaria por uma grande quantidade de Escolhidos que utilizara seu conhecimento das diversas passagens secretas do Castelo para atacar o inimigo pela retaguarda. Na impossibilidade de descer, Milla se embrenhara pelos corredores do Povo Inferior, um

labirinto de passagens mais estreitas que permitiam aos criados se deslocarem pelo Castelo sem perturbar os Escolhidos.

Mas os Escolhidos foram atrás deles e, a cada volta de um corredor, Milla esperava encontrá-los à sua frente. Um número cada vez maior de Escolhidos e de Espíritos-Sombra os estava encurralando ali. Milla tentou romper o cerco passando pelo pelotão que parecia mais fraco, mas eles eram muitos e recebiam reforços com uma rapidez impressionante. Sozinha, com a Garra, Milla teria condições de abrir caminho em meio ao inimigo, no entanto, faria isso à custa de toda a sua gente.

— Vamos ficar aqui — disse ela, em resposta à pergunta de Saylsen. Aqui era um vasto depósito do Povo Inferior, uma caverna toscamente escavada, com uns bons duzentos trechos de diâmetro e um teto altíssimo. O depósito tinha cinco portas, de tamanhos variados, todas agora bloqueadas pelos Homens-do-Gelo. Milla sabia que havia Escolhidos diante de todas as saídas. E as portas não deteriam Espíritos-Sombra, nem impediriam que Escolhidos penetrassem ali.

Tinham de resistir. Não havia outra escolha.

— Vamos fazer disso aqui um navio-fortaleza — prosseguiu Milla, indicando os barris e as grandes sacas cheias que estavam encostados nas paredes. — Vamos defender esse lugar até que nosso exército venha em nosso auxílio.

Saylsen concordou e começou imediatamente a transmitir as ordens aos Homens-do-Gelo. Rapidamente, Milla contou quantos havia ali, enquanto aquela gente corria para reunir barris e erguer muralhas com as sacas. Uma delas se abriu, cobrindo um Homem-do-Gelo com uma avalanche de vagens negras e lustrosas. Aquilo distraiu Milla, por um instante, atrapalhando suas contas. Mas eram tão poucos os sobreviventes, que ela nem precisou recomeçar. Quatorze, ao todo. Ela própria, Odris, Saylsen, Jarek, a Matriarca Malen, cinco Donzelas Guerreiras e quatro Caçadores.

Malen estava sozinha, completamente imóvel, com as mãos em concha nas têmporas. Milla sabia que ela estava tentando entrar em contato com as outras Matriarcas. Jovem e relativamente inexperiente, Malen achava que só conseguiria se integrar àquela estranha mente coletiva das Matriarcas se estivesse quieta, e em silêncio, o que significava exatamente o oposto da situação de uma batalha.

O fato de não poder se comunicar com as Matriarcas, através de Malen, fazia com que Milla não tivesse a menor idéia da posição de seu exército. As tropas podiam estar ainda na Montanha da Luz ou, quem sabe, já estar se aproximando através dos níveis do Povo Inferior. Milla também não sabia a quantas andavam seus pelotões avançados, espalhados por toda parte nos níveis do Povo inferior. Pensando bem, atacar a Escadaria tinha sido um grande erro. Ou, pelo menos, continuar atacando depois que o inimigo tinha recuado.

Um erro pelo qual provavelmente pagaria com a própria vida, e também com as vidas daqueles que comandava.

Malen baixou as mãos mas, mesmo antes de perguntar, Milla já sabia que a Matriarca não tinha conseguido. Bastava olhar o seu rosto e sua atitude derrotada.

— Alguma notícia?

Malen abanou a cabeça. Havia lágrimas em seus olhos, mas não de tristeza, e sim de tanto esforço para se concentrar.

— Não estou conseguindo estancar meus pensamentos — disse Malen. — Essa é a primeira

lição das Matriarcas, mas esqueci tudo... não imaginei que isso pudesse acontecer.

Levantou-se e bateu os punhos cerrados antes de prosseguir.

— Falhei com você, Capitã-Mor — disse ela. — Se porventura sobrevivermos a essa batalha, pedirei para ir embora e me lançar ao Gelo.

Milla franziu as sobrancelhas. Será que foi assim que ela própria se mostrou aos olhos das Matriarcas? Uma Garota-do-Gelo orgulhosa, que preferia morrer no Gelo a enfrentar os problemas com que se defrontava?

— Isso não será necessário — disse Milla, bruscamente. — Você não falhou, nem comigo, nem com nenhum de nós. Matriarcas não vão à guerra, e suponho que seja por essa razão. Tenho certeza que você vai conseguir ouvir as Matriarcas outra vez. Por enquanto, acho que devíamos começar a carregar barris. Logo, logo, os Escolhidos estarão atacando.

Malen bateu os punhos cerrados novamente, mas Milla não se deixou enganar. Conhecia aquele olhar. Malen ia mesmo pedir para se lançar ao Gelo. Bom, pensou Milla, mas isso era um problema para mais tarde. De qualquer maneira, a chance de saírem dali com vida era muito pequena. Deu as costas à Matriarca e foi ajudar um par de Donzelas Guerreiras que lutavam com um barril particularmente grande e transbordante, tentando carregá-lo até a barricada que se erguia rapidamente no meio da caverna.

Tal abriu os olhos. O globo de cristal tinha desaparecido. Estava num lugar qualquer, deitado no chão, e podia ouvir uma voz ao longe. Sentou-se, e viu que estava no Lectorium Sênior, na última fileira de um auditório, entre duas carteiras. O Lectorium estava vazio, a não ser por ele mesmo e o professor que estava falando, lá no púlpito central.

Era Roum, o professor titular da turma de Tal. Um Escolhido alto, de compleição sólida, Estrela-Brilhante da Ordem Azul, e que tinha tanto orgulho disso que tingira a barba de azul e mandara entrelaçar ali minúsculas Pedras-do-Sol.

— Seu pai desapareceu e acredita-se que esteja morto — urrou de repente o professor Roum, com o dedo em riste apontando para Tal.

Enquanto o grito do professor ecoava pelo Lectorium, sua pele se abriu como a casca de uma fruta madura, deixando ver um Espírito-Sombra ali dentro — um Espírito-Sombra imenso, uma massa informe de escuridão que saiu girando do corpo do professor. Era uma onda negra, impossível de ser detida, que vinha flutuando por sobre as carteiras, ávida e implacável, na direção de Tal.

O menino se virou para fugir. Mal deu um passo, porém, e estava em cima de uma das hastes douradas de onde pendiam as redes de Pedra-do-Sol, lá no alto da Torre Vermelha. E pisou no ar, fora da haste.

Deu um grito e tentou se agarrar em algo. Caiu, agitando braços e pernas. Foi só então que compreendeu que estava acordado em sonho. Não, não era um sonho.

Era um pesadelo.

Tal fechou os olhos e o grito se extinguiu. Continuava a se sentir como se estivesse caindo, e fazia frio como quando realmente caíra da Torre Vermelha. Naquela ocasião, sua sombra-guardiã conseguira salvá-lo. Talvez acontecesse a mesma coisa no pesadelo.

Então, esbarrou em algo. Abriu os olhos e percebeu que tinha parado de cair. Estava boiando no reservatório que ficava nos subterrâneos do Castelo. O reservatório onde viviam as aranhas-d'água.

Tal começou a nadar, desesperadamente. Mas não sabia para onde estava nadando. À diferença do reservatório de verdade, este era bem iluminado, com uma luz branca e estável que se estendia até onde seus olhos podiam ver.

De início, não viu nenhuma aranha-d'água mas, de repente, num piscar de olhos, elas estavam todas a seu redor. Aranhas imensas, com aqueles corpos bulbosos, que vinham a toda pela superfície da água. Seus olhos multifacetados brilhavam como Pedras-do-Sol. Seus palpos gotejavam veneno. Se o matassem em sonho, será que morreria de verdade?

— É só um sonho! — gritou ele, em pânico. — É só um sonho!

As aranhas-d'água estavam cada vez mais perto. Eram maiores que as verdadeiras. À medida que se aproximavam, iam ficando maiores, crescendo cada vez mais, e seus palpos iam ficando mais longos e pontiagudos, gotejando mais veneno.

Tal tentou desesperadamente se lembrar do que Milla tinha feito para sobreviver à máquina de pesadelos. Sabia que ela tinha praticado a Respiração Rovkir, uma forma de meditação profunda. Mas ele não sabia fazer isso.

Ocorreu-lhe, então, que conhecia o processo de concentração profunda da Magia da Luz. Talvez, se mergulhasse nele, o efeito fosse o mesmo.

Tal fechou os olhos e se concentrou. Penetrou nas profundezas da pura luz violeta da sétima e mais importante das Grandes Pedras. Desejou que aquela luz preenchesse a sua mente e se espalhasse por todo o seu corpo. Utilizou a cor violeta para rechaçar as imagens das aranhas-d'água, do Merwin de um olho só, de Sushin, Sharrakor, e outros horrores que podiam vir povoar seus sonhos. O pior de todos era o terrível momento em que fizera o teto vir abaixo, matando o Corvo, Ebbitt, e os outros. De uma forma ou de outra, tinha de conseguir deter o pesadelo.

O que havia ali era luz violeta. Apenas luz violeta. Nada mais existia.

Só um cantinho de sua mente continuava gritando: um pequeno reduto que não parava de gritar, inchando-se a cada segundo como se esperasse a picada dos palpos de uma aranha, a dor do veneno fluindo...

Mas não houve picada alguma. A luz violeta invadiu seu corpo todo. Ele se sentiu calmo e seguro. Em pouco tempo, até o mais leve vestígio do medo tinha desaparecido. Ele era o Imperador, o detentor da Grande Pedra Violeta. Estava no comando.

Tal abriu os olhos. A seu redor, havia um halo violeta mas, além desse halo, não havia nada. Ele estava flutuando no nada, na escuridão. Não sentia nenhum sopro de vento, nenhum chão mais abaixo. Estava em algum lugar, fora do alcance dos pesadelos, mas também fora de qualquer outra coisa.

Por um momento, esteve a ponto de entrar em pânico. Mas o halo de luz violeta afugentou esse pânico, inundando-lhe segurança, inundando-o de autoconfiança. Encontraria uma saída. Tinha de encontrar.

As Matriarcas, pensou Tal. As Matriarcas acudiram Milla e ajudaram-na a sair do pesadelo. Precisava chamá-las. Mas como? À diferença de Milla, ele não tinha sido treinado para fazer as Matriarcas entrarem em seus pesadelos. Era algo que se ensinava às crianças do Gelo, e Tal era um Escolhido. É claro que estava ligado aos Homens-do-Gelo. Desnudou o pulso e fitou a cicatriz triangular que havia ali, a marca do juramento que tinha feito. Os cortes tinham sarado completamente, mas ainda eram bem visíveis, finos traços de tecido cicatrizado. Naquele momento, Tal tinha achado que a Matriarca era louca, cortando-o assim, de maneira tão perigosa. Mas, com o tempo, tinha se habituado à cicatriz e mesmo à idéia de que ela o ligava a Milla e ao Clã dos Caçadores.

Tocou a cicatriz com dois dedos. Tentou lembrar da sensação daquele convés de osso, do vento gélido, do murmúrio do cordame do navio do Gelo, do estalar de suas velas. Mentalmente, transportou-se de volta àquele momento. Evocou a imagem da Matriarca do Clã dos Caçadores, que abrira aqueles talhos em seu pulso, e da Matriarca Mãe que fizera a profecia. Tentou chamá-las, lançando um grito silencioso.

Não aconteceu nada. Mesmo assim, Tal não desistiu. Continuou chamando e procurando se lembrar de todos os pequenos detalhes do tempo que passou com os Homens-do-Gelo, no seu mundo. O cheiro da sopa de Selski. A cor exata da Pedra-do-Sol no alto do mastro. O bufar das Wreskas. O ruído distante dos Selskis eternamente perseguindo Slepénishs.

Aos poucos, sentiu que o vazio a seu redor se transformava. Começou a ventar. Um vento gélido. Depois, surgiu luz, aquela luz da Pedra-do-Sol do Clã dos Caçadores. Sentiu as pranchas de osso, sob seu corpo, estremeando e se desconjuntando enquanto o navio deslizava no Gelo.

A escuridão desapareceu. Tal estava perto do mastro principal de um navio do Gelo, no meio

da luz que vinha da Pedra-do-Sol instalada lá no alto. O navio ia a toda, cortando o Gelo como uma estrela rasgando a escuridão.

Havia mais alguém no convés. Tal pensou que fosse uma Matriarca, mas não era. Era um Escolhido. Fashnek. Mas um Fashnek inteiro, sem a sua metade Espírito-Sombra, pois seu corpo se refizera no sonho.

Ele parecia apavorado, erguendo os braços enquanto Tal se aproximava dele com o halo violeta formando uma nuvem ofuscante sobre sua cabeça.

— Fashnek! — gritou Tal, suplantando o barulho do vento. — Sou o herdeiro de Ramellan, Imperador dos Escolhidos, e você será...

Ames que pudesse concluir, Fashnek desapareceu.

— Que a Escuridão o carregue! — praguejou Tal. Pretendia forçar Fashnek a libertá-lo, já que não havia sinal das Matriarcas. Ao que tudo indicava, tinha conseguido derrotar a máquina de pesadelos, mas não era o bastante. Mesmo que pudesse escolher os próprios sonhos, continuava sendo um prisioneiro. E o que será que estava acontecendo lá no Castelo? Nesse exato momento, Sushin podia estar usando a metade da Grande Pedra Violeta para destruir o Véu.

Mal os Homens-do-Gelo trouxeram o último dos barris, rolando-o até aquela fortificação improvisada, as Pedras-do-Sol do teto piscaram e, depois, ficaram muito mais luminosas.

Milla foi a primeira a compreender que as pedras estavam sendo manipuladas à distância. A única razão plausível para elas brilharem com mais intensidade era que, assim, fortaleceriam os Espíritos-Sombra. Era evidente que os Escolhidos estavam prontos para atacar!

— Para a fortificação! — gritou Milla. Acenando para os poucos Homens-do-Gelo que continuavam carregando as sacas que ainda estavam encostadas na parede.

Num minuto, a pequena tropa de Milla estava a postos, amontoada naquele estreito círculo de sacas e barris. Milla olhou para eles, tão deslocados nesse imenso aposento de pedra, com suas peles e máscaras de osso feitas para a vida no Gelo. Tinha falhado ao comandá-los. E não apenas eles, mas todos os Homens-do-Gelo. O destino de seu mundo fora entregue em suas mãos, e ela fracassara.

— Estão vind o aí — sibilou Saylsen.

Milla olhou por sobre a barricada. Espíritos-Sombra vinham penetrando por todas as portas ainda fechadas, deslizando pelo chão e, depois, erguendo-se junto às paredes. Havia Espíritos-Sombra de todo tipo, desde os humanóides de cintura fina dos guardas até coisas estranhas, semelhantes a insetos, com corpos formados de diversas partes e dotados de várias patas.

Um número cada vez maior de Espíritos-Sombra continuava entrando ali e se enfileirando junto às paredes. Havia, pelo menos, uns cem deles e, a cada segundo, outros tantos vinham fluando para se juntar às maciças fileiras que cercavam os Homens-do-Gelo por todos os lados. Não havia sinal de qualquer Escolhid o que tentasse abrir as portas atrás deles. Milla se perguntava se seriam sombras independentes, precursoras de um exército invasor vindo de Aenir.

— Essas sombras não são independentes, não — disse Odris, que muitas vezes podia ler os pensamentos de Milla. — Espero que alguns deles não se afastem das portas até seus amos chegarem. Assim, vão ter de se virar para reagir rápido.

— Não acho que isso faça muita diferença — resmungou Milla.

— Os Escolhidos estão pretendendo nos derrotar com sombras — observou Saylsen. — Covardes!

Não, isso não é covardia, pensou Milla. Para os Escolhidos, era simplesmente uma questão de bom senso preservar-se ao máximo dos ferimentos e da morte. Além disso, deviam estar sabendo que, a não ser pela Garra de Milla e a corrente dourada de Jarek, os Homens-do-Gelo tinham poucas armas eficazes contra Espíritos-Sombra. Apenas uma espada de chifre de Merwin e algumas lanças revestidas de algas luminosas. Há muito que os sacos-de-sombras e as garrafas-de-sombras tinham acabado.

Enquanto os Espíritos-Sombra ondulavam e assumiam suas posições, Milla passou em revista tudo o que poderia ser feito, todas as armas ou táticas que poderiam empregar.

— Uma Donzela Guerreira pensa em tudo o que é possível e imaginável e, depois, faz o impossível e o inimaginável.

Só reparou que tinha dito aquilo em voz alta quando Saylsen a fitou com um ar de aprovação.

Nesse exato momento, ocorreu-lhe uma arma que não havia pensado em usar e que era especialmente eficaz contra Espíritos-Sombra, quando utilizada do jeito certo.

Sua Pedra-do-Sol. O único problema era que, na verdade, Milla não sabia usá-la direito. Tal tinha lhe dado umas poucas aulas sobre isso, e ela tinha praticado um pouquinho no sistema de aquecimento, enquanto saía do Castelo. Mas era só.

Milla olhou para a pedra e ficou observando as fagulhas luminosas que havia dentro dela. O que deveria tentar fazer? Um Raio Vermelho da Destruição? Já tinha visto vários desses raios. Mas Tal não dizia que a luz violeta era a mais poderosa de todo o espectro? A essa altura, com os Espíritos-Sombra em vantagem numérica de vinte contra um, era melhor tentar um Raio Violeta da Destruição.

Ou, melhor ainda, uma Onda Violeta da Destruição.

— Milla? O que você está fazendo? — perguntou Odris, aflita, ao ver Milla erguendo a mão e inclinando a cabeça para se concentrar na Pedra-do-Sol.

Milla a ignorou. A quantidade de Espíritos-Sombra passando pelas portas tinha diminuído, e as fileiras que formavam estavam quase completas. Logo, logo, estariam atacando, se ela não fizesse alguma coisa.

Focalização, concentração e visualização — era o que Tal tinha dito. Milla levou a mente até a Pedra-do-Sol, deixando todo o resto de fora. Era mais ou menos como o segundo estágio da Respiração Rovkir, pensou Milla, e ficou espantada ao ver que tinha efetivamente começado a respirar de acordo com esse exercício.

Violeta. Violeta. Milla desejou que a Pedra-do-Sol produzisse luz violeta. Precisava fazer surgir uma grande massa de luz violeta no interior da pedra e, então, liberá-la como uma avalanche sobre os Espíritos-Sombra. Mesmo que só as fileiras à sua frente fossem atingidas, aquilo já serviria para lhes dar uma chance.

Milla se lembrou de uma avalanche de verdade que tinha visto, uma vez. Tinha sido num encontro entre o Clã dos Caçadores e seu co-irmão, o Clã dos Guerreiros do Gelo. Ambos os clãs tinham deixado seus navios com tripulação reduzida para celebrar e festejar no pico mais baixo da Montanha Bicornes. A festa era grande, mas arriscada, pois a montanha tinha fama de ser perigosa. Foi por pura bravata que escolheram aquele local. Mesmo assim, as Matriarcas insistiram para que se tomassem algumas precauções e centenas de lâmpadas-mariposas tinham sido instaladas em círculos concêntricos, contornando as fogueiras centrais.

No meio da festa, o pico mais alto da Montanha Bicornes estremeceu, lançando uma imensa onda de gelo e neve montanha abaixo. Primeiro, ouviu-se o barulho na escuridão: um rugido profundo, mais alto que o de qualquer fera. As lâmpadas do círculo mais externo apagaram-se num instante e, por alguns momentos, o círculo interior iluminou a avalanche que caía sobre o acampamento. Milla se lembrava bem daquilo. Era um paredão de morte gelada que arrastou consigo todos os que não foram rápidos o bastante para se abrigar por trás dos blocos de rochas.

Agora, Milla estava imaginando uma avalanche feita de sólida luz violeta. Mandou que brotasse da pedra usando toda a capacidade de concentração e toda a disciplina que faziam dela uma guerreira tão perigosa.

Jorrou luz violeta. Os Homens-do-Gelo perderam o fôlego. Odris se afastou ainda mais e disse algo que Milla nem ouviu, pois estava absolutamente concentrada. Podia sentir a avalanche se aproximando, podia sentir o poder da pedra que crescia. Sua mão tremia, todo o seu corpo estremeceu, como se uma avalanche de verdade estivesse desabando sobre ela.

Instintivamente, algo lhe disse para esticar a mão para a frente e liberar aquela potência — e, nesse exato momento, alguns dos Espíritos- Sombra atacaram.

Milla lançou um grito de guerra quando a luz violeta jorrou de sua Pedra-do-Sol e se espalhou como uma onda. Era tão larga quanto a barricada e do tamanho de um Homem-do-Gelo, e precipitou-se para a frente com um ruído ensurdecedor. A onda arrastou todos os Espíritos-Sombra que estavam diante dela, lançando-os com toda força de encontro às paredes e às portas.

Os Homens-do-Gelo comemoraram, mas só por um breve instante. Um ataque tinha sido rechaçado. Mas ainda havia três tropas vindo pelos outros flancos.

— Vendam caro as suas vidas! — gritou Milla, correndo para o ponto que os Espíritos-Sombra alcançariam primeiro. Surpreendeu-se ao ver que Odris corria à sua frente, e do lado em que ela usava a Garra. Antes, não havia nada que fizesse Odris se aproximar tanto assim.

— Ela está voltando! — advertiu Odris. — Cuidado!

Milla olhou para trás. A onda violeta batera na parede e estava voltando em sua direção. Vista por esse ângulo, parecia maior e mais ameaçadora, e não dava sinais de estar se reduzindo. Ao bater na parede, virara-se um pouco para um lado. Só parte dela atingiria a fortificação dos Homens-do-Gelo.

— Para cá! — gritou Saylsen a plenos pulmões, esforçando-se para se fazer ouvir apesar do rugido da onda. — Para cá!

Todos estavam correndo para o lado mais seguro quando a onda violeta acertou a barricada.

Horrorizada, Milla a viu erguer aqueles barris imensos e lançá-los para o teto. Voaram sacas para todo lado. Uma Donzela Guerreira, já ferida e mais lenta, foi erguida pela onda, lançada de volta ao chão e, depois, projetada lá para o topo da onda. Se dois de seus companheiros não a tivessem agarrado, ela teria quebrado o pescoço.

E a onda de luz seguiu adiante. Espíritos-Sombra que, um momento antes, estavam atacando fugiam em todas as direções enquanto os Homens- do-Gelo agachavam-se como podiam, protegendo-se da chuva de destroços.

— Muito bem! — gritou Saylsen, dirigindo-se a Milla. — O inimigo está fugindo! Deixe essa onda passar ainda uma vez e, depois, faça-a parar!

— Fazê-la parar? — gritou Milla em resposta. — Mas eu nem sei como a fiz começar!

Tal já estava desistindo das Matriarcas, e de qualquer esperança de escapar daquele sonho, quando vislumbrou uma figura vestida de negro que vinha se aproximando sobre o Gelo. Era uma Matriarca que patinava sem patins, movendo-se tão depressa quanto o navio do Gelo, embora este estivesse navegando a todo pano. Tal tentou reduzir a velocidade do navio, mas tudo o que conseguiu foi alterar a cor da Pedra-do-Sol no alto do mastro. Aparentemente, precisava saber como uma coisa funcionava para poder sonhá-la adequadamente. Ou, então, pensar que tinha de conhecer alguma coisa fazia com que parasse de sonhar com ela. Acabaria enlouquecendo se continuasse a pensar assim, em círculos.

Desviou os olhos, por um instante. Quando olhou novamente, a Matriarca estava ali, pertinho dele. Tal tomou um susto e, então, reconheceu a Matriarca do Clã dos Caçadores, a primeira Matriarca que vira na vida.

Ela sorriu para ele, com os olhos prateados cintilando, mas não disse nada.

— Por favor, pode falar à vontade — disse o menino. — Afinal de contas, o sonho é meu.

A Matriarca sorriu de novo, mas continuou calada. Parecia estar esperando.

— Será que tenho de fazer alguma coisa? — indagou Tal, com toda gentileza. Não conseguia se lembrar do que Milla dissera que acontecia quando as Matriarcas apareciam. Mas, talvez, essa não fosse realmente uma Matriarca. Talvez ele estivesse apenas sonhando com uma Matriarca, em vez de uma Matriarca de verdade ter entrado no seu sonho. E, assim, ela não poderia efetivamente ajudar...

— Pare com isso! — resmungou ele, com seus botões.

— Com o quê? — indagou uma voz bem familiar.

Tal se virou para ver. Adras estava flutuando atrás dele, mas em sua forma aenirana de Pastor de Tempestades, e não como um Espírito-Sombra. O que era impossível. Afinal, todos os aeniranos viravam Espíritos-Sombra no Mundo das Trevas.

— Onde é que nós estamos? — perguntou Adras, cocando a cabeça de nuvem com um dos dedos fofos.

— No meu sonho — disse Tal. — Você é você mesmo, ou sou eu sonhando com você?

— O quê?! — indagou Adras. — A última coisa de que me lembro é ter adormecido.

— Tudo bem, mas eu poderia facilmente sonhar que você estava dizendo isso — disse Tal. — Ah! pouco importa! Tomara que a gente acorde logo.

Virou-se novamente na direção da Matriarca e tomou outro susto. Agora, o convés estava repleto de Matriarcas. Milhares delas. E uma estava sentada numa cadeira de osso, de espaldar alto.

— Quem são essas? — perguntou Adras, inflando-se até atingir seu tamanho natural. Relâmpagos começaram a crepitar em seus dedos. — Inimigas?

— Não! — disse Tal, rapidamente. — São gente do Gelo. Como Milla.

— Mas elas são muito mais feias que Milla — observou Adras. Deixou porém que os relâmpagos se dispersassem no ar.

As Matriarcas vieram se aproximando. Tal ficou olhando para elas, nervoso, mas não se

moveu quando se agruparam à sua volta. Teve de fechar os olhos, pois não conseguia encarar aqueles olhares.

Sentiu que as Matriarcas o erguiam e abriu os olhos novamente. Viu o mastro, com a Pedra-do-Sol lá no alto, e, além dela, a escuridão.

As Matriarcas o atiraram para o ar. Era divertido ser jogado para cima e apanhado de volta. Da primeira vez, chegou até a metade da altura do mastro. Da segunda, ficou emparelhado com a Pedra-do-Sol do topo.

Da terceira vez, não caiu de volta. Simplesmente, continuou subindo e subindo naquele céu escuro. Houve, então, um tremendo clarão e, de repente, Tal estava inteiramente acordado, agachado dentro do globo de cristal. Fashnek estava a uns poucos trechos de distância, girando freneticamente a roda que comandava o gás esverdeado. Novamente, uma nuvem de vapor começou a flutuar junto dos pés de Tal, mas ele a ignorou.

Sem hesitação, levou a mente às sete Pedras-do-Sol que estavam à sua volta e assumiu o controle delas. Uma a uma, elas piscaram e, então, firmaram-se na cor adequada — o código para destrancar o globo de cristal.

Ouviu-se um leve estalido e o globo se abriu ao meio. Tal empurrou as duas partes, até abri-las completamente, e pulou fora dali. Fashnek soltou um guincho, um guincho estranhamente esganiçado para um Escolhido. Deixou cair a Pedra-do-Sol que segurava na mão direita e recuou, trôpego, com suas duas metades inteiramente em pânico.

Tal se apoderou da Pedra-do-Sol que saíra rolando pelo chão.

— Não, não, não fui eu — gemeu Fashnek, de um só fôlego. E acrescentou: — Peguem-no! Matem-no!

Seus dois Espíritos-Sombra obedeceram. O Gorgomongo quicou duas vezes e atirou-se sobre a cabeça de Tal, enquanto a sombra de cintura de vespa lançou-se para a frente tentando agarrar as pernas do menino.

Mais uma vez, Tal agiu instintivamente, quase sem pensar. Deu um passo atrás, na direção do globo. Ainda sintonizado com as sete Pedras-do-Sol, invocou uma tênue linha violeta de cada uma delas, para formar uma cerca de luz violeta à seu redor.

O Gorgomongo chocou-se com a cerca, no momento em que ela se formou, e foi cortado em dois como uma maçã. As duas metades caíram de mau jeito no chão e se afastaram dali, quicando. Por um instante, aproximaram-se uma da outra, quase conseguindo juntar-se de novo. Foi então que se ouviu um pop, e o Gorgomongo desapareceu, voltando para Aenir ou sendo destruído para sempre.

Já o Espírito-Sombra de cintura fina foi mais rápido. Conseguiu desviar e só perdeu uma das mãos naquele fio violeta.

Tal ergueu a Pedra-do-Sol que tinha apanhado no chão. O Espírito-Sombra levantou a mão que tinha sobrado, admitindo a derrota, e sumiu. Seu desaparecimento tão rápido deixou Tal preocupado. Aquilo mostrava que os Espíritos-Sombra independentes podiam voltar para Aenir quando lhes desse na telha. Tinha esperança que fosse muito mais difícil vir para o lado de cá, se bem que, com o Véu enfraquecido e talvez já falhando, era possível que não fosse.

— Poupe-me, nobre senhor — gemeu Fashnek, prostrando-se por terra. — Sou apenas um humilde servidor da Imperatriz.

— A Imperatriz está morta — disse Tal, asperamente. — Além disso, sei que seu verdadeiro

chefe é Sushin. Onde está meu Espírito-Sombra?

— Um trato. Um acordo. Seu Espírito-Sombra em troca de minha reles vida — choramingou Fashnek — Oh, sua generosidade...

Tal ergueu bem alto sua Pedra-do-Sol. Ela começou a emitir luz vermelha que banhou Fashnek com sua luminosidade, fazendo o suor em sua testa parecer gotas de sangue.

— Na garrafa-de-sombras, logo ali!

Tal olhou para onde ele estava apontando. Havia uma garrafa de metal dourado sobre uma das mesas. Mas havia outras garrafas e recipientes espalhados por toda a sala.

— E você que vai abrir — determinou Tal. — E pode ser que eu o deixe viver.

— Claro, claro, grande senhor — respondeu Fashnek. Levantou-se lentamente e saiu mancando em direção à mesa. Tal se manteve afastado, com a Pedra-do-Sol a postos.

— Você será o Imperador, tenho certeza — murmurou Fashnek, lutando para retirar a tampa da garrafa. — Vi luz violeta em você. Conheço essas coisas. E um Imperador sempre precisa de um Senhor dos Pesadelos, não é mesmo? Vou servir-lhe como servi a Sua Majestade. Sushin, por quê? Ele não é ninguém, um nada...

— Cale-se! — ordenou Tal. — Se jamais vier a ser Imperador, não haverá nenhuma Câmara dos Pesadelos!

— Isso é o que você diz agora, amo, isso é o que... ah!

Com aquele último puxão da mão boa de Fashnek, a tampa se abriu. Lá de dentro, saiu uma sombra, um grande fluxo de escuridão rosnando que, em pouco tempo, assumiu a forma tão familiar de Adras. Um Adras furioso, com relâmpagos-de-sombra crepitando não apenas em suas mãos, mas também em seus olhos.

— Morra, carcereiro!

Dizendo isso, Adras agarrou a metade sombra de Fashnek pela cabeça insetóide e começou a torcê-la enquanto, por todo lado, crepitavam relâmpagos-de-sombra e ribombavam trovões.

Fashnek deu um berro. Tal se adiantou, gritando:

— Não!

Mas era tarde demais. Adras soltou um grito de triunfo quando arrancou a cabeça do Espírito-Sombra. Jogou-a no chão e a pisoteou, deixando o corpo de Fashnek tombar por terra.

— Ninguém vai prender Adras numa garrafinha de novo! Nunca mais!

Tal se ajoelhou perto de Fashnek. O Senhor dos Pesadelos o fitou com os olhos vidrados, em choque. A metade sombra que o mantinha vivo já estava se desvanecendo. Onde antes existia a sombra, não havia pele, e Tal podia ver ossos e órgãos internos, embora tentasse não olhar para ali.

— Foi um erro — sussurrou Fashnek — Um erro terrível. Eu tinha medo de morrer... e, no entanto, há coisas piores que a morte... Foi Sharrakor que me feriu, em sua forma de dragão, e foi ele que me devolveu a vida. Eu nunca deveria ter aceitado isso das mãos dele. Mas talvez tudo isso tenha sido apenas um pesadelo, só tenha acontecido nas minhas máquinas de sonhos...

— Não — disse Tal, pensando em Bennem, nos pais do Corvo, em Jarnil, e em todas as pessoas que haviam sido atormentadas por Fashnek e suas máquinas, muitas delas chegando mesmo a morrer. — Você era o pesadelo.

Mas Fashnek não o ouviu. Já estava morto.

Não havia sobrado nenhum Espírito-Sombra na caverna, o que era ótimo, pensou Milla. Mas também não havia sobrado nada de sua fortificação improvisada. E sua pequena tropa de Homens-do-Gelo já estava ficando cansada de correr de um lado para o outro, esforçando-se para evitar a Onda Violeta. Ela não tinha diminuído nem um pouquinho, e tampouco tinha perdido sua força, mas, agora, estava se movendo sem direção definida, dificultando qualquer previsão cada vez que ricocheteava numa das paredes.

— Para a esquerda! — gritou Saylsen. Todos correram para a esquerda, até a Guerreira Mãe gritar — Parem! — e, depois — Com mil Escuridões! Um pouquinho para a direita!

A Onda Violeta não os atingiu por uns poucos trechos, passando como um raio rumo à parede mais afastada. Daqui a alguns instantes, lá viria ela de novo, em outra direção.

— Já tentou reverter seja lá o que for isso que você fez? — perguntou Malen. Não olhou para Milla. Como todos os demais, ela mantinha os olhos fixos na onda.

— Não — dardejou Milla. Cada vez que procurava focalizar a Pedra-do-Sol, a Onda Violeta passava de volta. Alguém a agarrava, tirando-a do caminho, e ela perdia a concentração. Além disso, só conseguia pensar na avalanche. Tentar não pensar na avalanche só fazia fortalecer a imagem em sua mente. Portanto, mesmo que conseguisse se concentrar na Pedra-do-Sol, certamente acabaria criando outra Onda Violeta. E, sem dúvida, duas delas matariam a todos.

— Precisamos tentar de novo uma das portas — disse Saylsen, rispidamente. — Não podemos ficar fugindo dessa coisa para sempre.

— Odris! Dê uma olhada para ver o que há por trás dessa aqui — ordenou Milla, apontando para uma das portas. Das cinco portas, só faltava experimentar duas. Uma porta de pedra e parte do corredor que ficava além dela tinham sido inteiramente demolidos pela onda e, agora, era impossível passar por ali. Duas outras estavam protegidas por tantas barricadas que não havia a menor possibilidade de sair por elas.

— Vão arrancar minha cabeça se eu a enfiar ali — protestou Odris. — Vá você, se quiser!

— Não posso passar a cabeça por uma porta fechada — disse Milla. — Mas você pode. Ou será que prefere ser eliminada pela onda?

— Eu não estou cansada — replicou Odris, teimosa. — Posso ficar longe da...

— Para a esquerda! — gritou Saylsen. — Para a esquerda!

Odris era a única criatura que não estava de olho na onda. Quando Saylsen gritou, ela foi para a direita, e não para a esquerda.

— É para cá! — gritou Milla. — Para cá!

E a onda atacou. Quando se viu diante dela, Odris não foi atrás de Milla. Em vez disso, correu na frente da onda, erguendo-se no ar e atirando-se pela porta que Milla indicara antes. Mal ela tinha passado por ali, a onda estourou com um ruído ensurdecedor. Mais uma vez, bateu e voltou, para desespero de todos os Homens-do-Gelo.

— Com certeza, ela vai parar logo — disse Malen, esbaforida. — Não imaginava que as Pedras-do-Sol tivessem tanta força.

— Nem eu — murmurou Milla. Todos os encantamentos de Magia da Luz que vira antes só

duravam enquanto o seu autor estivesse concentrado. Essa coisa que havia criado parecia ter vida própria.

Ansiosa, Milla fitava a porta por onde Odris tinha saído. Podia sentir a ausência do Espírito-Sombra — uma dor meio difusa, difícil de localizar, mais parecendo uma dor de dente. Mas, pelo menos, não havia nenhuma sensação pior. Se Odris tivesse sido ferida por outros Espíritos-Sombra, Milla teria sentido algo de sua dor.

— Para a porta — determinou Milla depois de dar uma olhada para verificar se teriam condições de evitar a onda quando ela voltasse. — Odris não está lutando. O que significa que talvez possamos passar por ali.

Estavam a meio caminho da porta quando esta se abriu. Mas, ao invés de Odris, surgiu uma Escolhida, com uma Pedra-do-Sol na mão e um estranho Espírito-Sombra às suas costas, uma espécie de pássaro imenso com sobranceiras que pareciam chifres.

Milla chegou a abrir a boca para ordenar um ataque, mas parou ao ver surgir um outro Escolhido por trás daquela mulher. Desta vez, era alguém que conhecia. O excêntrico tio-avô de Tal. Ebbitt, usando um estranho traje luzidio, feito de pratos de cristal das mais variadas cores. Rematando tudo, ele trazia na cabeça uma panela de metal dourado e, para acolchoá-la, usava uma echarpe de cor anil brilhante.

Milla não pôde conter um sorriso. Desde seu primeiro encontro com Ebbitt, quando Tal a levava aos aposentos de seu tio-avô, tinha gostado do velho. Aquilo parecia ter acontecido há muito tempo. Agora, Tal estava sabe-se lá onde, ela estava cercada... mas a simples visão de Ebbitt lhe trouxe esperança.

— Depressa! Depressa! — bradou Ebbitt. — Isto é uma fuga!

Ninguém precisava apressar os Homens-do-Gelo. A onda já vinha estourando em cima deles. Apesar do cansaço, correram todos para a porta, que era larga o bastante para que três pessoas passassem por ali de uma só vez.

— O que é isso?! — exclamou Ebbitt ao ver a onda. A mulher que estava com ele também exclamou alguma coisa e, então, ambos ergueram suas Pedras-do-Sol, como se fossem uma só, e dois raios gêmeos de intensa luz branca foram disparados em direção à onda.

Quando os Raios Brancos a atingiram, a onda vacilou e perdeu velocidade. Mas não parou completamente, nem desapareceu como os dois Escolhidos pareciam esperar que acontecesse.

— É forte demais! — disse a mulher, arquejando. — Não consigo contê-la!

A luz de sua pedra se extinguiu e ela caiu para trás, sendo gentilmente amparada pelas patas de seu Espírito-Sombra.

Ebbitt manteve seu Raio Branco, mas a onda começou a recuperar velocidade. O ancião foi recuando e cruzou a porta junto com o último Homem-do-Gelo, o Xucro Jarek, que ainda estava naquele estado que se seguia aos acessos de fúria. Era capaz de andar e de lutar bem rapidamente, mas não falava e seus olhos continuavam estranhos e distantes.

— Preparem-se... para... bater a porta — determinou Ebbitt. Seu rosto estava banhado de suor, como se ele estivesse carregando nas costas um peso enorme. Sua Pedra-do-Sol brilhava tanto que Milla não conseguia olhar para ela, e o Raio Branco era igualmente ofuscante.

— Agora! — gritou Ebbitt, e o Raio Branco se extinguiu.

Milla e Saylsen recuaram, correndo, e bateram a porta no exato momento em que a onda a

atingiu pelo lado de dentro.

As pedras rangeram e a porta estremeceu. Por um momento, Milla achou que ela ia voar pelos ares, mas tudo se aquietou. A onda tinha ricocheteado novamente.

— Depressa, mais depressa, muito mais que depressa! — disse Ebbitt passando à frente dos Homens-do-Gelo. — Precisamos sair daqui!

Conduziu o grupo por um corredor, passando por quatro Escolhidos mortos, ou inconscientes, até uma bifurcação em T onde Odris estava ocupadíssima arrancando pedras soltas no final do corredor e empilhando-as de encontro a uma porta.

Ebbitt foi para o lado oposto, em direção a uma parede aparentemente sólida que ele começou a apertar cuidadosamente em vários pontos. Não aconteceu nada. Por um momento, ele pareceu desconcertado e, então, saiu pressionando pontos inteiramente diferentes. A resposta foi um ruído surdo e profundo, vindo do chão. A parede girou revelando uma estreita passagem e um lance de escadas que descia.

— A saída. Vão ajudar Odris! — gritou Ebbitt, indo ele próprio arrancar uma pedra da parte da parede que Odris começara a demolir. A pedra, maior do que ele esperava, se deslocou subitamente e caiu no chão, por pouco não atingindo seus pés.

Quando ela parou de rolar, surgiu um ponto de luz azul na porta e havia fumaça saindo dele. A luz começou a fazer um chiado e lascas de madeira começaram a voar, atravessando a porta e passando por baixo dela. Alguém a estava arrombando pelo outro lado.

— Mais pedras! — trovejou Odris. Os Homens-do-Gelo correram em seu auxílio, formando uma cadeia que ia transportando as pedras que o Espírito-Sombra, muito mais forte que eles, arrancava da parede.

Em poucos minutos, a porta estava soterrada por trás de uma pilha de pedras. Ainda se via luz azul pelas frestas mas, mesmo depois que os Escolhidos tivessem arrombado a porta, as pedras empilhadas iriam detê-los por algum tempo.

— Vamos descer, na devida ordem — disse Ebbitt. — Depressa! Tenho de fechar a passagem.

Embora Saylsen tivesse tentado ser a primeira, Milla foi descendo à frente dos demais. Não porque não confiasse em Ebbitt, mas porque, se houvesse ali algum tipo de armadilha, ela, ao menos, poderia enfrentá-la com a Garra.

A escada levava a um aposento muito úmido, com paredes que porejavam água. Por todo lado, havia algas que estavam morrendo, deixando claro que aquele lugar tinha estado submerso até bem recentemente.

Milla ouviu o ruído da parede que se fechava acima deles assim que o último de seus homens penetrou naquele aposento. Logo depois, apareceu Ebbitt. O velho saiu pressionando várias pedras do chão, numa combinação particular, o que fez com que uma parte da parede deslizesse, bloqueando a escada atrás deles.

— Tem outra saída, não tem? — perguntou Milla. Ebbitt tirou seu elmo-panela e enxugou a testa com um lenço de retalhos que apanhou debaixo do prato que lhe cobria o ombro.

— Saída? Saída? Mas acabamos de entrar — respondeu Ebbitt. — É claro que existe outra saída. Entretanto, temos de torcer para que ninguém mais saiba como comandar o Sistema de

Escoamento.

Milla olhou à sua volta, vendo as algas e a água que pingava, e suspirou. Era bom ter escapado da Onda Violeta e dos Escolhidos, mas continuava isolada do resto de seu exército. Podia sentir a frustração em cada músculo de seu corpo. Queria sair correndo e gritando para atacar o inimigo, mas não seria sensato.

— Malen, veja se consegue entrar em contato com as Matriarcas — disse Milla. — Vamos descansar aqui por alguns momentos.

— Nós lhes agradecemos por nos terem resgatado — disse Milla dirigindo-se a Ebbitt e à Escolhida em tom formal.

— Não tinha visto nada como aquela onda desde o Dia de Mercur — disse Ebbitt, pensativo.

— Então, você nunca tinha visto nada assim, porque você não é tão velho, tio — disse a mulher. Com a ajuda de seu Espírito-Sombra, ela se pôs de pé e fitou os Homens-do-Gelo reunidos ali. Avistou Saylsen. — Você é Milla?

Milla se virou e ficou na ponta dos pés. A Escolhida era bem mais alta. Parecia ter se ressentido muito mais que Ebbitt do esforço para controlar a Onda Violeta. Estava pálida e seu Espírito-Sombra a ajudava, discretamente, a se manter de pé.

— Sou Saylsen, Guerreira Mãe. Esta é Milla Mão-de-Garra, Capitã- Mor dos Homens-do-Gelo — declarou Saylsen, apontando para a menina. — Quem é você?

— Sou Graile Parel-Kessil — respondeu a mulher. Ela parecia um tanto espantada vendo a idade de Milla e a apresentação feita por Saylsen. — Sou a mãe de Tal.

— A mãe de Tal! — exclamou Milla. — Mas ele disse que você estava doente, como se fosse morrer.

— Eu estava envenenada — disse Graile. — Tal conseguiu o antídoto para mim.

— Tal está aqui? — indagou Milla. — Isso é ótimo. Por que não veio com vocês?

— Ele foi capturado quando veio me ver — explicou Graile. — Ebbitt afirma que foi levado para a Câmara dos Pesadelos. Foi o Códex que lhe disse.

Milla franziu a testa. Sua prioridade máxima era ir ao encontro de suas tropas e descobrir onde estava o grosso do exército. Mas Tal na Câmara dos Pesadelos? Mesmo com todos os seus defeitos, ela não queria que ele morresse, ou acabasse como Bennem, vagando dentro da própria mente para o resto da vida.

— Tal tem de ser salvo, embora eu ainda não saiba exatamente como podemos fazer isso — declarou Milla.

— Ebbitt me disse... — principiou Graile.

— Quando foi que você falou com o Códex? — interrompeu Malen.

— Hã... bem recentemente. O Códex também me disse que Sushin está com a Pedra-do-Sol de Tal — disse Ebbitt. Desta vez, sua voz não tremeu, e ele não parecia meio louco, embora seus dedos estivessem tamborilando nervosamente no prato de cristal que trazia ao peito. — Metade da Grande Pedra Violeta, disse o Códex. Eu não podia acreditar, pois fui eu mesmo que a dividi ao meio. Mas, depois, vi a Onda Violeta, e acho que aquilo foi obra sua, Milla Mão-de-sei-lá-o-quê. Deve ser verdade, então.

— Fui eu mesma — disse Milla.

— Posso ver sua Pedra-do-Sol? — perguntou Ebbitt.

Sem dizer nada, Milla ergueu a mão para lhe mostrar o anel. A Pedra-do-Sol tinha a aparência habitual, com um brilho amarelo pontilhado de fagulhas vermelhas. Ebbitt ergueu sua própria Pedra-do-Sol e lançou um fino raio violeta sobre a pedra de Milla. Quando o raio a tocou, a Pedra-do-Sol da menina explodiu em luz violeta que pulsava, banhando todo o aposento com o seu brilho.

— É a Grande Pedra Violeta! — exclamou Graile. — Ou, pelo menos, parte dela.

— Hmmmpff — bufou Ebbitt. Ele parecia aborrecido por não ter percebido aquilo antes. Então, lentamente, com as juntas estalando e a armadura de cristal tilintando, pôs um joelho por terra, dizendo: — Acho que isso faz de você a Imperatriz, ou algo do gênero.

— Não, é Tal que deve se tornar Imperador, quando chegar a hora — atalhou Graile rapidamente. — O candidato tem de ser confirmado pela Assembléia. E Tal é um Escolhido, e também possui uma Grande Pedra Violeta.

— Não se Sushin a tiver roubado — resmungou Ebbitt. — Eu prefiro a idéia de uma Imperatriz vinda do Gelo. Mas vamos ter de nos livrar da velhota, é claro.

Graile estremeceu ao ouvir Ebbitt propor essa traição, e desviou os olhos.

Milla ficou fitando o ancião. Ela estava cansada e, embora jamais admitisse isso, levemente impactada pela batalha que haviam travado. De que é que eles estavam falando?

— Possuir a Grande Pedra Violeta faz de mim a Imperatriz dos Escolhidos? — indagou ela. — Mas isso não significa que, se Sushin tem a outra metade, os Escolhidos vão dizer, agora, que ele é o Imperador? E Tal tem de ser resgatado, sendo ou não Imperador.

— Ah, o Corvo já saiu para resgatar Tal — disse Ebbitt, com um ar distraído, girando a mão como se, de repente, ela tivesse adquirido vida própria. — E, já que Sushin foi destruir o Veu com a metade da Grande Pedra Violeta, é bem improvável que alguém possa chamá-lo de Imperador.

Milla abanou a cabeça. Era como se não estivesse ouvindo bem. O Corvo e Tal eram praticamente inimigos mortais.

— Você mandou o Corvo salvar Tal? E quem vai impedir que Sushin destrua o Veu?

Ebbitt parou de girar a mão. Encolheu o braço e curvou a mão como se estivesse imitando um pássaro para crianças, mexendo com o polegar e os outros dedos como se fosse um bico. Então, a sua mão-fantoches se pôs a falar e Ebbitt disfarçou a voz de forma tão realista que os Homens-do-Gelo pularam de susto.

— O Corvo está se sentindo culpado com relação a Tal, portanto, vai fazer tudo para salvá-lo. Acho que vai dar tudo certo. Quem vai deter Sushin? Ora, Milla, é claro! E Ebbitt e todos os Homenzinhos-do-Gelo vão ajudá-la.

— Devemos matá-lo? — perguntou Saylsen, franzindo as sobrancelhas. Esse tipo de loucura podia ser contagioso.

— Não — suspirou Milla. — Temo que ele esteja falando a verdade. Precisamos deter Sushin. Só não sei como, nem onde poderemos encontrá-lo.

— A Sétima Torre — disse Ebbitt, deixando cair a mão e falando com sua voz normal. — A Torre Violeta. É lá que todos os fios vão se juntar, para o bem... ou para o mal.

Tal baixou os olhos e fitou aqueles despojos patéticos do que fora Fashnek. Adras ficou ali, junto dele, ainda ribombando com trovões longínquos.

— Foi Sharrakor que me feriu, em sua forma de dragão, e foi ele que me devolveu a vida. Eu nunca deveria ter aceitado isso das mãos dele — disse Tal, baixinho, repetindo as últimas palavras de Fashnek — Em nome da Luz, o que significa isso? Como é que um dragão pode ter mãos?

— O carcereiro está morto — disse Adras, o que não ajudava muito. — Para onde vamos, agora?

Tal refletiu por um instante, mordendo o lábio, aflito. Não adiantava nada ir procurar gente do Povo Inferior, pelo menos, não depois de ter matado acidentalmente o Corvo, Ebbitt e os demais. Mas talvez pudesse ir ao encontro dos Homens-do-Gelo que estavam atacando o Castelo. Adras tinha sentido a presença de Odris entre eles e, portanto, Milla também devia estar lá. Ou, então, ela tinha se lançado ao Gelo, o que significava mais uma morte na sua consciência. Mas Tal sabia que não podia simplesmente ir encontrar os Homens-do-Gelo. Havia Sushin, o seu eterno inimigo. Tinha de admitir que a chance de sua mãe ter pegado a pedra antes de ele desmaiar era mínima. Era quase certo que a sua metade da Grande Pedra Violeta estivesse, agora, em poder de Sushin, o que lhe dava enfim a possibilidade de destruir o Véu.

— Acho que temos de ir lá para cima — disse Tal, lentamente. — Lá para a Torre Violeta. Os Homens-do-Gelo não podem saber o que Sushin é capaz de fazer, ao menos não até que já seja tarde demais. Mesmo que Milla suspeite de Sushin, ela não sabe como detê-lo.

— Sushin é aquele que joga veneno? — perguntou Adras. Ele se inflou como uma bola, numa imitação bem razoável do Mestre-das-Sombras Sushin.

— É.

— Não quero ir para lá — disse Adras. — Quero ir para onde Odris está.

— Temos de ir para a Torre Violeta — repetiu Tal. Quanto mais pensava a respeito, mais o sentimento de urgência crescia dentro dele. Sushin podia estar usando a Grande Pedra Violeta nesse exato momento, enquanto eles ficavam ali, parados, perdendo tempo com conversas. Tinham de ir até a Torre Violeta, e impedir que ele destruísse o Véu.

— Eu não vou — declarou Adras, cruzando os braços. — Você não pode me obrigar.

Tal estava a ponto de despejar toda a sua raiva em palavras quando ouviram alguém abrindo a porta. De imediato, Tal se agachou atrás de uma das mesas e Adras disparou para o teto, espalhando-se em meio às sombras que havia ali.

O invasor desconhecido tentava não fazer ruído algum. A porta apenas se entreabriu, e Tal viu alguém esgueirar-se pela fresta. Na penumbra, sequer podia saber se era um Espírito-Sombra ou uma pessoa vestida de preto.

Adras veio deslizando, pronto para se lançar sobre o invasor. Tal ergueu a Pedra-do-Sol onde já se viam redemoinhos de luz vermelha anunciando um Raio da Destruição.

Era uma pessoa, percebeu Tal, e não um Espírito-Sombra. Toda vestida de preto, com um capuz preto bem amarrado em redor do rosto. Tal viu um punhal na mão que o invasor trazia colada ao corpo. Ele caminhava escolhendo os cantos mais escuros, até que viu o globo de cristal

e o corpo de Fashnek Parou, subitamente, e olhou a seu redor.

— Tal?

Aquela era uma voz do passado, uma voz vinda do além.

A voz do Corvo.

Mas era impossível. Por um momento, Tal achou que pudesse estar ainda sob o efeito da máquina de pesadelos. No entanto, as Pedras-do-Sol nos suportes prateados estavam escuras e o globo continuava aberto.

— Tal?

Tal foi se levantando bem devagar. O Corvo estava diante dele e desamarrou lentamente o capuz. Estava muito pálido, e uma cicatriz, parcialmente curada, atravessava a sua testa de um lado a outro.

— Achei que tivesse matado você — sussurrou Tal.

— Ebbitt nos salvou — disse o Corvo.

— Ebbitt também está vivo? — exclamou Tal. Sentiu uma onda de alívio fluir por todo o seu corpo, deixando-o muito fraco. Precisou sentar-se.

— Todos nós sobrevivemos — disse o Corvo. — Eu é que achei que tivesse matado você. E ainda o golpeei na cabeça. Eu... sinto muito. Acho que enlouqueci... Os Escolhidos fizeram tanto mal à minha família...

— Estive na máquina de pesadelos — disse Tal. E não precisava dizer mais nada.

O Corvo assentiu, e foi olhar de perto o corpo de Fashnek

— Isso já devia ter acontecido há muito tempo — disse ele.

— Eu também sinto muito — prosseguiu Tal, depois de um momento de silêncio. — Por ter feito o teto desmoronar. Por tudo o que o meu povo fez com o seu.

— Agora tudo está mudando — disse o Corvo.

— Os Homens-do-Gelo vão vencer. E acertamos que meu povo será livre.

— Assim espero — replicou Tal. E surpreendeu-se ao ver que era efetivamente o que sentia. Tinha descoberto que aquela coisa de superioridade natural dos Escolhidos sobre tudo o mais não existia. Na verdade, Tal se deu conta, para seu espanto, que havia mais gente entre o Povo Inferior e os Homens-do-Gelo que ele admirava e respeitava do que entre o seu próprio povo.

— Vim salvá-lo — disse o Corvo. — O Códex disse a Ebbitt onde você estava. Pelo menos, é o que ele diz. Mas, ao que parece, você já se salvou sozinho.

Fez-se um silêncio incômodo entre eles. Tal ainda não estava convencido de que podia confiar no Corvo. Muita coisa tinha acontecido entre eles no passado. Será que o rapaz da Resistência podia ter mudado tanto?

— Hã... preciso ir — disse Tal, depois de mais alguns segundos de um silêncio desconfortável.

— Para onde? — indagou o Corvo.

— Para a Torre Violeta — respondeu Tal, lentamente. — Sushin possui parte da Grande Pedra Violeta. Provavelmente é o bastante para ele destruir o Véu. O sol vai brilhar novamente, e derreter o Gelo. Haverá uma invasão de sombras. Milhares e milhares delas. Preciso... preciso detê-lo.

— Você vai precisar de ajuda — disse o Corvo.

— Do mesmo jeito que você me ajudou na Torre Vermelha? — perguntou Tal.

O Corvo abanou a cabeça.

— Não. Juro pelo nome de meus pais. Desta vez, vamos lutar juntos.

Bateu os punhos, à maneira dos Homens-do-Gelo, e apanhou uma Pedra-do-Sol. Tal quase disparou um Raio Vermelho da Destruição sobre ele, mas obrigou-se a esperar. Simplesmente, o Corvo lhe ofereceu luz, em sinal de respeito, e Tal soltou a respiração que tinha prendido sem perceber.

— Tudo bem — concordou Tal. Também bateu os punhos e deixou a luz vermelha se reduzir em sua Pedra-do-Sol para poder oferecer luz ao Corvo, respondendo à sua saudação. A primeira luz a brilhar foi violeta, embora ele não tivesse tentado convocá-la. Talvez, mesmo sem a Grande Pedra, algo da majestade imperial o tivesse impregnado.

— Vamos lutar juntos.

— Adras também vai lutar — tropejou o Espírito-Sombra, lá do teto. — Mas será que não podíamos lutar com alguém mais fácil, em vez de Sushin?

Tal o ignorou.

— Você disse que Ebbitt sabia onde eu estava? Ele não ficou muito ferido?

— Ficou ferido, mas já está bem.

— E Milla está com os Homens-do-Gelo?

Por um instante, o Corvo sorriu. Mas, subitamente, ficou sério de novo.

— Milla é a líder dos Homens-do-Gelo! Ela tem uma magnífica unha de cristal com fragmentos de Pedras-do-Sol, que eles chamam Garra de Danir. E ela é chamada Milla Mão-de-Garra, Capitã-Mor dos Homens-do-Gelo e Espada Viva de Asteyr. Ela cresceu, acho eu — não no tamanho, mas em alguma coisa... alguma coisa que não se pode ver. Você também cresceu, Tal.

— O que você quer dizer com isso? — indagou o menino. Olhou-se, de alto a baixo. Não parecia maior, ou mais forte, ou qualquer outra coisa do gênero.

— Você está parecendo... mais importante — disse o Corvo, com alguma hesitação, como se ele mesmo não tivesse muita certeza do que dizia. — Você está menos menino, e menos como um Escolhido. Virou outra coisa, outra coisa maior.

— Você também mudou, pelo menos na escolha das cores — disse Tal, com um sorriso. Não sabia se gostava desse Corvo esquisito e meio místico, mais do que gostava dele agressivo e sempre como um adversário.

O Corvo olhou para sua roupa negra, tão diferente da túnica branca geralmente usada pelos membros da Resistência, ou melhor, da túnica branca do Povo Inferior com as letras em negro.

— É verdade. Eu mudei — disse ele. — E não só nas roupas. Agora, sei o que é realmente importante.

Tal tentou sorrir novamente, mas percebeu que não conseguia.

— Estou contente por Milla estar comandando os Homens-do-Gelo — disse ele. — Ela sabe como Sushin é perigoso. Até onde os Homens-do-Gelo já conseguiram chegar? E onde estão acontecendo as batalhas? Conheço alguns caminhos para os níveis Violeta, mas eles podem estar

bloqueados, ou cheios de guardas.

O Corvo assentiu.

— Venha. Discutiremos isso no caminho. Não há nenhum combate por aqui, ao menos por enquanto. Também existem caminhos do Povo Inferior até os níveis Violeta. Eu lhe mostro. Siga-me.

— Antes de ir para qualquer lugar, preciso descobrir o que está acontecendo com nosso exército — disse Milla, num tom severo. Olhou na direção de Malen que, mais uma vez, estava inteiramente imóvel, em absoluta concentração.

Ebbitt olhou para a Matriarca e mexeu as sobrancelhas, tentando distraí-la. Malen, porém, sequer o viu, embora seus olhos de um puro azul estivessem abertos.

— Há muitas pessoas do seu povo nos níveis mais baixos da Ordem Vermelha — disse Graile. Ela estava deitada, exausta, amparada tanto por seu próprio Espírito-Sombra quanto pelo de Ebbitt. — Ao menos, foi o que ouvi um Escolhido dizendo. Milhares deles, foi o que ele disse. Ainda não entendi muito bem por que vocês estão invadindo o nosso Castelo. Mas tio Ebbitt diz que precisamos de vocês para impedir que Sushin destrua o Vêu, e acredito no que ele diz, o que nem sempre é o caso. E meu filho mandou que eu viesse procurar você, e não um Escolhido.

— Milhares? — indagou Milla. — Então, o nosso exército deve ter chegado!

Saylsen abanou a cabeça.

— Os Escolhidos podem estar simplesmente com medo. Lembre-se: "No medo, nada é certo. Um único Sharik vira um enxame inteiro. Só uma Donzela Guerreira calma é capaz de contar".

Os olhos de Malen se enevoaram. Houve um certo alvoroço. Todos os Homens-do-Gelo se adiantaram, como se eles também pudessem ouvir o que Malen estava ouvindo.

— Há uma Matriarca na saída do sistema de aquecimento, lá embaixo. Ela não vai avançar mais. Está dizendo que já contou dois mil dos nossos, e eles continuam passando por lá... Alguns feridos voltaram, dizendo... dizendo que vencemos nos níveis Vermelhos, e os Escolhidos recuaram para os níveis Laranja!

— Peça-lhe que diga a alguma das Guerreiras Mães que Milla Mão-de-Garra está viva — instruiu Milla. — Que, agora, preciso abrir caminho até a Torre Violeta. Diga-lhe que a mais antiga das Guerreiras Mães deve assumir o comando, e que devem continuar atacando os outros níveis, tentando ir se juntar a nós, na Torre Violeta, o mais depressa possível.

— É Feyle Uma-Orelha que vai comandar, se ainda estiver viva — disse Saylsen. — Devíamos também enviar-lhe uma mensagem, por garantia.

Milla passou os olhos pelas paredes esverdeadas e gotejantes da caverna.

— Como podemos sair daqui? — perguntou ela, dirigindo-se a Ebbitt. — E como podemos chegar à Torre Violeta?

— Isso é segredo, mas alguns podem ir até o mais alto nível Violeta através do vapor — sussurrou Ebbitt com um dedo erguido até a altura do nariz. — Mas, primeiro, temos que pular dentro da caçamba.

Apontou para a parede que ficava em frente à escada por onde tinham vindo. Não havia ali nenhum vestígio de caçamba, nem de alguma porta ou escada oculta, mas os Homens-do-Gelo se afastaram e Ebbitt começou a apertar várias pedras com as palmas das mãos, numa seqüência complicada.

Não aconteceu nada. Ebbitt cocou a cabeça. Depois, colou o ouvido à parede. Seja lá o que tenha ouvido, pareceu satisfeito, e deu um passo atrás.

Todos ficaram ali, esperando, com os olhos fixos na parede, até que Odris se dirigiu a Milla, com aquele seu sussurro de Pastora-de-Tempestades que, provavelmente, tanto poderia ser ouvido por todos os Homens-do-Gelo e por Graile quanto do outro lado da parede.

— Alguma coisa está para acontecer?

— Está — disse Milla.

Enquanto falava, a menina sentiu um ruído surdo sob seus pés. Todos os Homens-do-Gelo saíram correndo, nervosos. Era como o som do gelo se quebrando, e sua reação instintiva era fugir dali o mais rápido possível.

— Humm — disse Ebbitt. — Talvez fosse o chão...

Deu um pulo para trás quando o chão deslizou subitamente sob seus pés, revelando um buraco profundo. Duas Donzelas Guerreiras o agarraram, afastando-o ainda mais dali, e saíram correndo, como todos os demais, para a outra parede.

Quando o ruído cessou, quase um terço do chão tinha se aberto, deixando ver uma rampa que levava a um tanque escuro de água estagnada.

— Úmido — disse Ebbitt. Pôs-se a descer a rampa e seu Espírito-Sombra foi se afastando de Graile para deslizar junto aos calcanhares de seu amo. Na borda da água, o ancião parou um pouco, tirou o peitoral de pratos e falou, dirigindo-se aparentemente ao próprio peito: — É melhor você prender a respiração, daqui em diante.

Antes que alguém pudesse lhe perguntar o que estava fazendo, sua Pedra-do-Sol brilhou e um globo de luz verde se formou em redor de sua cabeça. Seu Espírito-Sombra foi na frente e o ancião o seguiu, confiante, rampa abaixo. Desapareceram ambos na água.

— Ah, Ebbitt — suspirou Graile. — Na certa, existe um caminho simples e seco para sairmos daqui, mas ele tinha que escolher o mais sujo e o mais difícil.

Começou a descer mas, mesmo com a ajuda de seu Espírito-Sombra, teria caído se Milla não a tivesse segurado pelo braço.

— Obrigada — disse Graile, arfando. — Ainda estou... muito enfraquecida. Talvez você possa me ajudar a fazer um globo de ar?

— Foi isso que Ebbitt fez, ainda agora? — perguntou Milla. — Para respirar debaixo da água?

— Foi. É Magia Verde. Não é difícil. O ar fica comprimido pela luz. Não acredito que consiga prender a respiração. Por isso, vou precisar dele.

— Como é que começa? — perguntou Milla, disposta a tentar. Lembrava-se muito bem da Onda Violeta. E se fizesse alguma coisa errada, e formasse um globo sem ar nenhum em redor da cabeça de Graile?

— Vou lhe mostrar, com minha Pedra-do-Sol — sussurrou Graile. — Basta ir fazendo o que eu fizer, mas com mais potência. A potência é regulada pelo desejo — é uma questão de força que se consegue impor ao pensamento. Tenho certeza que vai conseguir fazê-lo.

Milla assentiu. Mas, antes que Graile pudesse começar, Saylsen a interrompeu. Todos os Homens-do-Gelo já tinham suas desconfianças com relação à magia das Pedras-do-Sol. Milla ainda piorara tudo com a Onda Violeta. Aquilo a fazia sentir-se estranha: não apenas saber que tinha a habilidade de usar a magia das Pedras-do-Sol, mas também que os Homens-do-Gelo a temiam por isso.

— Devíamos mandar alguém entrar na água, para dar uma olhada — disse a Guerreira Mãe.

— Para ver se existe ar do outro lado, e se o caminho está desimpedido.

— Odris pode ir — disse Milla.

— A sombra não respira — disse Saylsen. — Precisamos saber se podemos atravessar a água sem usar magia.

— Milla poderia fazer um globo para cada um de vocês — disse Graile, com um fio de voz. — Não demoraria muito.

Milla percebeu a resistência no rosto de todos, mas ninguém disse nada. Se mandasse, eles aceitariam. Mas não faria isso. E, mais uma vez, sentiu uma pontada no coração porque aquilo a fazia ver como estava distante das Donzelas Guerreiras e dos Caçadores que tinha diante de si.

— Mande quem você quiser — disse Milla. — Mas, antes, amarre uma corda nele, caso haja algum problema.

Voltou-se novamente para Graile.

— Mostre-me como é — disse. — Vou fazer um globo de ar para você, mas nós vamos atravessar a água sem magia. À maneira dos Homens- do-Gelo.

Por três vezes tentaram atravessar um dos principais corredores incolores para chegar a uma escada pela qual teriam necessariamente de passar. Depois disso, Tal foi forçado a admitir que precisava pedir ao Corvo para lhe mostrar um dos caminhos do Povo Inferior até os níveis da Ordem Violeta. Cada vez que estavam prestes a passar correndo, surgiam grandes grupos de Escolhidos armados, geralmente liderados por um guarda, numa das extremidades do corredor, a toda. Era evidente que todos os Escolhidos adultos, e até mesmo alguns jovens, estavam sendo mobilizados para combater a invasão dos Homens-do-Gelo.

Muitos deles morreriam, ou seriam feridos, pensou Tal com tristeza, todos lutando por uma mentira. Não estavam defendendo a si próprios mas, simplesmente, sendo usados por Sushin e Sharrakor. O plano dos aeniranos para destruir o Véu e conquistar o Mundo das Trevas já vinha sendo preparado há muito tempo. Até a Imperatriz tinha sido controlada por Sharrakor.

— Vá. Não vá. Para trás. Pare — resmungou Adias. — Que brincadeira mais besta!

— Isso não é brincadeira, Adras — disse Tal.

— Você conhece algum caminho para atravessarmos os níveis Laranja e Amarelos, Corvo?

— Conheço um que vai dar direto nos níveis Violeta — disse o Corvo, com um leve sorriso. — Mas não é nem fácil, nem agradável.

Tal não gostou nada daquele sorriso. Fazia pensar no velho Corvo, aquele que o tinha golpeado na cabeça, e roubado a sua Pedra-do-Sol.

— E que caminho é esse?

O sorriso desapareceu, e o Corvo ficou sério.

— Sabe a rampa da lavanderia?

Tal assentiu. Todo mundo conhecia a rampa da lavanderia. Mas não dava para subir por ali — ela só servia para descer. Aliás, ele mesmo já a tinha usado antes, para fugir de Sushin. Na certa, haveria guardas por lá.

— Tem uma outra passagem, parecida — disse o Corvo. — Só que é um tubo vertical, sem nenhuma curva. Vai direto dos níveis da Ordem Violeta até as cozinhas do Povo Inferior, e continua dentro, para o sistema de aquecimento, e mais para baixo ainda. É conhecida como Escoadouro.

— Escoadouro? — indagou Tal. Aquilo não parecia nada bom.

O Corvo viu a expressão de Tal e assentiu.

— É para escoar o lixo de todos os níveis. Por isso, fede muito e é bem pegajoso. Mas tem uma escada metálica que vai de uma ponta à outra. Acho eu.

— Você já subiu por lá? — perguntou Tal.

— Só até Anil Sete — disse o Corvo. — É por isso que não sei se a escada vai até o fim. Mas pode-se sair em qualquer cozinha, de qualquer nível. O maior perigo são os possíveis escorregões, ou coisas quentes.

— Escorregões? Coisas quentes?

— Joga-se muito óleo e gordura por ali, o que faz com que a escada fique escorregadia —

explicou o Corvo. — Vamos ter de levar um saquinho de uma farinha qualquer para passar nas mãos de quando em quando. E, às vezes, os assistentes de cozinha jogam fora coisas como sopa quente.

— Eles não devem estar cozinhando, com a invasão dos Homens- do-Gelo — disse Tal, esperançoso.

O Corvo abanou a cabeça.

— Pelo contrário. Vão estar cozinhando mais que nunca. Guerreiros precisam comer. Mas a escada fica do lado oposto às portinholas das cozinhas. Assim, só seremos atingidos se jogarem muita quantidade de lixo.

Tal refletiu por um instante. Não parecia haver alternativa. Tinha de chegar aos níveis da Ordem Violeta o mais depressa possível e, de lá, à Torre Violeta. O Escoadouro parecia o caminho mais adequado, e mais escondido.

— Tudo bem. Mas você vai na frente.

O Corvo concordou.

— Por aqui — disse ele. — Tem uma antiga cozinha em algum lugar aqui embaixo.

É claro que o Corvo sabia exatamente onde ficava a antiga cozinha. Como todos os outros locais próximos à Câmara dos Pesadelos, ela não era usada há muito, muito tempo. Os vários fornos estavam frios e suas Pedras- do-Sol, extintas. Os armários estavam vazios, com as portas abertas em ângulos estranhos e as velhas dobradiças descascando.

O Corvo se dirigiu para uma portinhola de ferro cinzento que ficava numa das paredes. Havia dobradiças na parte inferior da tampa para que ela pudesse ser aberta e baixada. O rapaz agarrou a maçaneta, mas ela estava emperrada.

Tal e Adras vieram ajudar, e puxaram todos juntos. Ouviu-se um rangido e, de repente, um estalo. Os três caíram para trás, ainda segurando a maçaneta.

Mas a tampa tinha se aberto em parte. E, de seu interior, vinha um cheiro terrível. Cheiro de óleo de cozinha velhíssimo, de carne podre e o fedor mais recente, mas não menos repugnante, de legumes apodrecidos.

Tal ficou enojado, e tapou o nariz. O Corvo abanou a cabeça, como se pudesse se livrar daquele fedor. Mas foi Adras quem mais sofreu com aquilo. Começou a se contorcer, num frenético redemoinho, girando e girando, e rugindo coisas incoerentes. Não se entendia nada do que ele estava dizendo, mas o que estava sentindo era evidente. Adras rejeitava o Escoadouro da forma mais absoluta.

— Pare com isso! — gritou Tal, rasgando uma de suas mangas para fazer com ela uma máscara, enquanto o Corvo fazia o mesmo com sua nova túnica negra. — Não é... não é tão ruim assim!

Adras parou de rodopiar.

— É, sim! — lamentou-se o Espírito-Sombra. — O ar está morto, e envenenado!

— São apenas restos de comida... e outras coisas — disse Tal, bravamente. — E é a maneira mais rápida de chegarmos aos níveis Violeta. Temos de subir por aí.

— Não! — disse Adras, com firmeza. — Vou ao encontro de Odris.

— Você vai se acostumar — disse o Corvo. — E vai haver um pouco de ar fresco perto da

portinhola de cada cozinha. Se estiverem abertas.

— Vamos lá. Vamos indo — disse Tal. Sabia que Adras viria atrás deles, mesmo que estivesse dizendo o contrário. Estavam vinculados um ao outro. Adras não podia se afastar muito dele, e vice-versa. Tal achou que o poder de sua própria mente era mais forte. Adras acabaria cedendo, e viria com eles. — Vá na frente, Corvo.

O Corvo assentiu. Prendeu a máscara no rosto e passou pela abertura. Logo depois, estava de volta.

— Esqueci da farinha — disse ele, mostrando a Tal as mãos negras e engorduradas. — Os primeiros degraus da escada estão muito escorregadios, bem aqui. Em geral, eles deixam um pouco perto da abertura...

Enquanto dizia isso, vasculhava os armários mais próximos e, finalmente, encontrou dois sacos mofados de um pó esbranquiçado. Depois de verificar se aquilo não estava estragado demais, enfiou as mãos ali dentro, virando-as de um lado para o outro para cobri-las com uma boa camada daquela substância farinhenta.

— Amarre o saco no cinto, assim, para que possa ser aberto com uma mão só — disse ele, mostrando a Tal como fazer o que dizia. — Por certo vamos ter de passar isso nas mãos praticamente a cada nível.

Tal pegou o saco, verificou se ainda estava bom, e imitou o Corvo. No fundo, no fundo, não podia se impedir de pensar que subir por uma escada engordurada era a oportunidade ideal para o Corvo se vingar. Tudo o que tinha a fazer era pisar nas mãos de Tal e, sem dúvida, ele cairia.

— Pronto. Lá vou eu, de novo — disse o Corvo. — Não fique muito perto de mim porque, se eu escorregar... — Passou pela abertura e seus pés desapareceram quando ele subiu na escada que ficava dentro do tubo. Sua voz veio ecoando, junto com uma outra baforada de cheiros terríveis.

Tal hesitou. O Corvo estava lhe dando todas as indicações, e parecia mais honesto e mais sincero que no passado. Mas será que tudo isso era só para fazer com que se sentisse mais seguro?

— Eu não vou! — disse Adras.

— Vai, sim — disse Tal, seríssimo. — Não temos escolha. Deixe de bobagens, e venha atrás de mim.

Passou, então, pela abertura. Adras veio atrás mesmo, embora ficasse fazendo um barulhinho constante que mais parecia um bebê choramingando.

Lá dentro, o fedor era ainda pior. Tão forte que, mesmo com a máscara, Tal só conseguia fazer inspirações bem curtas. Sabia que, se inspirasse para valer, vomitaria imediatamente. O tubo era mais estreito do que Tal imaginava, e mais escuro. Intensificou a luz de sua Pedra-do-Sol — que estava amarrada na gola da camisa —, o bastante para que ela brilhasse através do tecido, como se este não existisse.

O Corvo já estava uns bons vinte trechos mais acima, e avançava bem depressa. Por um momento, Tal ficou olhando o rapaz subir e pôde ver que ele só dava um novo passo quando tinha certeza que sua mão e seu pé estavam bem firmes.

Os degraus estavam realmente engordurados. Se não fosse aquela farinha nas mãos, Tal certamente não conseguiria se segurar.

Olhou para baixo, por um momento, mas voltou a olhar para cima bem depressa. Abaixo deles, estava tudo escuro, e a escada desaparecia na escuridão. Aquele cheiro já estava lhe dando náuseas, e olhar para baixo não ajudava em nada. Além disso, como havia o risco de alguém atirar restos de comida lá de cima, era muito melhor olhar nessa direção.

Olhou para cima, e recomeçou a subir. O caminho até os níveis Violeta era longo. Mesmo que não caísse durante a subida, quando chegasse lá no alto ainda teria que achar um jeito de alcançar a Torre Violeta.

Então, teria de enfrentar Sushin e o grande Dragão-de-Sombra que era o chefe de Sushin: Sharrakor.

A água estava geladíssima. Mas as Donzelas Guerreiras que tinham ido inspecionar o local disseram que o túnel inundado tinha apenas doze trechos de comprimento e, depois, havia ar novamente.

Doze trechos não era muito, pensou Milla. Conteve um arrepio quando deu mais um passo e a água chegou à sua cintura. Algo ondulou na água, perto dela, e a menina quase usou a Garra até que percebeu que era Odris, nadando. Mesmo como Espírito-Sombra, Odris adorava água, que era o elemento vital para um Pastor de Tempestades, em Aenir. Ou, pelo menos, um deles. Água e ar, era disso que eles eram feitos. Água, ar e magia.

Dois Donzelas Guerreiras vinham logo atrás de Milla, ajudando o Espírito-Sombra de Graile a amparar sua senhora que ainda estava muito fraca. A Garota-do-Gelo tinha ficado satisfeita com o globo cintilante de luz verde que envolvia a cabeça de Graile. Ele parecia estar funcionando bem direitinho.

Deu mais um passo e a água lhe chegou ao pescoço. Estava tão fria que seus pulmões se contraíram. Mesmo assim, disse Milla com seus botões, não era tão frio quanto um vendaval lá no Gelo.

Respirou diversas vezes, bem lentamente. Depois, tomou fôlego para chegar até o final do túnel inundado. Sentindo os pulmões cheios, começou a caminhar, mantendo uma das mãos encostada na parede para ter a certeza de estar indo na direção certa. A água era suja e escura demais para se poder enxergar ali dentro, mesmo com uma Pedra-do-Sol.

Um passo, dois passos, três passos... era difícil avançar andando debaixo da água. Além disso, o chão era escorregadio, obrigando-a a tomar todo cuidado. Se escorregasse, podia perder o rumo, ou bater com a cabeça e perder seu precioso fôlego.

Quatro passos... cinco... seis... que deviam, por certo, corresponder a dois trechos. Mas estava dando passos mais curtos que de costume, portanto, talvez não fosse a mesma coisa. Já começava a sentir falta de ar, com o frio pressionando-lhe os pulmões e a garganta.

Talvez tivesse ficado mais fraca desde que estivera em Aenir e perdera sua sombra natural. Talvez a Garra e o uso da Magia da Luz também a tivessem enfraquecido. Tinha se habituado a ser ajudada, pela magia ou por seu Espírito-Sombra e, com isso, parte de sua resistência tinha desaparecido. Sem dúvida, uma travessia tão curta como essa não teria lhe causado qualquer problema antes.

Dez passos. Ou seriam onze? Milla tentou andar mais depressa. Já estava quase sem fôlego e não suportaria a vergonha de se afogar — ou quase — e ter de ser socorrida. Aquela Donzela Guerreira, Jorle, já tinha atravessado o túnel duas vezes e não tinha tido problema nenhum.

Precisava continuar. Deviam faltar apenas uns poucos passos.

A não ser que tivesse entrado por uma ramificação do túnel. Quem sabe Jorle não teve sorte, e foi direto até o final, enquanto ela, de algum modo, acabou pegando uma passagem lateral? Talvez estivesse até andando mais no fundo, para as profundezas escuríssimas de onde não poderia voltar.

Um segundo mais tarde, Milla saía da água, no ar e na luz, tentando respirar, já quase sem fôlego. Ebbitt estava de pé numa rampa, mais à frente, com a cabeça ainda envolta naquele globo verde que, no entanto, brilhava menos que antes.

— Por que você demorou tanto? — perguntou ele. — Temos de pegar um Locomotor.

Milla saiu da água e subiu a rampa, indo ao encontro de Ebbitt. Sacudiu-se, então, espirrando água no ancião, que se encolheu e fez uma careta, resmungando algo sobre uma coisa chamada toalha. Mas não recuou.

Ouviu-se um ruído vindo da água. Graile e as duas Donzelas Guerreiras emergiram dali. Graile estava calma, mas tremia, enquanto as mulheres do Gelo estavam arquejantes, tentando respirar.

Assim que elas ergueram a cabeça, Milla reduziu o ritmo de sua própria respiração. Sabia que um comandante deve tentar se mostrar calmo e capaz em qualquer situação. Mas não podia garantir que as Donzelas Guerreiras tivessem se deixado enganar, especialmente porque ambas logo tentaram disfarçar a falta de ar que sentiam.

Quem chegou a seguir foi o Xucro Jarek. Ainda não tinha saído completamente daquele estado esquisito em que ficava quando seus acessos de fúria passavam. Não parecia ter se ressentido da travessia, mas não disse nada e sequer olhou para eles. Veio se arrastando rampa acima e ficou ali, embalando a corrente, com os olhos vazios.

Talvez aquilo fosse, na verdade, a dor que sentia pela perda da companheira, e não o efeito do acesso de fúria, pensou Milla, lançando-lhe um olhar com muita cautela. Ela não sabia muita coisa sobre os Xucros.

— Depressa, depressa — cantarolou Ebbitt. — Já disse que temos de pegar um Locomotor.

— Isso não são horas para caçadas. Temos de chegar aos níveis Violeta o mais rápido que pudermos — disse Milla, impaciente. — E o que é um Locomotor? Alguma espécie de fera?

— Você vai ver, você vai ver — respondeu Ebbitt. — Mas não é uma caçada. Não mesmo. Vamos pegá-lo como transporte, para a primeira parte do trajeto que temos de fazer para chegar aonde estamos indo.

— Os níveis Violeta — repetiu Milla. Queria ter certeza absoluta que Ebbitt sabia aonde pretendiam ir. Se bem que nem mesmo a repetição constante podia garantir isso.

— Estamos todos aqui, Capitã-Mor — gritou Saylsen lá do começo da rampa. Como Milla esperava, de certa forma, a Guerreira Mãe não estava absolutamente com falta de ar, nem mesmo parecia molhada, encharcada e enregelada como todos os demais.

— Venham — disse Ebbitt. Foi na frente, até o topo da rampa e, depois, por um túnel arenoso que atravessava a rocha e cujas paredes não eram polidas nem trabalhadas. Aqui não havia Pedras-do-Sol no teto, e a única luz vinha das pedras de Milla e de Ebbitt, auxiliadas por um tênue brilho da pedra de Graile.

O túnel era longo. Depois de alguns momentos, Milla ouviu um estranho ruído que vinha lá da frente. Parecia um pouco os Metalurgistas do Clã dos Guardiães-do-Fogo, os Homens-do-Gelo que detinham o segredo que permitia transformar pedra em metal. Só eles podiam usar a rocha especial que se encontrava, às vezes, em torno dos poços quentes de Ghalt, ou que caía do céu como Pedras-do-Sol. O metal que faziam não era tão bom quanto o metal dourado dos antigos, mas era tão apreciado quanto ele.

O retinir do metal e o baque surdo da rocha foram ficando mais fortes à medida que avançavam. Era óbvio que Ebbitt também estava ouvindo, mas não parecia ligar a mínima para aquilo. Milla decidiu que, se ele não ligava, ela também não ligaria. E os Homens-do-Gelo seguiram seu exemplo.

— Cuidado, agora — alertou Ebbitt. Reduziu o passo e ergueu mais a Pedra-do-Sol. Milla ficou tensa, com a Garra pronta para ser usada. Vendo isso, Odris saiu deslizando mais para trás.

— O túnel acaba acima da linha do Locomotor, lá na frente — disse Ebbitt. — Temos de pular dentro de uma das caçambas do Locomotor que vai nos levar até o ponto em que podemos seguir pelo vapor. Ou, pelo menos, alguns de nós.

— O que é um Locomotor, e o que são suas caçambas? — perguntou Milla.

Ebbitt não respondeu mas, com um gesto, convidou Milla a vir até onde estava. Juntos, foram caminhando lentamente. A luz de suas Pedras-do-Sol iluminava o caminho à sua frente até que as paredes do túnel deram lugar a um espaço muito mais amplo onde aquela luz só afugentava parcialmente a escuridão.

O túnel acabava numa descida íngreme, a meia altura das paredes de uma grande caverna. Lá embaixo, no solo da caverna, havia uma estranha trilha que mergulhava na escuridão, uma trilha marcada por três linhas de metal, cada uma delas a mais ou menos um trecho de distância da outra.

Algo veio saindo da escuridão, alguma coisa que tinha aproximadamente o tamanho de um jovem Selski. Milla custou um pouco a perceber que não era uma criatura viva, mas sim a origem daquele som metálico. Era simplesmente uma caixa de metal, aberta em cima, e que se equilibrava numa plataforma dotada de duas grandes rodas que corriam sobre as linhas de metal do chão. Em cada extremidade daquela plataforma havia também duas pequenas rodas dentadas que giravam, ruidosas, sobre a linha do meio.

— Uma caçamba — esclareceu Ebbitt. — O Locomotor fica na parte de trás. Ele empurra as caçambas sobre essas linhas de metal, denominadas trilhos. Há diversos Locomotores, cada um deles empurrando dez caçambas. Eles vêm lá de baixo, da escuridão, sobem até onde queremos ir e, depois, voltam a desaparecer nas trevas.

Milla continuou olhando para ali e pôde ver uma quantidade cada vez maior de caixas com rodas que vinham aparecendo. Como Ebbitt tinha dito, eram dez, todas empurradas por um estranho Locomotor. À diferença das caçambas, o Locomotor parecia, ao menos em parte, dotado de vida própria, algo feito de uma carne cinzenta estranhamente vibrante, sentada sobre uma espécie de plataforma com rodas. Aquela bolha de carne tinha braços possantes, mais ou menos do tamanho de um Homem-do-Gelo, que iam fazendo as rodas girarem. Mas esses membros não eram recobertos de pele. Milla podia ver os músculos, que se retesavam e relaxavam, e o brilho do osso.

— Façam uma fila aqui — determinou Ebbitt. — Quando uma caçamba vazia estiver bem debaixo de nós, pulamos dentro dela.

— Aonde estamos indo? — indagou Milla. Via a imagem de um estranho Locomotor que os empurrava para onde não queriam ir, lá bem nas profundezas do Castelo.

— Há um lugar, mais à frente, onde a linha faz uma subida íngreme, e os Locomotores param para recobrar força — explicou Ebbitt. — É lá que vamos saltar da caçamba, bem pertinho de uma passagem do Povo Inferior que leva até um elevador de vapor e, também, ao nível Vermelho Cinco.

— E depois, para onde vai o Locomotor?

Ebbitt deu de ombros.

— Volta a descer — disse ele. — Não sei até onde. Algum dia, vou descobrir. A primeira

caçamba emparelhou com eles quando Ebbitt estava acabando de falar. Sua velocidade não era maior que a de uma pessoa andando, e estava apenas a uns quatro ou cinco trechos de distância. Era um pulo bem fácil para um Homem-do-Gelo. Mesmo Graile, auxiliada por seu Espírito-Sombra, poderia saltar, pensou Milla.

— Fiquem todos enfileirados na borda — ordenou ela. — Vamos pular nas duas últimas caçambas.

— Não! Nas duas últimas, não — interrompeu Ebbitt. — Fiquem a pelo menos uma caçamba de distância do Locomotor.

Milla o fitou.

— Ele tem braços extras, como os que servem para girar as rodas — disse Ebbitt. — E, em algum lugar por debaixo dessa carne, creio que há uma boca.

Milla não sabia ao certo se devia acreditar nele, ou não, mas, por via das dúvidas, era melhor apostar na segurança.

— Você já fez isso antes, não fez? — perguntou ela.

Ebbitt sorriu.

— Preparem-se para pular — disse Saylsen, que estava de olho nas caçambas, cronometrando sua passagem. — Evitem a última, como foi determinado.

— Já fez, não foi? — insistiu Milla.

Ebbitt continuou sorrindo, mas sequer esboçou uma resposta.

— Pulem! — gritou Saylsen.

Tal pulou pela portinhola e caiu exausto no chão da cozinha. A subida tinha sido mais longa do que imaginara, muito pior que a escalada da Torre Vermelha. Suas mãos estavam completamente esfoladas, o sangue se misturando com a farinha e, num de seus ombros, havia uma crosta de alguma coisa fedorenta que viera voando pelo tubo quando eles estavam na metade da subida. Por sorte, era frio.

O Corvo estava sentado ali do lado, com o rosto pálido, nitidamente ainda mais esgotado que Tal. Adras estava flutuando junto ao teto, tentando ficar o mais longe possível daquele Escoadouro mal-cheiroso.

À diferença da cozinha que ficava lá embaixo, esta ainda era usada. Havia várias panelas no fogo e até mesmo algumas velhas placas movidas a Pedras-do-Sol que luziam, em tons de amarelo e vermelho, permanentemente aquecidas. Uma brisa constante circulava por ali, levando a fumaça e os cheiros através de buracos existentes no teto. Havia bancadas repletas de ingredientes frescos que os cozinheiros do Povo Inferior estavam preparando. Tal viu raízes Belish, peixes-anjo, camarões, yaribes laranja e vermelhos, cogumelos azuis, e, muito mais — o bastante para que ele se lembrasse que estava com fome.

Todos os criados estavam reunidos na outra extremidade da cozinha, visivelmente assustados com aqueles dois intrusos cobertos de lixo que tinham saído pela portinhola do Escoadouro. Tal ergueu sua Pedra-do-Sol e ela emitiu um clarão violeta. De imediato, todos viraram as costas, retomando as tarefas que lhes cabiam e ignorando os visitantes inesperados.

— Basta um clarão de luz para eles saberem quem é que manda — sussurrou o Corvo. Mas disse aquilo sem a raiva de antigamente. Apenas, parecia triste.

Tal olhou a louça empilhada numa das bancadas mais próximas. Toda ela era de cristal violeta, o que confirmava que essa cozinha era mesmo de um dos níveis da Ordem Violeta.

— Para onde vamos, saindo daqui? — perguntou o Corvo. — Como podemos entrar na Torre Violeta? Espero que não tenhamos de escalá-la pelo lado de fora.

— Não sei — admitiu Tal. Sabia muito pouco acerca da Torre Violeta. Lembrava de ter aprendido que ela era muito maior e mais alta que as outras seis. Mas não lembrava de muito mais que isso. Tinha visto seu topo, rapidamente, lá da Torre Vermelha. No entanto, como a distância era grande, não pudera perceber nenhum detalhe.

— Você deve ter alguma idéia — prosseguiu o Corvo.

— Tenho, sim — disse Tal. — Só não sei se ela é boa.

O Corvo o fitou, na maior expectativa.

— Bem — principiou Tal — a Imperatriz deve... devia poder entrar na Torre Violeta. E há uma cantiga de criança que deve ter alguma coisa a ver com isso. Só que não me lembro direito. Tem uma parte que diz "O primeiro sentou aqui, o segundo espiou aqui, o terceiro voou aqui, o quarto comeu aqui, o quinto nasceu aqui, o sexto cantou aqui, e o sétimo cresceu aqui". A única coisa que me lembro da resposta é que o primeiro era um Imperador, o terceiro, um pássaro — provavelmente um corvo, acho eu — e que acaba dizendo que "o sétimo era uma torre". E "aqui" era o Salão das Audiências, onde fica o Trono Imperial. Acontece que eu não sei onde fica esse Salão das Audiências.

— Pois eu sei a quem podemos perguntar — disse o Corvo. Levantou-se lentamente e olhou para os Inferiores que estavam se mantendo à distância. — Se alguma vez a Imperatriz pediu algo para comer ou para beber, alguém daqui deve ter ido levar para ela.

— Acho que sim — disse Tal. Ele também se levantou, ignorando as pontadas de dor nos músculos dos braços e das pernas.

O Corvo escolheu o mais velho de todos, um cozinheiro, e começou a conversar com ele. Tal tentou se esticar um pouco, para evitar o enrijecimento que iria sentir, mais cedo ou mais tarde. Estava cansado, o que se agravava ainda por causa do efeito do veneno das aranhas-d'água. Não estava ouvindo a conversa entre o Corvo e o cozinheiro, até que o rapaz o chamou.

— Tal! Venha ouvir isso!

Tal se afastou da bancada em que estava apoiado, e dirigiu-se até eles. Acima de sua cabeça, Adras veio flutuando junto ao teto.

— Conte a ele o que me contou — disse o Corvo.

O Inferior se inclinou, nervoso. Era evidente que não sabia o que fazer com o Corvo, e tinha suas dúvidas a respeito de Tal, apesar da Pedra-do-Sol e do Espírito-Sombra.

— Pois não, meus senhores...

— Não nos chame de senhores! — atalhou o Corvo.

O cozinheiro balançou a cabeça várias vezes, e limpou a garganta.

— Sim, meus se... Pois não. O Salão das Audiências e o Trono Imperial não são utilizados, não vêm sendo utilizados por Sua Alteza, há muitos anos. Bem, nunca foram, acho eu, pelo que meus pais me contaram.

— Mas o local deve ser limpo de vez em quando — disse o Corvo. — Todos os lugares são.

O cozinheiro abanou a cabeça.

— Não, não. Ninguém pode abrir as portas, a não ser a Imperatriz. No tempo de meu pai, no reinado do velho Imperador, as portas estavam sempre abertas e tenho certeza que limpávamos tudo cuidadosamente. Não é negligência, meus senhores, absolutamente. Estou certo que os Limpadores ficariam felicíssimos, radiantes por limpar o Salão das Audiências novamente...

— Pode nos mostrar onde ficam as portas do Salão das Audiências? — indagou Tal. — É possível chegar até lá por passagens do Povo Inferior?

— Eu fui designado para cá — disse o cozinheiro, todo nervoso, dando uma olhada na direção dos outros que trabalhavam junto aos fogões e às bancadas. — Não posso sair daqui. Mas posso mandar um de nossos garçons, se meus senhores quiserem.

— Pare com essa história de "pois não" e "meus senhores" — disse o Corvo, e parte da sua velha raiva estava de volta. — Logo, vocês serão livres. Os Homens-do-Gelo invadiram o Castelo, e vão vencer. Os Escolhidos estão perdendo.

O cozinheiro estremeceu ao ouvir as palavras do Corvo, e não disse nada. A confusão em seus olhos era mais que evidente. A vida toda, só tinha conhecido esse mundo, e não podia imaginá-lo mudando.

— Está ótimo. Peça ao garçom — disse Tal, gentilmente. — Desde que ele conheça o caminho...

O cozinheiro fez que sim com a cabeça e apressou-se em chamar alguém.

— Tomara que as portas ainda estejam fechadas — disse Tal.

— Por quê? — indagou o Corvo. — Como é que vamos entrar?

— Tinha esquecido que a Grande Pedra Violeta nunca esteve em poder da Imperatriz — explicou Tal. — Mercur, o antigo Imperador, deposto por ela, conseguiu levá-la consigo. Ele morreu no sistema de aquecimento, e foi assim que conseguimos a pedra que Ebbitt dividiu ao meio, para Milla e para mim.

— E daí?

— Aposto que é preciso usar a Grande Pedra Violeta para abrir as portas do Salão das Audiências, e penetrar na Torre Violeta. É por isso que as portas nunca mais foram abertas, desde o tempo de Mercur. Se estiverem abertas, significa que Sushin já usou a metade que roubou de mim para entrar lá.

O Corvo concordou, pensativo.

— O que faremos se dermos de cara com Sushin? — perguntou ele. — Isto é, se ele ainda estiver lá?

— Vamos atacá-lo com tudo o que pudermos — disse Tal. — Você sabe fazer um Raio Vermelho da Destruição, não sabe?

— Sei — admitiu o Corvo. Mesmo sendo do Povo Inferior, tinha roubado uma Pedra-do-Sol, e Ebbitt e o professor Jarnil o tinham treinado em segredo.

— Pois faça isso — disse Tal. — Há um encantamento que estou pensando em usar também contra ele, se conseguir: o Desintegrador Violeta.

— O que é que isso faz? — perguntou o Corvo.

— Dissolve tudo o que atingir — respondeu Tal, implacável. — Só lamento não ter tido confiança bastante para experimentar antes.

O cozinheiro voltou correndo, desviando dos criados que iam e vinham entre os fogões e as bancadas, e dos fornos abertos e das facas afiadas. Um garoto, que não tinha mais de seis ou sete anos, vinha atrás dele, enfiando disfarçadamente o dedo no nariz. Parou de fazer isso quando viu que Tal estava olhando, e juntou as mãos às costas, assumindo a postura adequada a um criado.

— Esse é Edol — disse o cozinheiro. — Ele vai levá-los ao Salão das Audiências pelas passagens de serviço.

— Na verdade, não posso dizer que tenha me deliciado com essa viagem antes — respondeu Ebbitt, logo depois que ele e Milla aterrissaram na caçamba metálica. — Mas li a respeito.

— Tomara que o que você leu esteja certo — disse Milla. — Não gosto nada de viajar desse jeito, enganchada nesses trilhos de metal. Até um Selski pode ser conduzido...

Os outros Homens-do-Gelo que estavam na caçamba murmuraram algo, concordando com ela.

As laterais da caçamba eram altas demais para que se pudesse enxergar o exterior. Milla mandou, então, que uma Donzela Guerreira subisse nos ombros largos de Jarek para ver o que vinha pela frente. Od ris se ergueu um pouco e meteu a cabeça para fora, querendo ver também.

— Como vamos saber que é hora de saltar? — perguntou Milla. — Tem algum sinal, ou indicação?

— Quando o Locomotor reduzir a velocidade, saberemos — disse Ebbitt. — Se ele acelerar, vamos ficar sabendo que passamos do ponto que pretendíamos.

Milla franziu a testa, e virou para o outro lado. Tinha de refletir. Se o grosso de seu exército tinha efetivamente chegado, e estava atacando, suas tropas avançadas teriam recebido reforço a tempo. Provavelmente, Tal estava bem, uma vez que Ebbitt tinha certeza que o Corvo ia salvá-lo, e ela própria não tinha Fashnek em alta conta. Mas Sushin possuía a metade da Grande Pedra Violeta e, com ela, poderia finalmente destruir o Véu. Talvez até já tivesse feito isso, a julgar pelas notícias que tinham recebido aqui embaixo. Aqui embaixo, dentro dessa caixa de metal, forçados a viajar direto para sabe-se lá onde...

— O que há lá na frente? — perguntou ela, de súbito.

— É muito escuro — respondeu a Donzela Guerreira. — Acho... acho que os trilhos começam a descer mais adiante.

— Descer?! — exclamaram Milla e Ebbitt, ao mesmo tempo.

— É — respondeu a Donzela Guerreira. — É isso mesmo. Estou vendo um Locomotor mais à frente, mas não as caçambas empurradas por ele... agora, ele também desapareceu. Deve ser uma descida bem íngreme...

— Talvez eu esteja confundindo as coisas — disse Ebbitt, cabisbaixo, e coçando o peito sob o peitoral. — Ele sobe ou desce até o corredor do Povo Inferior a que me referi antes? Será um caminho ascendente, descendente, pendente, independente... xiii!

Virou-se para Milla e fez uma profunda reverência.

— Minha cara, temo ter sido inexato. Precisamos desembarcar desse veículo antes que ele desça.

— Nossa primeira caçamba já chegou na beirada — informou a Donzela Guerreira.

— Todos para fora! — gritou Milla. — Pulem!

De um salto, ela se encarpitou na borda da caçamba, com as pernas para fora para poder pular com mais facilidade. Os Homens-do-Gelo começaram a pular à sua volta mas, até o último instante, Milla continuava hesitando. Faltava alguém. Olhou para dentro da caçamba e viu que Graile ainda estava ali, adormecida, com seu Espírito-Sombra todo esparramado a seu lado.

Milla olhou para a frente. A caçamba seguinte já tinha começado a descer. Percebeu que devia ser uma queda praticamente vertical, pois as caçambas sumiam de repente.

— Graile!

A Escolhida nem se mexeu.

Milla pulou de novo para o interior da caçamba, chamando por Odris.

— O que é? — foi a resposta queixosa do Espírito-Sombra que já tinha ficado lá para trás. Ela tinha saltado, obedecendo à ordem de Milla.

— Venha cá! — gritou Milla. — Imediatamente!

Abaixou-se e sacudiu Graile com toda força, mas nem assim a Escolhida se mexeu. Estava respirando, mas profundamente inconsciente.

Milla ouviu outra caçamba chegando à borda da descida: os estalidos regulares da terceira roda foram substituídos por uns rangidos muito mais altos e mais frequentes.

Então, deu um tapa em Graile, mas a mulher não acordou. E seu Espírito-Sombra também não se moveu.

— Odris!

— Estou aqui — resmungou Odris que pairava sobre a cabeça da menina. — Não precisa gritar!

Milla pôs Graile nos ombros. Ela era incrivelmente leve para seu tamanho, mas, mesmo assim, era pesada demais para ser empurrada por cima das laterais da caçamba.

— Leve ela — ordenou Milla.

Odris desceu, e agarrou Graile com seus braços fofos. Quando estava começando a alçar vôo novamente, soltou um grito de espanto.

— Ela está enganchada! — exclamou Odris. Naquele instante, Milla ouviu outra caçamba chegando à beirada. Era a terceira, e elas estavam na sexta. Só havia tempo para respirar cinco ou seis vezes antes que despencassem também.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Milla, aflita. Foi então que viu o que Odris queria dizer. O Espírito-Sombra de Graile a estava prendendo com uma das patas, puxando-os a ambos para baixo. — Tente com mais força!

— Não consigo! — gemeu Odris. — O Espírito-Sombra fez alguma coisa estranha... está pesado demais!

— Deixe-a aí! — gritou outra voz. Era Saylsen. A Guerreira Mãe tinha subido de novo na lateral da caçamba, e estava olhando para dentro. — Deixe-a aí, Capitã-Mor!

Outra caçamba se foi. Era a quarta. Milla ficou estática enquanto sua mente funcionava mais depressa que nunca.

— Luz, Odris! Qual a melhor luz para Espíritos-Sombra? Para fortalecer vocês?

— Não sei! — berrou Odris. — Posso soltar eles?

— Pense! Luz de que cor?

— Branca!

— Desvie os olhos, Saylsen!

Milla apontou a Pedra-do-Sol para o grande pássaro que era o Espírito-Sombra de Graile, e mentalizou pura luz branca, a luz mais brilhante que conseguia imaginar. Enquanto fazia isso, virou a cabeça para o lado e fechou os olhos.

Jorrou luz de sua Pedra-do-Sol. Uma luz brilhante que iluminou a caçamba, a caverna e fez os dois Espíritos-Sombra se destacarem como se tivessem sido recortados em tecido negro e colados numa parede caiada.

O Espírito-Sombra de Graile se esticou todo e bateu as asas. Abriu um olho, e moveu o bico.

— Pule, Capitã-Mor! — suplicou Saylsen. Seu grito foi imediatamente seguido pelo ruído da quinta caçamba ultrapassando a borda.

A deles era a próxima.

Sempre lançando luz sobre o Espírito-Sombra de Graile, Milla ergueu o outro braço e chamou por Odris.

— Odris! Tire-me daqui!

Odris se precipitou em sua direção. Saylsen saltou. E a caçamba começou a se inclinar. Graile escorregou para um canto enquanto Milla dava um pulo e era erguida por Odris. A luz branca se extinguiu, e as botas de Milla ainda ficaram presas na borda da caçamba. Mas, com um rugido, Odris conseguiu soltá-la.

Caíram sobre umas tralhas empilhadas, a uns poucos trechos da borda da descida, no momento em que a sétima caçamba despencou.

Saylsen estava ali do lado, já de pé. Mas não havia sinal de Graile ou de seu Espírito-Sombra.

Cambaleando, Milla se aproximou da beirada e olhou para o fundo. Era uma queda vertical, descendo até onde ela conseguia enxergar à luz de sua Pedra-do-Sol. Sabe-se lá como, o Locomotor e as caçambas permaneciam presos aos trilhos. Mas, o que quer que estivesse naquelas caçambas sem dúvida cairia para a morte certa, lá embaixo.

Milla ficou furiosa com Ebbitt. Tinha agüentado os seus métodos tortuosos e malucos. Mas, agora, a sua falta de atenção tinha provocado a morte da filha de seu próprio irmão. Virou-se para procurá-lo... quando viu um braço extra saindo do Locomotor que vinha chegando. Um horrível braço rosado, de quinze trechos de comprimento, em cuja extremidade havia uma mão de três dedos, do tamanho de um torso humano. Uma mão que estava prestes a agarrar Saylsen enquanto o Locomotor vinha se aproximando lentamente.

— Cuidado! Inimigo! — gritou Milla. E saiu correndo, com a Garra já se expandindo na mão esticada.

Saylsen girou o corpo, empunhando suas facas, no exato momento em que a mão se fechou sobre ela. A Guerreira Mãe a golpeou várias vezes, fazendo jorrar um sangue acinzentado. Mas o Locomotor não a soltou. Foi só quando a última caçamba despencou, e o Locomotor começou a inclinar, que Milla conseguiu alcançá-lo e atingi-lo.

Um fio de luz brilhante saiu da Garra e se enrolou, como um chicote, no pulso da criatura. Voaram fagulhas para todo lado, cegando Milla momentaneamente. Ela se atirou ao chão, para o caso de um outro braço a atacar enquanto não estava conseguindo ver nada, e rolou para mais longe da borda da descida.

Quando conseguiu enxergar, viu Saylsen, que lutava no chão, e a mão decepada do Locomotor que continuava a apertá-la com força. Milla se pôs de pé e correu para lá, pois a mão

podia estar estrangulando a Guerreira Mãe mesmo depois de ter sido arrancada.

Ouviu, então, um movimento às suas costas, um súbito deslocamento de ar. Pensando que o Locomotor podia ter, de algum modo, invertido a marcha, Milla pulou de lado e girou o corpo, com a Garra pronta para atacar.

Mas não era o Locomotor.

Era o Espírito-Sombra de Graile, com as imensas asas bem abertas, como Milla nunca vira antes. Ele veio por cima dos trilhos metálicos, batendo furiosamente as asas e, depois, deslizou para ficar planando fora do alcance de Milla e de sua Garra. Cuidadosamente segura em suas patas, estava Graile. O Espírito-Sombra ficou pairando ali por alguns segundos. Em seguida, depositou a Escolhida delicadamente no chão e se pôs a seu lado.

Só então Graile despertou. Depois de se espreguiçar e bocejar, olhou a seu redor, com um ar desconcertado. Viu Milla e Saylsen que saíam da mão decepada do Locomotor, e Ebbitt e o restante dos Homens-do-Gelo que vinham correndo do ponto em que haviam saltado daquelas caçambas.

— Desculpem — disse ela. — Peguei no sono. Perdi alguma coisa?

Edol foi guiando Tal e o Corvo através de corredores cada vez mais estreitos, utilizados pelos membros do Povo Inferior que trabalhavam como garçons. Dava para entender por que quase todos os garçons eram meninos ainda pequenos, pois várias vezes Tal e o Corvo tiveram que engatinhar, ou se espremer para atravessar umas fendas, em locais onde o caminho passava por baixo dos pisos ou por dentro de uma parede. Em certos pontos, viam-se umas vigias na parede, ou umas portinholas onde se podia deixar a comida. Mas Edol estava andando bem depressa, e não havia tempo para dar uma espiada.

Finalmente, chegaram a um entroncamento de quatro corredores igualmente estreitos. Edol apontou para um deles — o que ficava à esquerda, e ia dar numa pequena porta — dizendo:

— Vai dar na Alameda dos Cortejos. As portas do Salão das Audiências ficam do outro lado da Alameda dos Cortejos.

Saiu correndo, então, pelo corredor oposto, com o indicador novamente enfiado no nariz.

O Corvo foi se esgueirando pelo corredor. Tal o seguiu de perto, com Adras às suas costas. Tal continuava querendo manter o Corvo à sua frente, para ficar de olho nele, embora o líder dos Resistentes estivesse se comportando muito bem até agora.

— Que a Escuridão carregue esse menino! — praguejou o Corvo bem baixinho, enquanto examinava a porta.

— O que foi?

— Não é uma porta de verdade — disse o Corvo. — É um buraco na parede, com um quadro, ou coisa que o valha, pendurado na frente. Vou ter de arrancar isso d a parede e, na certa, vai fazer barulho. Se tiver alguém na Alameda dos Cortejos, vai ficar sabendo.

— Não dá para ir tirando bem devagarinho? — indagou Tal.

— Não. É pesado demais.

— E não dá para cortar? — perguntou Tal, lembrando dos retratos dos antigos professores, que havia no Lectorium. Eram pintados em tecido, e presos a molduras metálicas.

O Corvo deu umas batidinhas ali e abanou a cabeça.

— É de um material sólido. Acho... acho que é uma lâmina metálica. Pode até ser um espelho.

— Acho que devemos arriscar — disse Tal. — E torcer para que todos estejam lá embaixo, lutando com os Homens-do-Gelo.

O Corvo concordou, e começou a empurrar a parte superior da lâmina. Ela foi cedendo, lentamente, com um ruído estridente que deixou Tal todo arrepiado.

— Depressa! — disse ele. Se o barulho contínuo do metal na pedra já era bem ruim, imagine esse outro ruído. — Adras, vá ajudá-lo!

Adras passou à frente de Tal e empurrou aquilo com seus possantes braços fofos. Quase imediatamente, o barulho cessou e a lâmina metálica caiu inteirinha, deixando passar uma luz de Pedra-do-Sol de um violeta brilhante, vinda do amplo corredor que havia do outro lado.

O Corvo, Tal e Adras viram cair o retângulo de metal, na maior tensão, esperando pelo barulho que faria. Mas nenhum dos três estava preparado para o tremendo estrondo que

efetivamente aconteceu, nem para o alarme que continuava soando e ecoava por toda parte.

Também brilharam luzes em todo canto, pois a lâmina metálica era mesmo um espelho de prata altamente polido. Ele ficou ali, estremecendo no chão, e lançando clarões desordenados em todas as direções.

— Depressa! — disse Tal, e os três penetraram na Alameda dos Cortejos. Com a campainha ressoando em seus ouvidos, olhavam para cada cantinho do aposento, à procura de possíveis inimigos, e de algum lugar por onde pudessem fugir.

De repente, pararam diante do que viram.

Na diagonal do ponto onde estavam, havia duas imensas portas em arco. Eram feitas do metal dourado dos antigos, mas salpicadas de minúsculas Pedras-do-Sol que as faziam brilhar em todas as cores, com faixas de arco-íris cintilando constantemente sobre sua superfície.

Ambas estavam parcialmente abertas. Mas não foi a quantidade de Pedras-do-Sol nas portas que deteve Tal e o Corvo, nem o fato de elas estarem abertas.

Foi a pilha de corpos de Escolhidos mortos que se formava bem diante daquelas portas. Mais de uma dúzia deles, incluindo indivíduos trajando túnicas violeta e guardas. Não havia sinal de qualquer Espírito-Sombra.

O último eco da campainha emudeceu, e o espelho de prata ficou imóvel.

— Sushin chegou antes de nós — disse o Corvo.

Tal concordou e desviou os olhos, observando a Alameda dos Cortejos. Nunca estivera aqui antes, embora já tivesse vindo aos níveis Violeta uma vez. A Alameda dos Cortejos fazia jus ao nome que tinha. Era um corredor amplo e majestoso, que se estendia por trechos e trechos, para um lado e para o outro, até fazer uma curva, prosseguindo em outra direção.

Não havia ninguém por ali. Ao menos, vivo. Tal se adiantou para examinar os Escolhidos mortos. Mais que medo, era surpresa o que se via naqueles rostos. Nenhum deles tinha Pedras-do-Sol nas mãos ou em outro lugar visível, e as espadas dos guardas ainda estavam embainhadas. Tampouco havia qualquer marca evidente da causa de sua morte: nem ferimentos, nem marcas de queimaduras, ou outros sinais de luz mágica fatal.

— Por que será que ele os matou? — murmurou Tal, movendo-se por entre os corpos, tendo o Corvo a seu lado. Ambos traziam suas Pedras-do-Sol prontas para serem usadas. — E como?

Um leve movimento, junto a uma das portas, fez com que os dois se virassem, nervosos, com luz vermelha já brilhando nas Pedras-do-Sol. Um dos guardas, uma mulher que estava apoiada na parede, na verdade não estava morta, e tinha mexido a mão.

Tal a reconheceu. Era Ethar, Senhora-das-Sombras da Ordem Violeta, e alto oficial da Guarda. A mão voltou a se mover e Tal percebeu que ela estava tentando fazê-lo chegar mais perto.

— Quem está aí? — sussurrou a mulher, erguendo um pouco a cabeça. Seus olhos não focalizavam nada. Tal teve um sobressalto ao compreender que ela estava cega.

— Tal Graile-Rerem — disse ele, passando por cima de um cadáver para se aproximar dela. Continuava preparado para um ataque inesperado, mas não acreditava que isso fosse acontecer. Ao menos, vindo de Ethar. Ela tinha o rosto tão pálido quanto o dos Escolhidos mortos, e Tal sabia que não duraria muito.

Os lábios de Ethar esboçaram um breve sorriso.

— O garoto do jogo de Criaferas — disse ela, e tossiu. Com a tosse, veio uma espuma de sangue vermelho vivo que lhe escorreu pelo canto da boca.

— Você jogou bem.

— Foi Sushin quem fez isso? — perguntou Tal. — Ele entrou no Salão das Audiências?

Ethar não respondeu de imediato. Seu peito se ergueu, e mais sangue tingiu seus lábios. Então, ela disse:

— Foi. Entrou. Nós protestamos. Mesmo sendo o Vizir das Trevas, e podendo nos comandar, ele não tem o direito de forçar as portas... Ele nos mostrou a Grande Pedra Violeta, e mandou que nos calássemos. Disse que ia ser o Imperador e podia fazer o que bem entendesse. Mas, apesar de ele possuir a Grande Pedra, é a Assembléia que deve decidir, e dissemos... que ele não poderia entrar.

Ela parou, e sua respiração se tornou mais ofegante. Tal ficou esperando.

— Então, ele nos cegou, usando a Grande Pedra, e, na escuridão, pronunciou umas palavras que abateram instantaneamente os nossos Espíritos-Sombra. Senti que meu Kerukar estava indo embora, arrancado de mim, e quase fui junto com ele. Mas fiquei. Dever... é o meu dever... Você precisa detê-lo, Tal, para que ele não se torne Imperador... Ele não deve ser...

— Vou detê-lo, se conseguir — disse Tal.

— Quero lhe pedir uma coisa, antes que você se vá — sussurrou Ethar. — De jogador para jogador. Acabe com esse jogo.

— O que... o que quer dizer com isso? — perguntou Tal. Mas sabia muito bem o que ela estava querendo dizer.

— Um Raio Vermelho — sussurrou Ethar, arrastando a mão pelo peito para bater de leve na altura do coração. — Aqui. Não me deixe assim por mais tempo.

Tal ergueu a Pedra-do-Sol. Em seu interior, começou a redemoinhar luz vermelha que foi se tornando mais intensa. Depois, um único raio brotou dali, atingindo Ethar exatamente no ponto que ela havia indicado. Seu corpo se sacudiu e, então, foi escorregando lentamente pela parede.

Tal enxugou os olhos, e se afastou dali.

— Eu nunca... nunca matei ninguém, sabe? — disse o Corvo, bem baixinho. — Nem um único Escolhido, apesar de tudo o que eu dizia. Não conseguiria fazer o que você... Não conseguiria...

— Nem eu — disse Tal, com a voz rouca. — Antes de ter encontrado os Homens-do-Gelo, antes... antes de tudo.

O Corvo ia dizendo mais alguma coisa quando Adras se empinou, de repente, e olhou para a extremidade da Alameda dos Cortejos.

— O que foi? — indagou Tal. — Vem vindo alguém?

— Vem — disse Adras. — Um monstro.

Milla olhou para os degraus que subiam, os que desciam, e o estreito corredor que seguia adiante. Enquanto isso, Ebbitt ficou ali, parado, hesitando e coçando a cabeça.

— Para onde estamos indo, agora? — indagou Milla. — Pense bem, Ebbitt. Nada de nos fazer subir quando teríamos de descer, ou dobrar à esquerda quando deveria ser à direita. Você quase matou Graile!

— Falha minha — suspirou Ebbitt. — Talvez, se amarrasse fitas de cores diferentes nos pulsos, pudesse distinguir entre esquerda e direita. No entanto, tenho plena certeza de nosso paradeiro atual, e do caminho que devemos tomar. Temo, porém, que só quatro de nós possamos viajar pelo vapor até os níveis Violeta. Os demais vão ter de descer essa escada, de volta ao Vermelho Cinco. Estou certo que, por essa hora, ele já está nas mãos dos Homens-do-Gelo.

— Por que só quatro? — perguntou Milla. — E o que você quer dizer com "viajar pelo vapor"?

— Porque só cabem quatro no envelope — disse Ebbitt. — Ele é empurrado para cima pelo vapor, que sobe através de tubos acertadamente denominados Elevantes. Se bem que os tubos de retorno, por onde passa a água condensada, não são chamados de Baixantes. Estranho...

— Caber no envelope? O que é isso? Algo como essas caçambas metálicas?

— De jeito nenhum — respondeu Ebbitt. — Um envelope é ond e você põe uma carta. Dependendo da carta, escolhe-se o envelope mais adequado. A resposta formal a um convite, por exemplo, deve ser posta num envelope quadrado, que pode ser da cor da sua Ordem, ou branco, quando não se quer parecer pretensioso...

— Ebbitt! — atalhou Milla. — O que é esse envelope dentro do qual podemos viajar?

— Ora, é um envelope de Luz Mágica. Senão, seríamos escaldados pelo vapor. É uma invenção de minha própria lavra. Acho que poderia ser chamado invólucro, ou segunda pele, ou recipiente, ou mortalha, embora esse termo seja um tanto mórbido...

A voz de Ebbitt se transformou num murmúrio e ele começou a contar nos dedos, enumerando todas as possíveis denominações para esse envelope mágico que ele tinha usado para viajar pelo vapor.

— Talvez fosse melhor tentarmos encontrar um outro jeito — disse Milla, dirigindo-se a Saylsen e a Malen. — Grade? Você sabe do que Ebbitt está falando? E, se sairmos no Vermelho Cinco, com certeza poderemos chegar aos níveis Violeta a partir dali, não é?

Graile estava semi-adormecida outra vez, mas abriu os olhos enquanto Milla falava, e respondeu delicadamente.

— Não sei do que Ebbitt está falando, mas suponho que tenha descoberto uma maneira de viajar através do sistema de aquecimento do Castelo. Há canos que trazem o vapor lá de baixo, e o fazem circular por todo o Castelo. E é claro que, se for possível sair no nível Vermelho Cinco, há vários caminhos para se chegar aos níveis Violeta.

— Só que não é tão rápido quanto pelo vapor — interrompeu Ebbitt. — Vamos ter de abrir caminho à força, através dos níveis Laranja, Amarelos, Verdes, Azuis e Anil. Já, pelo vapor, estaremos nos níveis Violeta em questão de minutos. Oh! Com mil Escuridões! Perdi a conta! Onde é que eu estava? Ah, sim, quarenta e três, saco, quarenta e quatro, envoltório...

— Acho que devemos arriscar essa passagem pelo vapor — suspirou Milla. — Eu vou, é claro, e é melhor que você venha comigo, Malen. Ainda tem lugar para mais um. Talvez Graile...

Mas Graile tinha adormecido de novo, recostada em seu Espírito- Sombra, que dobrara uma das asas negras sobre ela, como se ela fosse um pintinho precisando de proteção.

— Não. Ela ainda está muito fraca — respondeu a própria Milla.

— Eu vou, Capitã-Mor — disse Saylsen. Milla abanou a cabeça. Embora Saylsen não tivesse dito nada, a menina tinha certeza, vendo sua postura ligeiramente estranha, que a mão do Locomotor tinha quebrado algumas costelas da Guerreira Mãe, se não tivesse provocado ferimentos mais graves.

— Não. Você tem de guiar os outros até onde está o nosso exército, e assumir o comando. Acho que... Jarek

— Capitã-Mor... — principiou Saylsen, mas Milla a interrompeu com um gesto.

— Vamos ter de enfrentar a mais poderosa Magia da Luz — disse a menina. — Jarek pode sobreviver a ela, como vimos.

— Ele é um Xucro, Capitã-Mor — alertou Saylsen, ignorando a tentativa de Milla para interrompê-la. — Se tiver um de seus acessos, você talvez não seja capaz de direcionar a sua fúria. Seria melhor que eu fosse com vocês.

Milla encarou o olhar ameaçador da Guerreira Mãe, e tentou mostrar que sabia o que estava fazendo. Mas, será que Saylsen não tinha razão? Por outro lado, alguém tinha de guiar o grupo no caminho de volta, e Milla estava certa que Saylsen precisava enfaixar as costelas ou, quem sabe até, ser levada para as Matriarcas que estavam esperando no sistema de aquecimento.

— Está decidido — disse ela, afinal. — Você lidera o grupo. Levo Malen e Jarek comigo.

Por um instante, Milla pensou que Saylsen fosse recusar, e ficou imaginando o que deveria fazer então. Mas a Guerreira Mãe baixou os olhos, e bateu os punhos cerrados.

— Como quiser, Capitã-Mor — disse ela. — Vamos nos apressar, e vou me juntar a nosso exército. Voltaremos a nos encontrar nos níveis Violeta, tão logo for possível.

— Malen! — chamou Milla, para saber se a Matriarca — e todas as outras Matriarcas — não se opunham a esse plano.

Os olhos de Malen se enevoaram por um momento, enquanto o contato se estabelecia. Depois, a jovem abanou a cabeça, desanimada. Ela não era mais a mesma desde que tinha ficado sem conexão com a consciência coletiva das Matriarcas, há algum tempo. Alguma centelha vital parecia tê-la abandonado.

— Você é a Capitã-Mor — disse Malen, batendo os punhos. — E foi liberada de minhas instruções.

— Jarek! — chamou Milla, erguendo a voz. — Quero que você venha comigo.

Jarek surgiu entre as Donzelas Guerreiras que batiam abaixo de seus ombros. Sua estranha pele azul brilhava à luz da Pedra-do-Sol de Milla.

O Xucro tinha finalmente saído daquela letargia que se seguia aos acessos de fúria. Parou diante de Milla, erguendo-se, imenso, à sua frente, e bateu os punhos cerrados. Não disse nada. Apenas fez que sim com a cabeça, bem lentamente, mostrando que tinha ouvido e obedeceria.

— Boa caçada! — disse Saylsen, batendo novamente os punhos antes de descer as escadas, conduzindo o resto das Donzelas Guerreiras e dos Caçadores. Todos bateram os punhos ao passar diante de Milla, e ela respondeu da mesma forma.

As duas últimas Donzelas Guerreiras ajudaram Graile a se levantar, enquanto seu Espírito-Sombra esvoaçava para a frente e para trás, às suas costas.

Num gesto fraco, Graile ofereceu luz de sua Pedra-do-Sol a Milla.

— Que a Luz os proteja — disse ela. — Se... se encontrarem Tal, digam-lhe que o meu amor, a minha confiança e a minha esperança estão com ele. Tomara que voltemos a nos ver, sob o Véu.

— É o que desejo também — respondeu Milla. — Faremos o que for possível para garantir a segurança do Véu.

— Até mais, tio — acrescentou Graile, começando a descer as escadas. Mas Ebbitt nem ouviu. Estava num mundo que era só seu, resmungando e contando, até que Milla bateu em seu ombro.

— Estamos prontos — disse ela. — Leve-nos ao vapor, e aos níveis Violeta.

Desta vez, pelo menos, Ebbitt sabia mesmo onde eles estavam. Foi guiando Milla e os demais através de uma passagem que ia dar numa saleta inteiramente dominada por uma grande porta metálica que tinha uma roda bem no meio.

— Cá estamos, cá estamos — declarou Ebbitt.

— Fiquem bem juntinhos, todos vocês, bem juntinhos. Não, mais juntinho ainda, sr. Azul. Odris, você não precisa ficar com a gente. O vapor não machuca sombras.

Jarek não pareceu desgostar de ser chamado de sr. Azul, como Milla pôde ver, aliviada. Todos se apinharam em torno de Ebbitt. Quando acabaram de se ajeitar, e estavam praticamente colados uns aos outros, o velho Escolhido ergueu a mão e seu anel de Pedra-do-Sol começou a emitir pura luz anil.

— Rumo ao Sul, vamos lá, sr. Azul — cantarolou Ebbitt, fazendo um gesto complicado com a mão enquanto um rastro de luz acompanhava seu movimento. — Rumo ao Norte, eis aqui nosso transporte.

Milla observava, interessada, o que Ebbitt fazia com a luz. Parecia um tecelão em seu tear, transformando fios de luz num tecido sólido que os envolveu a todos. Aquele invólucro também passou por baixo de seus pés, e ficou pronto quando Ebbitt fez com que cobrisse igualmente suas cabeças.

— Fiquem perto de mim, caminhem junto comigo — recomendou ele. Foi se dirigindo para a porta metálica, arrastando os pés. Então, passou as mãos pela luz que os envolvia, e ela cedeu, sem se romper, deixando Ebbitt com luvas cor de anil. Ele girou a roda, mas não abriu a porta, e lançou um olhar para seu Espírito-Sombra.

Este devolveu o olhar e, lentamente, foi deslizando por baixo da porta. Ela não era feita daquele metal dourado, observou Milla, pois ele era impermeável às sombras e, aqui, não havia fresta alguma entre o chão e a porta. Era simplesmente ferro, ou algo do gênero.

Depois de um ou dois minutos, o Espírito-Sombra felino ainda não tinha voltado. Ebbitt batia o pé, impaciente, e assobiava entre dentes. Afinal, o Espírito-Sombra deslizou de volta e fez que sim com a cabeçorra encimada por uma crina.

Ebbitt abriu a porta e o vapor jorrou sobre eles. Os três habitantes do Gelo estancaram, mas o vapor foi repellido pela luz anil, espalhando-se, inofensivo, a seu redor.

Do outro lado da porta, tudo o que Milla pôde ver foi um poço profundo, repleto de vapor. Evidentemente, era um daqueles Elevantes que Ebbitt tinha mencionado.

— Agora, temos de acertar o passo — disse o ancião. — Não pensem que vamos cair, pois temos um chão bem bonitinho.

Deu um passo naquela direção, com os outros arrastando os pés atrás dele. Por um instante, pareceu que ele ia cair, sim, apesar de afirmar o contrário, já que a luz anil cedeu sob seus pés. No entanto, ela simplesmente se ajeitou, como se fosse elástica, e agüentou tanto Ebbitt quanto os que iam atrás dele para dentro do poço. Os dois Espíritos-Sombra vieram deslizando pela parede e, então, penetraram no invólucro de luz em que estavam Ebbitt e os habitantes do Gelo.

— Está fazendo cócegas — disse Odris, dando uma risadinha e se pondo perto de Milla. — Que luz cosquenta!

— Grandes gotas de vapor — murmurou Ebbitt, virando-se para fechar a porta atrás de si, com a luz anil envolvendo suas mãos quando voltou a estendê-las. — Imensas rajadas de muito vapor. É o que queremos.

Por mais um minuto, não aconteceu nada.

— Rajadas gigantescas — disse Ebbitt, esperançoso. — Vagalhões. Ventanias. Furacões.

Nada aconteceu.

— O que há de errado com esse sistema de vapor idiota? — gritou o velho. Ajoelhou-se, encostando o ouvido no chão de luz brilhante. — Venha, vapor! Venha!

Milla chegou a abrir a boca para perguntar a Ebbitt o que ele estava fazendo mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, uma força titânica atingiu o envelope de luz, lançando-os de encontro às suas paredes e ao teto enquanto partiam numa velocidade que nenhum deles jamais teria imaginado. Desesperados, agarraram-se uns aos outros, tentando ficar de pé novamente. E o envelope disparou para o alto.

— Vapor, glorioso vapor. Não há nada tão branco quanto ele — cantarolou Ebbitt. Então, começou a contar, aos berros.

Era difícil ouvi-lo, com o rugido do vapor e o zunido que fazia o invólucro à medida que ia subindo, cada vez mais depressa. Milla começou a ficar preocupada, achando que podiam colidir com alguma coisa, bem lá no alto, e se estraçalharem, como um navio do Gelo indo de encontro a um rochedo, a todo pano.

Quando contou — Sessenta! — Ebbitt agarrou a parede anil que estava à sua frente, puxando-a com toda força para que o vapor que os impulsionava passasse adiante do invólucro. Simultaneamente, seu Espírito- Sombra fincou as patas traseiras no chão e atravessou a luz para cravar as garras dianteiras na parede de pedras do poço. Com um ruído terrível, que penetrava até os ossos, o envelope de luz estancou e todos caíram no chão, embolados.

— Perfeito! — declarou Ebbitt, todo prosa, engatinhando para sair debaixo de Milla e Malen.

Estendeu as mãos, sempre envoltas na luz que se esticava, e acionou a roda que fechava uma outra porta. — Violeta Um, como prometido.

— Preparem-se! — ordenou Milla prontamente, enquanto Ebbitt girava a roda. Ergueu a mão, e a Garra começou a brilhar com sua luz vivida, mesclada de vermelho e de dourado. Jarek desenrolou a corrente. Malen se pôs atrás dele.

O vapor fluiu em espirais quando eles deixaram o Elevante e penetraram numa antecâmara que ia dar num corredor. Depois que passaram, Ebbitt bateu a porta, girou a roda, e esperou alguns segundos para que o vapor se dissipasse. Só então desmanchou o envelope protetor com um jorro de luz multicolorida emitido por sua Pedra-do-Sol.

Não havia sinal de Escolhidos ou de gente do Povo Inferior. Jarek foi até o início do corredor, examinou tudo cuidadosamente e fez sinal de que não havia inimigos à vista.

— Aqui, à direita — disse Ebbitt. Apontou para a esquerda, com a mão direita, e, depois, usou a mão esquerda para segurar a direita e fazê-la apontar na direção certa. — É por aqui.

— Vá na frente, Jarek — disse Milla.

— Esse caminho vai nos levar à Alameda dos Cortejos — disse Ebbitt. — De lá, chegamos ao Salão das Audiências, e Milla pode abrir as portas para nós.

Milla concordou. Nem perguntou a Ebbitt por que teria de abrir as portas. Era melhor não

perguntar nada. Provavelmente, ele ia querer que ela varresse o chão depois.

— Um monstro azul — acrescentou Adras. Tal e o Corvo se agacharam por trás dos cadáveres e Adras escorregou para a parede enquanto uma imensa criatura, de aparência humana, vinha cautelosamente dobrando a curva da Alameda dos Cortejos. Era de um azul brilhante e tinha pernas metálicas cintilantes. Na mão, trazia algo que parecia uma corrente.

— O que é aquilo? — perguntou Tal.

O Corvo se levantou. Parecia nervoso, mas de um jeito estranho.

— Jarek! — chamou ele. — Somos amigos.

— O que você está fazendo? — sibilo Tal. Por um momento, ficou em pânico. Era ali que o Corvo ia traí-lo. Tinha de fazer alguma coisa antes...

Mais alguém dobrou a curva do corredor, atrás do homem azul. Era uma figura familiar, e Tal esqueceu aquelas idéias a respeito do Corvo e de sua possível traição. Conhecia aquele cabelo louro quase branco que, no entanto, estava meio encoberto por algo que parecia uma coroa. Aquilo devia fazer parte da indumentária de Capitã-Mor dos Homens-do-Gelo, supunha ele.

Estava prestes a se levantar e gritar "Milla!" quando uma sombra passou zunindo por ele, bramindo como um trovão e com os braços bem abertos.

— Odris!

Àquele grito, respondeu um outro.

— Adras! —, e outra sombra, que estava atrás de Milla, alçou-se ao ar de um salto. Encontraram-se ambas na metade do caminho, com um estrondo de trovões que voltou a sacudir o espelho caído no chão, e fez Tal e Milla estremecerem, pois afinal eles também sentiam o choque do reencontro dos Pastores de Tempestades.

Depois disso, gritar "Milla!" parecia ser tanto descabido. Então, Tal se levantou lentamente e saiu andando na direção dela. Sentia-se estranhamente nervoso. Não via Milla desde que tinham se separado, lá nos níveis do Povo Inferior, ele, indo escalar outra vez a Torre Vermelha, ela, voltando para o Gelo. Muita coisa tinha acontecido desde então. Aparentemente, para ambos.

Para piorar ainda mais, Tal se deu conta de que nunca tinha conseguido saber ao certo se eles eram amigos ou não. Tinham sido companheiros nas dificuldades, mas também tinham brigado muito, e criado um monte de problemas um para o outro. O que aconteceria agora? Talvez Milla ainda quisesse matá-lo, como da primeira vez em que se encontraram...

Milla estava pensando coisas parecidas enquanto observava Tal se aproximando. Não estava certa quanto a seus próprios sentimentos. Sentiu uma irritação bem familiar ao vê-lo, mas sentiu também alívio por ele ainda estar vivo e, aparentemente, ter passado incólume pela Câmara dos Pesadelos.

Encontraram-se no meio do corredor, ignorando seus Espíritos- Sombra que continuavam girando no ar e correndo, um atrás do outro, numa alegria louca.

— Milla — disse Tal, parando.

— Tal — respondeu ela.

Fez-se um pesado silêncio entre ambos e, então, falaram os dois ao mesmo tempo.

— Estou contente que você esteja viva — disse Tal.

— Encontrei sua mãe — disse Milla.

— Minha mãe! Ela está bem? Eu não tinha certeza se o antidoto...

— Ela está fraca, mas está bem. E sob nossa proteção, lá nos níveis que já foram conquistados. Ela mandou dizer que o ama e que sabe que você vai fazer o que tem de ser feito.

— Sushin está com a Grande Pedra Violeta, quer dizer, a minha metade — acrescentou Tal rapidamente. Parecia mais fácil falar disso do que de coisas pessoais. — Ele vai utilizá-la para destruir o Véu. Temos de detê-lo.

— Sabemos disso — disse Milla, com aquele tom calmo e confiante que sempre o aborrecia. — É por isso que estamos aqui. Onde está Sushin?

— Hmm, não sei — respondeu Tal, embaraçado. — Acabamos de chegar. Mas ele abriu o Salão das Audiências e, provavelmente, já penetrou na Torre Violeta. Por isso, precisamos nos apressar.

— Então, por que estamos parados aqui, conversando? — atalhou Milla. Virou-se, e gritou: — Depressa!

Passou à frente de Tal e foi se dirigindo, a passos largos, para as portas abertas.

O homenzarrão azul que se pôs atrás dela olhou para Tal com um olhar assustador, que o fez estremecer. Lá no fundo de seus olhos havia loucura, e Tal sabia que ela podia vir à tona, com toda força, a qualquer momento.

— Você deve ser Jarek — disse ele, com uma voz sumida, e bateu os punhos cerrados. — Eu sou Tal. Sou uma espécie de... Homem-do-Gelo honorário.

Jarek não respondeu à saudação, e continuou seguindo Milla.

Tal estava quase indo atrás deles quando viu Ebbitt e uma outra jovem do Gelo, que devia ser uma espécie de aprendiz de Matriarca, ou coisa do gênero. Ela usava as vestes de uma Matriarca, embora seus olhos fossem de um azul incrivelmente luminoso.

— Tio-avô Ebbitt! — exclamou Tal, correndo para o ancião e abraçando-o com súbito fervor. — Estou tão feliz por não ter matado você!

— Então, me solte — replicou Ebbitt. — Antes que me estrangule para consertar o serviço malfeito.

Tal riu e o soltou. De repente, estava se sentindo muito melhor. Ter Milla e Ebbitt junto consigo fazia muita diferença na hora de enfrentar Sushin.

— Esta é a Matriarca Malen — disse Ebbitt. — Uma pessoa muito interessante. Pode lhe ensinar algumas coisinhas.

— Hã, estou c-certo que s-sim — gaguejou Tal. Bateu os punhos cerrados para ela também e, à diferença de Jarek, Malen respondeu à sua saudação, embora fosse um gesto mais automático que sincero.

— Sei muito a seu respeito — disse Malen, suavemente.

— Por Milla? — indagou Tal.

— Não — disse Malen. — A Capitã-Mor não tem tempo para ficar contando histórias. Caminhei pela mente dela, junto com outras Matriarcas. Vi suas lembranças, vi Aenir através de seus olhos, e vi você.

— Ah, que bom — disse Tal, tentando lembrar como ele devia aparecer nas recordações de

Milla. Não muito bem, desconfiava.

— Ebbitt, Sushin está com a Grande Pedra Violeta — disse ele enquanto apressavam o passo, seguindo Milla. — E a Imperatriz e o Vizir da Luz estão mortos. Eles me disseram que Sushin é um brinquete-de-sombra nas mãos de Sharrakor...

— Brinquete-de-sombra? Brinquete-de-sombra? — esbravejou Ebbitt. — Eles disseram isso?

— Foi — respondeu Tal, espantado com a reação violenta do ancião. — Por quê?

— Não tenho a menor idéia — disse Ebbitt. — Mas isso me soa mal.

— Oi, Tal.

— Ah, oi, Odris — respondeu Tal, acenando para o Espírito- Sombra que estava acima dele.

— Adras me contou que vocês voltaram para Aenir e que você o enfiou dentro de uma roupa esquisita, e que ele foi engolido por alguma coisa e, então, quando voltaram para cá, ele foi posto numa caixa e, depois, teve de escalar um tubo fedorentíssimo — disse Odris, muito séria. — Você devia ter mais cuidado com ele. Ele tem uma constituição fraca.

— Vou ter mais cuidado — disse Tal, mecanicamente. De algum modo, esse reencontro não estava correndo tão bem quanto seria de se esperar.

— Sabe como se entra na Torre Violeta, Ebbitt?

— Tenho um ou dois palpites — disse o velho.

Baixou os olhos e puxou o peitoral de cristal, afastando-o do peito, num gesto estranho que Tal imaginou que pudesse ser um sinal de modéstia — ou, quem sabe, apenas um novo cacoete.

— Por falar nisso, Lokar está livre — prosseguiu Tal, circunspecto. — Ela vai tentar repor a Grande Pedra Vermelha em seu lugar. Disse que, com isso, é possível manter o Veu funcionando por um tempinho, mesmo com a violação da Grande Pedra Violeta.

— Lokar é a Guardiã da Grande Pedra Vermelha? — indagou Ebbitt, erguendo uma sobrancelha, com um ar glacial. — Lokar! O que mais eles vão inventar?

— Mas, você sabia disso — disse Tal. — É a prima do professor Jarnil...

Sua voz se extinguiu quando alcançaram as portas e ele entrou ali pela primeira vez.

O Salão das Audiências. Um vasto aposento, tão grande, ou maior que a Assembléia dos Escolhidos que ele conhecia, e que ficava lá embaixo, na ala incolor do Castelo, entre os níveis Amarelos e Verdes.

O Salão das Audiências tinha um teto abobadado que brilhava, iluminado por milhares de Pedras-do-Sol instaladas em suas bordas, mas cujo topo se perdia na escuridão. O piso era ladrilhado nas sete cores do arco-íris, mas um em cada oito ladrilhos era um espelho, refletindo a luz das Pedras-do- Sol que bordejavam a abóbada. Assim, a luz se espalhava e cintilava por todo o aposento, dificultando a visão dentro do imenso salão.

Tal protegeu os olhos com o braço. Podia avistar Milla, Jareke o Corvo, mais à frente, e havia uma espécie de construção bem no meio do aposento. Mas era tudo. Não estava vendo Sushin, ou outras portas, escadas, ou outras saídas e entradas. Aparentemente, não havia nenhuma passagem desse lugar para a Sétima Torre.

— Venha — disse Ebbitt, percebendo o ar interrogativo em seu rosto. — A resposta está no trono.

Aquela estrutura isolada no meio do Salão das Audiências era o Trono Imperial dos Escolhidos. Esculpido em um bloco maciço de cristal com as cores do arco-íris, o trono era uma enorme cadeira toda ornamentada, larga o bastante para que três pessoas pudessem se sentar ali. O encosto se elevava dez trechos acima do assento, e tinha um dedo de espessura. A luz brilhava através dele, como se fosse uma belíssima vitraça multicolorida.

No chão, em torno do trono, havia um círculo de Pedras-do-Sol. Eram grandes pedras violeta presas ao chão por um engaste de ouro.

— E qual é a resposta? — indagou Tal enquanto estavam todos ali, olhando para o trono. Desconfiado, o menino também estava de olho no círculo de Pedras-do-Sol. Elas eram grandes demais, e sua disposição era proposital demais para ser mera decoração. Decerto, tinham alguma função. Provavelmente, defensiva. Deviam soltar calor ou chamas, ou qualquer outra coisa igualmente perigosa.

— O caminho para a Torre Violeta — disse Ebbitt — está no trono. No entanto, só quem possui a Grande Pedra Violeta pode utilizá-lo.

Tal olhou para Milla. Sentiu-se envergonhado — Milla jamais teria perdido sua metade da Grande Pedra Violeta para Sushin, e era provável que ela o desprezasse por ter deixado o inimigo se apoderar de algo tão vital.

Seus olhos se encontraram. Então, ela girou o anel de Pedra-do-Sol, para tirá-lo do dedo, e o estendeu para Tal.

Ele o pegou, pensativo, surpreso como nunca estivera em toda a sua vida.

— Milla! — exclamou Malen. — O que você está fazendo?

— Devolvendo a Pedra-do-Sol do Imperador dos Escolhidos — respondeu Milla, com toda calma. — Mas, em troca, vou querer essa outra Pedra-do-Sol que você tem. Tal.

Sem dizer uma palavra, Tal lhe entregou a Pedra-do-Sol que tinha apanhado de Fashnek. Depois, enfiou no dedo a metade da Grande Pedra. De súbito, ela vibrou com luz violeta e o círculo de pedras que havia no chão respondeu àquela luz.

— Pegue o anel de volta — disse Malen, com voz tranquila. Tal percebeu que seus olhos estavam enevoados. Ela estava se comunicando com as outras Matriarcas. — A pedra pertence agora aos Homens-do-Gelo. Pegue-a de volta, Capitã-Mor.

Jarek soltou um grunhido e partiu na direção de Tal, mas parou assim que Milla ergueu a mão.

— Não sei utilizá-la em sua plena potência — disse Milla, dirigindo-se não à Matriarca que estava à sua frente, mas a todas as outras Matriarcas que estavam além dela. — Tal tem o poder, e o direito. O que é mais importante? Brigas entre Homens-do-Gelo e Escolhidos, ou salvar o Véu?

Malen ficou em silêncio. Tal não podia saber o que estava se passando, mas Milla sabia. As Matriarcas estavam discutindo, e precisavam votar.

— Como, exatamente, o trono está ligado à Torre Violeta? — sussurrou Tal para Ebbitt em meio ao silêncio reinante.

Ebbitt deu de ombros. Tal percebeu que o velho estava de olho em Jarek.

— Sente-se nele, e vamos descobrir — sussurrou Ebbitt.

Malen tossiu. Todos ficaram absolutamente imóveis. Lentamente, a corrente de Jarek foi se desenrolando de sua mão, um elo de cada vez.

— Muito bem, Capitã-Mor — disse Malen, naquela estranha combinação de voz das Matriarcas reunidas, e suas palavras ecoaram pelo aposento.

— Mais uma vez, seguimos sua orientação. Sua decisão foi acertada.

Só mesmo as Matriarcas para se congratularem por ceder, pensou Milla.

— Obrigado — disse Tal, dirigindo-se a Milla.

— Ebbitt acha que devo me sentar no trono.

— Todos devemos nos sentar nele — disse Ebbitt, que estava fitando as Pedras-do-Sol do chão. Depois, ergueu os olhos para a abóbada bem lá no alto. — Vá na frente, Tal.

Tal também olhou para as pedras do chão, lembrando-se das idéias que tivera antes. Por precaução, convocou mais uma vez luz violeta da Grande Pedra, deixando que ela o inundasse. Então, passou por cima do círculo.

As pedras do chão brilharam, mas não fizeram mais nada, nem mesmo quando Ebbitt e os outros vieram atrás de Tal.

O trono era frio e duro. No assento, havia uma almofada empoeirada que, há muito, perdera qualquer conforto que pudesse proporcionar, e a poeira ali era tanta que Tal espirrava cada vez que se mexia, por mais levemente que fosse.

Ebbitt veio sentar-se à sua esquerda, e Milla, à direita. O Corvo se agachou perto de Ebbitt e Malen enfiou-se ali, ao lado de Milla. Jarek se ajoelhou à frente de Milla e de Malen, olhando tristemente para Tal. O gato com crina de Ebbitt deitou-se diante do trono, sob os pés de todos eles. Adras e Odris se ergueram para ficar de ambos os lados do assento do trono, como se fossem estranhos galhardetes heráldicos.

— Meio lotado isso aqui — observou Tal. — O que é que eu faço agora?

Ninguém respondeu.

— Tio-avô Ebbitt? O que é que eu faço agora?

— Você é o Imperador — dardejou Ebbitt. — Como é que eu vou saber? Tome uma atitude imperial, seu bobo.

Tal engoliu uma resposta malcriada. Se era o Imperador, por certo merecia que se dirigissem a ele com alguma expressão mais respeitosa que "seu bobo". Não que se pudesse esperar isso de Ebbitt...

No entanto, talvez aquele fosse um bom conselho, pouco importando sua formulação. Tal ergueu a mão e convocou mais luz violeta, enviando um fecho dela diretamente sobre o círculo de Pedras-do-Sol que havia no chão.

As pedras responderam de imediato, tornando-se tão brilhantes que todos tiveram de proteger os olhos. Ao mesmo tempo, as Pedras-do-Sol que bordejavam a abóbada também ficaram mais brilhantes e raios violeta desceram até o chão. Centenas de raios diferentes, vindos de cada pedacinho daquela fileira de pedras, conectaram-se ao círculo que cercava o trono.

— Muito bem — disse Ebbitt.

— É bonito — disse Tal, nada convencido, fitando a poeira que dançava em meio aos raios violeta. — Mas não parece estar fazendo nada.

— Você quer dizer, nada, a não ser nos erguer do chão? — replicou Milla.

Tal olhou para ela e, depois, voltou a olhar para o chão. Como sempre, Milla tinha razão. O trono e o chão a seu redor estavam se erguendo lentamente em direção à abóbada, presos nas centenas de fachos violeta que saíam daquela borda do teto. Já estavam a uns bons vinte trechos de altura.

— É — disse ele, com voz sumida. — A não ser isso.

— E a abóbada está se abrindo, lá no alto — acrescentou o Corvo. — Suponho que isso deva ser considerado mais uma coisa. Acho que é assim que se chega à Torre Violeta.

— Sem dúvida — disse Tal, tentando parecer confiante. — Mas Sushin deve ter preparado algum tipo de armadilha ou, talvez, ele próprio ainda esteja lá. Precisamos ter muito cuidado.

Sem ruído, e firmemente, o trono continuou subindo. Tal tentou não pensar no que poderia acontecer se a magia falhasse na metade da subida. Odris e Adras poderiam ser rápidos o bastante para salvar Milla e ele próprio, mas os outros cairiam, e morreriam. Já estavam a cem... não, a cento e cinquenta trechos... e faltavam ainda uns cem. E, lá embaixo, havia um chão bem duro.

A magia não falhou. O trono atravessou a abertura circular da abóbada e foi depositado num outro aposento, bem menor. Também ele estava inteiramente vazio e tinha muito menos Pedras-do-Sol instaladas no teto. Uma ampla escadaria de pedra muito polida, de um tom verde pálido, subia em caracol a partir de um canto do aposento.

— Bem-vindos à Sétima Torre — disse Tal enquanto todos desciam do trono e se dirigiam para a escada. Sua voz soou estranha e cheia de presságios, mesmo a seus próprios ouvidos, e ele desejou não ter dito nada.

Assim que Tal saiu do círculo de Pedras-do-Sol, o trono começou a descer de novo, voltando para o Salão das Audiências. Ebbitt, que tinha se demorado um pouco mais ali, teve de pular fora, ajudado por seu Espírito-Sombra, que o ergueu pelo colarinho, do mesmo jeito que carregaria um filhote.

Não havia sinal de Sushin, e tampouco qualquer armadilha visível. Mesmo assim, com um gesto, Milla mandou que Jarek fosse na frente deles para subir a escadaria de pedra verde. Não só porque ele era forte o bastante para resistir a uma armadilha de luz, mas também porque era um caçador experiente, com boas chances de detectar qualquer emboscada.

A escada ia dar num outro nível, num outro aposento igualmente vazio e despojado. Mas terminava ali, e havia quatro amplas portas a serem exploradas. Tal observou que todas elas eram feitas daquele metal dourado, e que as paredes também eram revestidas por uma malha fina do mesmo metal. Nenhum Espírito-Sombra podia atravessar as portas e as paredes desse aposento.

— Com mil Escuridões! — praguejou Tal. Não podiam se permitir perder tempo errando o caminho. — Não faltava mais nada! Por qual delas devemos ir?

— Basta ir atrás de Sushin — declarou Ebbitt. — Simplesmente rastrear, meu rapaz.

Tal olhou as pedras do chão e bateu com o pé, irritado. Como supunha, nem mesmo uma pisada forte deixava marcas ali. Não haveria pistas que pudessem seguir.

Pelo menos, era o que achava, até ver Jarek junto a uma das portas. O Xucro lambeu um dedo e passou-o por toda a extensão da fresta entre a porta e a parede. Depois, examinou o resultado. Em seguida, cheirou em torno da maçaneta, feita de cristal violeta e metal dourado. Fez o mesmo nas quatro portas, indo de uma a outra, até que indicou a porta que ficava do lado leste.

— O quê? — exclamou Tal. — Como é que ele pode saber?

— Poeira — respondeu Milla. — Ou falta dela. E uma mão deixa óleo ou suor no metal. Venha!

— Mas ele não poderia farejar isso — disse Tal. — Ou poderia?

Milla não respondeu. Correu para a porta e parou junto dela, com a Garra preparada. Odris veio flutuando para o outro lado, e Adras se pôs perto dela.

Jarek experimentou a maçaneta. Ela não se moveu. Nem mesmo quando o imenso Homem-do-Gelo começou a usar toda a sua força.

— A Grande Pedra! — exclamou Ebbitt. — Use a cabeça, Tal. Não podemos ficar aqui, esperando, até que você ande com isso!

Tal enrubescou, e ergueu a Grande Pedra, enviando um fecho de luz violeta sobre a maçaneta. A luz refletiu de volta e, de repente, a maçaneta girou nas mãos de Jarek, que conseguiu abrir a porta.

O Xucro investiu porta adentro, sacando a corrente enquanto corria. Milla foi atrás dele, com a Garra já se expandindo, e foi seguida pelos Espíritos-Sombra, por Tal e pelo Corvo. Ebbitt e Malen vieram mais atrás.

Todos estavam esperando encontrar alguma espécie de armadilha, ou algum inimigo que Sushin tivesse deixado por ali. Mas não esperavam ver um inseto gigantesco, uma criatura horripilante, com um corpo esguio, medindo, no mínimo, uns cinquenta trechos, e dotada de centenas de patas, além de mandíbulas dentadas, tão grandes quanto Jarek, e dois imensos olhos multifacetados.

A luz se intensificou nas Pedras-do-Sol, a Garra se estendeu como um chicote de luz, e Jarek começou a girar a corrente acima da cabeça.

Então, todos estancaram. A luz se reduziu. Milla deixou cair a mão ao lado do corpo e a corrente de Jarek foi perdendo velocidade até parar com um golpe que, em qualquer outro que não fosse o Xucro, machucaria bastante.

O inseto gigantesco estava morto. Ou nunca estivera vivo. Quando chegaram mais perto, Tal viu que se tratava, na verdade, de uma espécie de máquina feita de um material parecido com o metal dourado, embora recoberto por uma camada esverdeada. E os olhos multifacetados eram feitos de centenas de Pedras-do-Sol. Pedras-do-Sol extintas.

Em suas costas, havia algo como uma sela, por trás daquela cabeça com mandíbulas assustadoras. E as duas patas mais próximas tinham uns pêlos grossos, que podiam ser usados como degraus de uma escada, ao invés das pontas cortantes que recobriam todas as outras patas.

— Uma máquina de guerra — disse Milla, num tom de admiração. Seria um inimigo terrível. Era esguio o bastante para se introduzir em qualquer lugar onde os humanos pudessem ficar de pé, e aquelas mandíbulas eram capazes de partir um guerreiro ao meio, enquanto as patas poderiam retalhar uma centena de inimigos.

— Um Larvandante! — disse Ebbitt. — Fascinante! Sempre achei que eles não passavam de invenção.

— Eles?! — indagou o Corvo. — Então existem outros desses?

— Pelo que contam as histórias, ao menos uns vinte — respondeu Ebbitt, todo animado. Tirou uma fita métrica de um de seus amplos bolsos e a estendeu de um lado a outro das mandíbulas do Larvandante.

— Agora não, tio-avô — disse Tal, com firmeza, puxando o velho pelo braço. — Estamos com pressa, lembra?

Passaram rapidamente pelo Larvandante, tomando cuidado para manter distância de suas patas cortantes. Na verdade, a máquina em forma de inseto estava instalada num corredor em curva e, quando dobraram aquela curva, deram com outra máquina daquelas. Só que essa estava posicionada de maneira diferente, com a cabeça e parte do corpo empinados, como se estivesse prestes a saltar sobre um inimigo.

Embora parecesse tão morto e gélido quanto o primeiro, todos reduziram o passo, à exceção de Jarek. Mas até ele contornou a cabeça da criatura com cautela, mantendo a corrente preparada.

— Quantas Pedras-do-Sol seriam necessárias-para um desses? — murmurou Tal enquanto passavam por ali. Mais adiante, havia um terceiro Larvandante que, como o anterior, estava empinado, numa atitude agressiva.

Ebbitt olhou alguma coisa que estava debaixo do seu peitoral e respondeu, distraído:

— Setecentas pedras de potência oitenta, no mínimo, em cada olho, para poder operar plenamente. Eles não são usados desde o tempo de Ramellan e da Guerra das Sombras.

Enquanto Ebbitt falava, seu Espírito-Sombra teve de cutucá-lo para que desviasse das patas do Larvandante. Agora, não havia mais dúvidas: ele estava lendo algo, algo que trazia escondido na parte da frente de sua túnica, junto ao peito. Não era apenas um novo hábito esquisito que ele tivesse adotado para aborrecer Tal.

Tal achava que sabia o que Ebbitt tinha ocultado ali, embora não pudesse imaginar como o ancião seria capaz de carregá-lo, com todo o peso que tinha.

Percebendo a expressão intrigada de Tal, Ebbitt voltou a olhar para dentro de sua túnica, e tossiu.

— Eu ia contar — disse ele. — Mas acabei esquecendo.

— Pensei que ele não pudesse alterar seu peso — lamentou-se Tal. — Quase desloquei meu braço daquela vez!

— Ele próprio não pode fazer certas alterações. É preciso pedir isso a ele, do jeito certo — disse Ebbitt. — Por sorte, pesquisei algumas das frases para comandar sua obediência. Não todas elas, é claro... É um monte de... seja lá o que for... bem complicado...

— Milla! — gritou Tal, pois Ebbitt e ele tinham ficado um pouco para trás. — Ebbitt está com o Códex!

Milla virou-se para olhar, mas Jarek seguiu em frente. Quando o Xucro estava passando perto do terceiro Larvandante, Tal viu surgir um lampejo súbito em seu olho — e esse lampejo se espalhou como logo num tanque de óleo.

Cuidado! — gritou Tal. Mas nem tinha terminado e o Larvandante atacou. Suas mandíbulas se fecharam sobre Jarek, abocanhando o Xucro pela cintura. Ele soltou a corrente e seus braços possantes começaram a forçar as mandíbulas da criatura, tentando mantê-las abertas. As mãos de qualquer outra pessoa teriam sido retalhadas, mas a estranha pele de Jarek resistiu aos dentes do inseto mecânico. Mesmo assim, por mais forte que fosse aquele Homem-do-Gelo, era evidente que acabaria esmagado.

Tal ergueu imediatamente sua Pedra-do-Sol e disparou um Raio Vermelho da Destruição, simplesmente para vê-lo ser absorvido pelas Pedras-do-Sol dos olhos do Larvandante. Adras e Odris lançaram-se em sua direção mas, ao tentarem agarrar as mandíbulas da criatura, para ajudar Jarék foram repelidos pela camada esverdeada que recobria todo o animal, e que estava agora faiscando — mais um artifício movido a Pedras-do-Sol.

Milla também atacou, lançando uma corda de luz em torno da cabeça do Larvandante. Mas, assim como os Espíritos-Sombra não podiam tocar naquele metal, a corda de luz também foi repelida.

O Corvo atirou uma faca num dos olhos da criatura e teve a grata surpresa de ver umas poucas Pedras-do-Sol caírem no chão. Mas aquilo não alterou em nada a situação.

Jarek rugia, os Espíritos-Sombra tropejavam e gritavam, Milla lançou seu grito de guerra, e Ebbitt disse alguma coisa no momento em que Tal disparava mais um Raio Vermelho, desta vez, mirando as patas dianteiras do Larvandante.

— O quê? — gritou Tal. Ebbitt estava saltitando perto dele, e resmungava enquanto tentava ler alguma coisa no Códex que trazia debaixo do peitoral.

— O topo da cabeça! — gritou Ebbitt. — Diante... diante da sela. Você tem de... hã... arrancar o cérebro dele!

Tal fitou o Larvandante que sacudia Jarek para frente e para trás, com o longo corpo ondulando furiosamente pelo corredor afora. Milla dançava diante da criatura, chicoteando seus olhos com a tira de luz que saía da Garra. A cada três ou quatro golpes, uma Pedra-do-Sol não conseguia resistir, e explodia. Mas havia tantas delas que essa tática não podia dar certo.

— Diante da sela? — perguntou Tal, apressado.

— É!

Tal avaliou o movimento do Larvandante e saiu correndo. Enquanto corria, chamou por Adras.

— Adras! Adras! Lance-me por cima da cabeça dessa coisa!

Ao ouvir sua voz, Adras se virou, mas não pareceu entender o que Tal estava dizendo. Num relance, o menino percebeu que o Espírito-Sombra simplesmente saía da frente para deixá-lo deslizar sob o Larvandante, rumo àquela floresta de lâminas cortantes que eram as suas patas.

— Atire-me para o alto! — gritou o menino. — Por cima da cabeça dele!

Finalmente, o Espírito-Sombra entendeu. Pôs as mãos em concha, um segundo antes de Tal chegar onde ele estava. O menino pulou, Adras firmou seu pé por um instante, e ele voou pelo ar, passando por cima das mandíbulas onde Jarek continuava lutando.

Foi uma dura aterrissagem, e Tal começou a escorregar para o lado errado, na direção daquelas patas cortantes. Mas a sela não estava tão longe assim e, esticando-se de um jeito que, por certo, ultrapassava a sua envergadura habitual, conseguiu agarrá-la.

Um momento mais tarde, Tal já tinha se virado e estava instalado na sela, segurando-se, desesperadamente, pois o Larvandante se arqueava, corcoveava e sacolejava, esforçando-se para desalojá-lo dali.

Com uma das mãos, Tal se segurou firme num aro que ficava bem à frente da sela, e foi se arrastando até um painel circular localizado na cabeça da criatura. Aquela era a única indicação possível do lugar onde o cérebro deveria ficar. Quebrou as unhas, mas conseguiu que a tampa se abrisse. Ali dentro, havia uma única Pedra-do-Sol, instalada no topo de algo que parecia um cilindro de cristal, ou um tubo cheio de um líquido verde que vibrava.

Tal enfiou os dedos naquele receptáculo e tentou retirar o cilindro. Mas não conseguia agarrá-lo e quase foi atirado fora da sela, pois o Larvandante redobrou seus esforços para se livrar dele. A criatura girava para cima e para baixo, saindo do chão, e se esfregava no teto, obrigando Tal a se jogar no fundo da sela para evitar ser esmagado.

— Tome... ude... impe...! — gritou Ebbitt, e mal se ouvia a sua voz naquela barulheira toda. Tal custou um pouco a traduzir aquilo mentalmente: — Tome uma atitude imperial!

Com uma careta. Tal se concentrou e lançou uma vibração de puro violeta sobre a Pedra-do-Sol que ficava no alto do cilindro. Ela respondeu com um clarão, e metade do cilindro saltou fora do receptáculo. Tal o agarrou, então, e acabou de retirá-lo dali, atirando-o para o chão.

Ele próprio quase caiu quando o Larvandante estancou, em meio a uma ondulação. Sua mão, já esfolada desde a escalada do Escadouro, estava agora ardendo e sangrando, e havia ainda aquela conhecida sensação de um ombro quase destroncado.

Ao descer, viu Ebbitt examinando o longo tubo de cristal. Era cheio de pedaços de alguma coisa verde e de aparência nojenta, que ficavam boiando em algo que parecia óleo de cozinha, mas certamente não era nada disso.

— Bom trabalho — disse Ebbitt, enfiando o tubo no cinto. — Muita consideração sua conseguir um desses para mim.

Tal abanou a cabeça.

— Só espero que não tenha mais nenhum Larvandante aí na frente — disse ele. — Pode perguntar ao Códex onde Sushin está, Ebbitt? Ele deve ter levado algum tempo para fazer essa coisa funcionar novamente. Assim, não deve estar muito longe.

Ebbitt assentiu, gesto que, para Tal, significava "sim". E o menino se agachou para passar por baixo da cabeça do Larvandante, indo ao encontro de Milla, do Corvo e de Malen que estavam de pé, fitando, com ar solene, o corpo de Jarek.

Bastou um olhar para Tal perceber que, num momento qualquer daqueles últimos segundos de luta, a força de Jarek tinha falhado, e as mandíbulas tinham se fechado.

— A fúria não veio — disse Milla.

— Ele não queria mais viver depois da morte de Kirr — disse Malen. — É sempre assim, com todos os Xucros. A fúria só falha quando eles não precisam mais dela.

— Fui lerdo demais — disse Tal, desviando os olhos. — Mais uma vez, lerdo demais...

— Você lutou muito bem — disse-lhe Milla. — Quase como um indivíduo do Clã dos

Caçadores. Mas todos nós fomos lerdos demais. Não podemos deixar que Sushin tenha tempo para reativar inimigos como esse outra vez.

— O Códex não pode dizer onde está Sushin — disse Ebbitt, surgindo por debaixo do Larvandante, com o peitoral bem afastado do corpo e uma estranha luz, não muito nítida, brilhando através da camisa um tanto encardida. — Algum poder o está impedindo de fazê-lo.

— E o Véu? — indagou Tal, aflito. — Ele ainda está funcionando?

Ebbitt baixou os olhos e murmurou a pergunta.

— É difícil ler assim, de cabeça para baixo — queixou-se ele. — Mas não podemos confiar no Códex se ele ficar em qualquer outro lugar. Portanto...

— O Véu, Ebbitt!

— Ainda está lá — respondeu Ebbitt, sorridente. Entretanto, o sorriso desapareceu, apagando-se instantaneamente. — Mas não por muito tempo. O Códex está dizendo que a Câmara do Véu está sendo utilizada. O Véu está sendo "desconectado", seja lá o que signifique isso. Três das Torres já não estão mais funcionando, da Violeta à Azul. Oh, não! A Verde está parando!

— Onde fica a Câmara do Véu? — atalhou Tal. — E como se chega até lá?

Ebbitt baixou a cabeça, rosnou, exasperado, e arrancou o peitoral de cristal, atirando-o ruidosamente ao chão. Ali, escondido debaixo da camisa, estava o Códex dos Escolhidos, ou melhor, uma versão dele, em miniatura. Um retângulo de puro cristal, cuja superfície cintilava como o reflexo da lua sobre a água.

Ebbitt tirou o Códex dali, chegando a rasgar a camisa, e o apoiou contra a parede. As bordas do artefato cintilaram e, então, ele começou lentamente a se esticar de ambos os lados e para o alto. Em poucos segundos, estava como Tal se lembrava de tê-lo visto: era mais ou menos do tamanho de Ebbitt, e três vezes mais largo.

— Como podemos chegar à Câmara do Véu a partir daqui? — indagou Tal. Sabia que o Códex só respondia a perguntas diretas.

Na superfície do artefato, surgiram traços escuros. Um mapa, mas com detalhes demais para que Tal pudesse compreendê-lo imediatamente. No entanto, havia também uma linha de texto abaixo do mapa, escrita tanto no alfabeto dos Escolhidos quanto nas runas dos Homens-do-Gelo.

Há apenas um caminho. Sigam pelo corredor espiralado, que fica no alto da Sétima Torre.

— Quanto tempo vai levar até o Véu ser completamente... hã... desconectado? — perguntou Tal, antes mesmo de ter assimilado a resposta dada à sua pergunta anterior.

Vinte e nove minutos, na velocidade regulamentar normal, — respondeu o Códex, mais uma vez usando o alfabeto dos Escolhidos e as runas dos Homens-de-Gelo, presumivelmente para que Milla e Malen também pudessem ler as respostas.

— Vamos! — gritou Tal. Deu meia-volta, e saiu em disparada. De acordo com o mapa, tinham de correr pelo menos três mil trechos naquele corredor espiralado. Talvez fosse possível fazer isso em menos de vinte minutos. Desde que não topassem com mais Larvandantes ou outros obstáculos semelhantes...

Milla, o Corvo, Malen, Adras e Odris seguiram Tal sem fazer perguntas. Ebbitt tossiu e se encostou na parede.

— Eu alcanço vocês — gritou ele.

Quando olhou para trás, o Códex estava se encolhendo e perdendo as formas, virando um fluxo de uma substância que parecia geléia e que ia subindo pela parede. Ebbitt lançou-se sobre ele e, não sem dificuldade, escondeu-o novamente no peito antes de sair atrás dos outros, a passos rápidos.

Ao longo das curvas do corredor, havia diversos outros Larvandantes. Felizmente, todos inativos. Tal tentou não reduzir a velocidade cada vez que chegava perto de um deles, embora não fosse fácil fazer isso. Pediu, então, a Adras que ficasse junto dele, pronto para atirá-lo sobre a cabeça da criatura, em caso de necessidade. Milla também ficou perto dele, com Odris a seu lado, evidentemente para imitar sua tática, se fosse necessário.

O Corvo e Malen vinham correndo juntos, um pouco mais atrás. Tal não estava mais preocupado com o rapaz da Resistência. Ou ele estava inteiramente mudado, ou não estava querendo pôr em risco sua relação — e a de seu povo — com os Homens-do-Gelo, fazendo alguma coisa contra Tal.

Um pouco depois de uma das curvas, o corredor ficava mais estreito e havia ali muitas portas, uma a cada vinte trechos, e de ambos os lados. As portas eram transparentes e, quando se aproximavam de uma delas, Tal olhava para a esquerda, e Milla, para a direita, numa combinação tácita.

Viram coisas estranhas por detrás daquelas portas, mas não podiam parar para examiná-las. Havia muitas máquinas esquisitas, feitas de metal, cristal e Pedras-do-Sol, sendo que algumas destas ainda tremeluziam e brilhavam. Todos os cômodos estavam repletos de animais boiando em frascos transparentes contendo líquido, animais que Milla reconhecia como sendo habitantes do Gelo, ou seus antepassados distantes. Havia coisas como Selskis recém-nascidos, mas não exatamente idênticos aos que Milla já vira, e Merwins sem chifres. E havia Wreskas com apenas um décimo do tamanho das que a menina conhecia. Havia Sabujos-de-naufrágio com uma pele estranha, em vez de pêlos, e até mesmo Norrvermes lustrosos, não maiores que o seu dedo, dentro de bolas com muitos outros vermes, nada semelhantes aos imensos animais lá do Gelo, sempre aos pares, enfiados em suas tocas.

Eles continuavam subindo, e correndo. A cada curva, o corredor espiralado ia ficando mais estreito e as portas deixavam ver segredos cada vez mais estranhos.

— Ebbitt — disse Tal, ofegante — nunca conseguiria passar direto por aqui. Abriria uma das portas e esqueceria o que estava fazendo.

— Devíamos ter trazido o Códex conosco — disse Milla. Ela não estava propriamente ofegante, mas teve de fazer um esforço para falar normalmente.

— Não dava tempo de fazer ele encolher — arquejou Tal. — Além disso, sabemos onde Sushin deve estar.

Perto de uma outra curva, o Corvo gritou subitamente atrás deles. O rapaz estava trêpago, quase caindo. Esbarrou na parede e logo se recompôs. Malen também parou.

— Muito esforço, cedo demais — disse ela, pondo a mão na testa do rapaz. — Você tem de descansar um pouco.

— Venham quando puderem! — gritou Milla, sem parar de correr.

— E agora, somos só você e eu, outra vez — disse Tal enquanto Milla apressava as passadas.

— E nós! — atalhou Odris. — Por que você sempre esquece de nós, Tal?

— Agora ele é o Imperador — disse Adras, tristemente. — Me trata como um servo.

— Não é nada disso! — protestou Tal.

— Só é!

— Poupe seu fôlego — advertiu Milla. — A subida está ficando mais acentuada.

O corredor espiralado ia também estreitando suas curvas, e não havia mais nenhuma porta. Era como subir correndo uma colina bem íngreme.

Tal começou a ter mais dificuldade de respirar e a sentir umas pontadas cada vez mais fortes do lado. Otra o punho cerrado naquele ponto, tentando ignorar a dor. O que eram umas pontadas quando o Véu estava desaparecendo, com todos...

Foi então que o viu, mais adiante. O Véu. O corredor acabava na mais absoluta escuridão.

— Isso é...? — indagou Milla, reduzindo a velocidade.

— É. É o Véu — disse Tal. — Adras e Odris, segurem-se, um ao outro, e também em nós. Milla, me dê a mão. Devemos passar por ele andando, calmamente. E vou manter a mão encostada na parede.

Os quatro deram as mãos, e Tal estendeu o braço para tocar na parede.

— E se tiver uma armadilha aí dentro? — indagou Milla, desconfiada.

Tal abanou a cabeça.

— Não acredito que se possa fazer alguma coisa dentro do Véu. Ele não apenas elimina a luz, mas também tira o fôlego. É bem esquisito. Não é um lugar onde você possa ficar por tempo suficiente para preparar uma armadilha.

Tal respirou fundo. Milla seguiu seu exemplo. Então, mergulharam ambos na escuridão absoluta, juntamente com seus Espíritos-Sombra.

Com a luz, desaparecia também o som. Mesmo o toque da mão de Milla parecia algo distante, afastado de Tal. Com a outra mão, o menino podia sentir o contato áspero da pedra, mas até essa sensação era bem reduzida. Seria fácil se perder dentro do Véu, ficar rodando em círculos e andando às cegas, até a respiração e os sentidos falharem.

Aquilo era ainda pior para Milla. Ela estava esperando uma escuridão como a do Gelo, mas

essa era bem diferente. Não fazia frio ali dentro, mas, de certa forma, tanto sua energia quanto o calor de seu corpo pareciam estar sendo sugados, fazendo-a tremer, o que raramente lhe acontecia simplesmente em baixas temperaturas. Aquilo também não acabava nunca, demorando muito mais do que Tal havia dito. Ela podia sentir a mão dele, mas não as dos Espíritos-Sombra, e mesmo a mão de Tal parecia estranha e inumana. O Véu estava lhe tirando o fôlego, e Milla estava certa de que nunca mais voltaria a ver luz...

De repente, saíram do Véu. À sua frente, havia um corredor iluminado por Pedras-do-Sol, que subia num traçado cheio de curvas sinuosas. Milla arquejou, aliviada e, rapidamente, olhou para Tal tentando esconder o mínimo sinal de fraqueza. Mas Tal também estava arfando, e não notou nada.

— Foi ruim — disse Odris. — Acho que não conseguiria passar aí sozinha.

— Pois eu já atravessei três vezes — disse Adras, todo prosa.

— Tomara que ele ainda esteja aí quando voltarmos — disse Tal, com tristeza. Recomeçou então a correr e as pontadas voltaram imediatamente.

— Será que o Corvo e Malen vão conseguir passar? — indagou Milla.

— O Corvo já fez isso uma vez — disse Tal, embora tenha precisado de alguns segundos para recuperar o fôlego, antes de responder. — Ele pode ajudar Malen. Ou poderiam esperar por Ebbitt, acho eu.

Tal olhou sua Pedra-do-Sol para ver as horas.

— Já se passaram quatorze minutos — disse ele. — Mas devemos ter feito mais da metade do caminho.

Os dois recomeçaram a correr. Acima do Véu, não havia mais daquelas portas transparentes, embora, de quando em quando, houvesse várias entradas laterais, todas elas fechadas por sólidas portas de metal ou de algum outro material que poderia ser madeira.

As pontadas do lado estavam piorando, como se penetrassem cada vez mais fundo. Finalmente, ele teve de parar e se curvar para frente. Estava com ânsia de vômito de tanto esforço.

— Vou continuar — gritou Milla. Mas Tal esticou o braço, agarrando-a pela manga.

— Não — disse ele, ofegante. — Sushin é poderoso demais... e se Sharrakor estiver aí... Por favor, Adras, será que você pode me carregar?

— Está vendo, ele acha que sou seu escravo — resmungou Adras.

— Eu pedi por favor — disse Tal, tossindo.

— É verdade — confirmou Odris. — Quer que eu carregue você também, Milla?

Milla franziu a testa por um instante e, depois, concordou.

— Quero — disse ela. — Devíamos ter pensado nisso antes. O corredor é bem comprido e, assim, vai ser mais rápido.

— Não dá para ir mais depressa — disse Odris. Pelo tom de sua voz, via-se que ela já estava arrependida de ter se oferecido. — Eu também fico cansada, sabe?

Milla e Tal ergueram os braços, e sentiram a fria carne-de-sombra se enroscar em seus pulsos quando os Espíritos-Sombra os agarraram. Adras e Odris estavam em plena forma, pois o corredor era bem iluminado. Ergueram então o Escolhido e a Garota-do-Gelo na maior

facilidade, e lá se foram eles, a toda, pelas curvas do corredor.

Estavam indo muito mais depressa do que qualquer ser humano poderia correr, embora Adras tendesse a abrir bem as curvas e, com isso, Tal fosse esbarrando nas paredes do corredor. E Odris perdia altura a cada dez trechos, mais ou menos, fazendo com que os pés de Milla arrastassem no chão.

Depois de pelo menos umas vinte voltas naquele corredor espiralado que continuava subindo, Tal estava tonto. As pontadas tinham passado, mas a tonteira também o deixava péssimo. Se continuasse assim, não teria a mínima condição de enfrentar Sushin. Não conseguiria nem enxergar direito, o que dirá utilizar Magia da Luz.

— Parem! — gritou ele. — Devemos estar bem perto!

Os Espíritos-Sombra foram reduzindo, para parar, e soltaram seus passageiros. Tal ficou cambaleando por ali, durante alguns segundos, balançando a cabeça até que a tonteira tivesse passado.

— Não pode ser muito mais longe — disse ele outra vez. Consultou sua Pedra-do-Sol. — Dezenove minutos. Temos dez minutos antes que o Véu desapareça.

— Devíamos traçar um plano — disse Milla. — E se Sushin estiver com Espíritos-Sombra independentes?

Tal concordou. Tinha visto muitas sombras independentes na Torre Vermelha, acima do Véu, todas elas trazidas de Aenir para constituir a vanguarda de um exército bem maior que deveria chegar depois da queda do Véu.

— Acho que temos de nos concentrar em Sushin — disse ele. — Atacá-lo, já que é ele que pode utilizar a Grande Pedra Violeta. Adras e Odris podem tentar manter os Espíritos-Sombra longe de nós.

— Não posso propor um plano melhor — disse Milla. — Temos de torcer para que o destino nos seja favorável, e precisamos ser fortes e corajosos.

Estendeu a mão e virou o punho, mostrando a cicatriz do juramento que haviam feito.

— Estamos ligados por muitos pactos, Tal — disse ela. — Vamos acrescentar mais um, sem sangue, pois não há tempo para isso. Vamos juntos salvar nosso mundo.

Tal estendeu o próprio punho, marcado por cicatriz semelhante, e o encostou no punho de Milla.

— Juntos, para salvar o mundo. Derrotaremos Sushin e Sharrakor!

Os olhos de Tal encontraram os de Milla por um bom segundo, e ambos viram algo de si mesmos nos olhos do outro. De algum modo, o Escolhido tinha se tornado praticamente um Homem-do-Gelo, e a Garota-do-Gelo era quase uma Escolhida. Imperador e Capitã-Mor, juntos, eram a combinação do que havia de melhor em seus povos.

Depois, eles se afastaram e recomeçaram a subir pelo corredor, com os Espíritos-Sombra logo atrás. Duas pessoas do Mundo das Trevas, caminhando lado a lado para enfrentar o inimigo, o inimigo de toda a vida existente sob o Véu.

A Câmara do Véu era parecida com o aposento que ficava no alto da Torre Vermelha, só que maior e mais imponente. Tinha quatro amplas janelas em arco por onde se viam o céu azul e o sol. O piso não era quadriculado, mas sim recoberto por minúsculas Pedras-do-Sol brilhando num tom de violeta bem suave, que se misturava à luz dourada do sol.

Tal e Milla chegaram à Câmara do Véu mais cedo do que esperavam pois, numa curva em acentuado, o corredor simplesmente desembocava no chão daquele aposento. Ao ver a borda do piso, os meninos se agacharam para examinar o que havia no fim da rampa.

Tal observou que não havia nenhuma árvore com sinos, como na Torre Vermelha, mas também havia um pedestal em forma de pirâmide no meio da sala. Alguns pedaços dele brilhavam como uma Pedra-do-Sol, em diversas cores. Para sua surpresa, Tal se deu conta que, na verdade, o próprio pedestal era esculpido numa imensa Pedra-do-Sol que devia ter três trechos ou mais de diâmetro. Não sabia que era possível esculpir formas numa Pedra-do-Sol — o que dirá a forma de uma pirâmide.

Enquanto Tal estava olhando, a faixa horizontal de luz amarela da pirâmide se apagou e o menino viu, aterrorizado, que se tratava de um escurecimento progressivo. Mais da metade dessa imensa Pedra-do-Sol tinha deixado de brilhar. Da base da pirâmide até o topo, cinco faixas distintas já estavam escuras e apenas duas continuavam brilhando. Uma Laranja e uma Vermelha.

Nesse momento, Tal viu Sushin. O Escolhido balafo estava do outro lado da pirâmide, segurando a Grande Pedra e enviando vibrações de luz violeta para a pirâmide. Instintivamente, Tal percebeu que eram vibrações para desligar — não, qual era mesmo a expressão que o Códex tinha usado? Desconectar o Véu.

O Espírito-Sombra de Sushin, um monstro todo pontudo, com quatro garras em forma de gancho e dois chifres maciços na cabeça, agigantava-se atrás de seu amo. Mas não havia nenhum outro Espírito-Sombra na Câmara, ao menos que Tal pudesse ver. O menino sentiu uma chama de esperança crescendo em seu peito. Sushin era um inimigo perigoso, mas estava sozinho.

— Atacamos quando eu contar três? — sussurrou Tal, e Milla concordou com um aceno. Tal percebeu que a Garra que ela trazia na mão já tinha começado a brilhar assim que a menina a afastou de junto de seu corpo.

Tal ergueu três dedos. Baixou o primeiro, com o coração batendo. Baixou o segundo, com o coração mais acelerado que nunca, e a luz vermelha já pulsando em sua Pedra-do-Sol. Baixou o terceiro...

- Já!

E então, tudo aconteceu depressa demais. Não dava para pensar, era só instinto.

Tal pulou de onde estava e disparou um Raio Vermelho no Espírito-Sombra, porque Sushin eslava protegido por uma quantidade imensa de Pedras-do-Sol. Acertou a criatura entre os olhos e ela recuou, cambaleando e segurando a cabeça com as mãos de gancho.

Milla partiu direto para cima de Sushin, com a Garra inteiramente expandida, um longo chicote de luz que girava e se enroscava como se tivesse vida própria.

Sushin não se moveu. Ficou parado ali, como uma estátua, enquanto a Grande Pedra Violeta em seu dedo continuava a enviar vibrações para a pirâmide de pedra.

A faixa Laranja se extinguiu. O Espírito-Sombra de Sushin se lançou para a frente, mas foi atingido por um outro Raio Vermelho que Tal atirou enquanto ele vinha avançando. Adras e Odris partiram como flechas para agarrar o Espírito-Sombra inimigo.

Milla atingiu Sushin com a Garra, e Pedras-do-Sol, espalhadas pelas bordas de sua túnica violeta, chisparam. A chicotada de luz lançada pela Garra foi desviada, ricocheteando em direção da cabeça de Milla. Sem pensar duas vezes, a Garota-do-Gelo sacou uma faca de osso da manga e tentou golpear Sushin com uma arma mais concreta. Mas as Pedras-do-Sol chisparam em vermelho e a faca se incendiou com um clarão incandescente.

Milla urrou, furiosa, e tentou atingir o rosto de Sushin com a Garra. Mais Pedras-do-Sol chisparam, desta feita em azul e verde, e a menina se viu apanhada por alguma força invisível e atirada por sobre a cabeça do Escolhido. Deu uma cambalhota no ar e aterrissou na ponta dos pés, voltando a atacar. Enquanto isso, Tal vinha correndo se juntar a ela, e parte de sua mente já estava concentrada para iniciar o Desintegrador Violeta em sua Pedra-do-Sol.

Milla atacou primeiro e, mais uma vez, foi atirada para o lado pelos encantamentos defensivos de Sushin. rolando pelo chão com um grito furioso. Do outro lado da Câmara, Adras e Odris estavam torcendo as patas do Espírito-Sombra em suas costas, e segurando-o firme para que ele não pudesse usar nem os chifres nem os dentes. Passaram, então, a rasgá-lo, rugindo e tropejando cada vez que arrancavam um pedaço.

— Afastem-se! — gritou Tal. Uma nuvem violeta vinha brotando de sua metade da Grande Pedra. Com uma rápida torção do punho, ele a atirou, rodopiando, na direção de Sushin.

Todas as Pedras-do-Sol que havia sobre Sushin faiscaram quando o Desintegrador Violeta o atingiu. Por um momento, pareceu que poderiam resistir àquilo, ou até mesmo repeli-lo. Depois, todas começaram a explodir, uma por uma, à medida que eram atingidas pelo Desintegrador.

Mesmo assim, Sushin não se moveu e continuou mantendo sua metade da Grande Pedra Violeta dirigida para a pirâmide. Nem quando sua última Pedra-do-Sol se evaporou, e o Desintegrador começou a devorar suas roupas e a carne que estava exposta, ele tirou os olhos da pirâmide ou baixou a mão.

Então, a última faixa de cor se extinguiu. Todas as sete faixas estavam apagadas.

Sushin agiu rápido como um Bocaverna, girando sua parte da Grande Pedra para se envolver numa luz violeta de tonalidade diferente da do Desintegrador. Uma anulou a outra no exato instante em que Tal e Milla voltaram a atacar.

O Raio Vermelho de Tal foi o mais forte que ele jamais ousara disparar: um facho da largura de um dedo daquela luz violenta, atirado bem na cabeça de Sushin. Mas Sushin o interceptou com a Grande Pedra, desviando a maior parte do raio para o teto, embora tenha queimado a mão.

Milla veio por baixo e lançou o chicote de luz de sua Garra nas pernas de Sushin. Com uma velocidade inumana, Sushin revidou com um escudo violeta. Não foi, porém, rápido o bastante e o chicote cortou profundamente suas pernas, logo acima dos tornozelos.

Como acontecera antes, quando Milla o acertara com sua espada de chifre de Merwin, não saiu sangue algum desses ferimentos. Mas Sushin caiu no chão, pois seus tendões haviam sido cortados. Começou, então, a se contorcer como um Larvandante em redor da pirâmide, berrando enquanto tentava escapar.

— Não, não sou eu! Não sou eu! Não mate Sushin!

Nesse instante, uma outra voz surgiu de algum lugar dentro dele. Era uma voz mais profunda e mais estranha, mais possante e mais terrível que qualquer som que pudesse sair da boca de um ser humano.

— Vocês perderam! O Véu foi destruído! Chegou a hora de Sharrakor!

A voz pronunciou, então, uma série de palavras que nem Milla nem Tal entenderam, mas que, ainda assim, reconheciam.

— Nvart! Ghesh ghesihil lures!

Depois, vieram palavras que eles conheciam, palavras que os atingiram como golpes físicos.

— Adras eris Aenir! Odris eris Aenir!

A essas palavras, Adras e Odris desapareceram. Para Tal e Milla foi como ter um pedaço do corpo arrancado, e a dor foi tanta que ambos tombaram, caindo no chão como árvores abatidas.

Em meio a uma névoa de dor que o paralisava, Tal viu Sushin contornar a pirâmide, rastejando em sua direção. Tentou se concentrar na Pedra-do-Sol, mas sua vista estava turva e ele não conseguia que sua mão obedecesse a seu comando.

Milla também tentou e, na verdade, conseguiu se arrastar para perto de Tal e erguer a mão com a Garra. Mas não brotou dali nenhum chicote de luz, e a menina não pôde continuar tentando. Toda a sua força tinha desaparecido.

Tal percebeu que estavam morrendo, embora não pudesse pensar com clareza por causa da dor. Era isso que tinha acontecido com Ethar e os outros Escolhidos, nas portas do Salão das Audiências. Sushin — ou seja lá o que fosse aquilo que estava no corpo dele — mandara seus Espíritos-Sombra de volta a Aenir, e o choque súbito os matara.

— Vou pegar isso — disse Sushin, com sua voz normal, rastejando na direção de Tal. Esticou a mão balofa e tirou a Grande Pedra Violeta do dedo do menino. Tal tentou resistir, mas foi em vão. Seu braço simplesmente desabou e ele sentiu uma pontada de dor que lhe penetrou pelos olhos chegando até o cérebro.

— Acho que vai ficar melhor se as duas metades se juntarem outra vez.

Sushin se sentou e ficou examinando a metade da Grande Pedra que tinha acabado de apanhar. Mas, antes que pudesse enfiá-la no dedo, junto com a outra metade que já estava em seu poder, um intenso fecho de luz vermelha acertou sua mão em cheio. O anel com a Grande Pedra caiu no chão e saiu rolando.

Nesse instante, a voz que vinha de dentro de Sushin rosou e, apesar da dor que sentia, Tal ficou apavorado.

Um outro Raio Vermelho atingiu Sushin no peito, abrindo um buraco fumegante que o atravessou de um lado a outro. Ele rosou de novo, lutando para se pôr de pé, esquecendo-se de seus tendões rompidos e de seu corpanzil. Voltou a cair e começou a rastejar pelo chão, como uma cobra ou um verme, dirigindo-se para a pirâmide. Pelos furos e rasgões que havia na túnica do Escolhido, Tal não viu nem carne, nem sangue, mas sombra.

Tal conseguiu rolar no chão, chorando de dor, e viu o Corvo parado junto à porta. O rapaz da Resistência empunhava sua Pedra-do-Sol exatamente do jeito certo, como se ensinava no Lectorium, e seu rosto estava contraído de tanta concentração. Luz vermelha banhava sua mão e ia crescendo em intensidade enquanto ele preparava mais um Raio Vermelho. Um segundo mais

tarde, o raio foi disparado e voaram fagulhas quando ele atingiu alguma espécie de metal sob a túnica de Sushin.

Mas nem assim conseguiu deter seja lá o que fosse aquilo que adotara a forma de Sushin. Ele alcançou a pirâmide e se ergueu, escorando-se nela para poder apontar sua própria Pedra-do-Sol na direção do Corvo.

— Não! Não é homem! — gritou Tãl, as palavras entrecortadas por soluços. — Sombra! Malen...

Mas não conseguiu dizer mais nada. Sua força tinha se esgotado.

Enquanto as palavras de Tal ainda ecoavam pelo aposento, Sushin atirou um globo de luz violeta cintilante na direção do Corvo, e a voz de Malen encheu o ar. Uma voz trêmula e insegura que recitava a Prece de Asteyr.

O Corvo pulou para o lado e o globo violeta passou por ele, bateu na parede, entre duas janelas, para explodir lá fora provocando uma chuva de lascas de pedra e de poeira.

O efeito da voz de Malen também foi espetacular. Sushin franziu a testa, de boca aberta e com a mão estendida. Então, seu corpo todo foi ficando embaçado. Havia a sua forma humana e, depois, uma outra figura escura que foi se separando dele, recuando para se afastar daquela versão humana.

Uma sombra abandonava a carne onde tinha estado escondida. Ao sair dali, a sombra se modificou e foi crescendo, ficando cada vez maior e mais ameaçadora. Lentamente, foi assumindo a forma que só Tal tinha visto antes.

Um monstro. Um dragão. O próprio Sharrakor.

Tendo saído completamente daquela carne que o abrigava, seu corpo de réptil se esticou, indo do chão ao teto. A cabeça era longa, cheia de pontas, e a boca, com milhares de dentes, era grande o bastante para abocanhar Tal de uma só vez. E as asas tinham de ficar dobradas, pois não caberiam naquele aposento. Sua cauda era bem comprida e tinha, na ponta, um osso em forma de cutelo de açougueiro.

— A própria Asteyr não conseguiu me dominar sozinha — rosou Sharrakor. — Como você poderia ser bem-sucedida onde ela fracassou, fracasso que resultou em sua morte? Onde estão Danir, Susir e Grettir, que não vêm fazer a sua parte?

Por alguns momentos, a voz do Dragão-de-Sombra abafou a de Malen, e Tal chegou a pensar que ela tivesse parado. Entretanto, a voz da Matriarca voltou a se fazer ouvir: baixa, lenta, mas sem medo. Quer a prece pudesse dominar Sharrakor ou não, estava claro que o monstro não gostava nada dela.

— Vá em frente! — rosou ele, novamente. — Não vou ficar aqui ouvindo isso! Mas vou atrás de você, bruxa do Gelo, se ainda estiver viva quando eu voltar. Vão dizer à sua gente que o Vêu foi destruído! Que Sharrakor logo porá fim à guerra estupidamente iniciada por seus ancestrais!

Dizendo isso, o Dragão-de-Sombra baixou a cabeça, num movimento rápido, e abocanhou a mão de Sushin. Manteve-a por um instante entre suas possantes mandíbulas e, depois, desapareceu, deixando a mão cair no chão — sem o anel de Pedra-do-Sol que estava ali um momento antes.

Malen continuou recitando a Prece de Asteyr, mesmo depois que aquele a quem ela era dirigida tinha sumido. O Corvo correu até onde Tal e Milla se contorciam no chão.

— O que aconteceu? — perguntou ele. — Vocês estão feridos?

— Espíritos-Sombra — disse Tal. Ele mal podia falar, soluçando de tanta dor. — De volta... Aenir... Temos... ir atrás. Chame Ebbitt. Pegue... anel. Por favor... por favor...

Tal viu o Corvo se virar e pegar o anel. Pronto, era agora — foi a idéia que lhe passou pela cabeça transtornada. A traição. O Corvo pegaria o anel e iria embora. Agora. Ele estava se

virando. Era o fim...

Ainda estava pensando aquelas coisas quando o Corvo pôs de volta a metade da Grande Pedra em seu dedo.

— Eu sei "O Caminho para Aenir" — disse o rapaz. — Ebbitt me ensinou. Mas nunca fui lá. Agora, parece que chegou a hora.

— Chegue Milla mais para cá — sussurrou Tal. Ele não podia se concentrar. — Faça a luz... refletir em nossas pedras...

Milla já tinha se aproximado um pouco, se arrastando. Não disse nada, nem emitiu qualquer som de dor quando o Corvo a segurou e a puxou para perto de Tal. O rapaz virou os dois de barriga para cima, com as Pedras-do-Sol sobre o peito, e apoiou a cabeça de ambos em seus próprios joelhos.

— Milla — murmurou Tal. — Olhe... Pedra-do-Sol... acompanhe... repita...

O Corvo começou a visualizar as cores e a recitar "O Caminho para Aenir". Sua Pedra-do-Sol emitiu um clarão e ele enviou fochos de luz para as que Tal e Milla tinham nas mãos.

Em meio à dor, Tal tentou repetir as palavras que o Corvo ia recitando. Sabia que precisavam ir para Aenir. Tinham de encontrar Adras e Odris, que deviam estar morrendo por lá. Tinham de voltar, e consentar ou reerguer o Véu, e se preparar para a invasão de Sharrakor...

Milla acompanhou a recitação sem pensar em mais nada. As palavras e as cores eram tudo o que importava. Ela precisava sobreviver. Seu povo dependia dela. Já tinha fracassado, e não tinha defendido o Véu. Precisava viver para reverter aquela derrota...

Malen acabou de recitar a Prece de Asteyr, mas não sentiu os seus efeitos. Sharrakor devia ter retornado a Aenir para escapar ao encantamento. Ele não estava se escondendo, embora não estivesse à vista.

Viu o Corvo sentado ali, com a cabeça de Tal e de Milla sobre os joelhos, todos os três banhados por ondas de luz multicolorida. Viu Sushin morto, ou à morte, perto da pirâmide, e viu o sangue que escorria de seu corpo agora que a sombra que o habitara tinha ido embora.

Foi então que viu um clarão bem no alto da pirâmide. Até agora, ela estava inteiramente escura mas, nesse exato momento, seu topo começou a brilhar com uma tênue luzinha vermelha. Malen ficou olhando para aquele ponto, achando que a luz poderia se espalhar. Mas não foi o que aconteceu. Só o topo brilhava.

Ouviu um ruído às suas costas e se virou, subitamente assustada. Estava efetivamente só: uma Matriarca desconectada de suas mães e irmãs, sem Donzelas Guerreiras ou Caçadores que pudessem protegê-la.

Era Ebbitt, bufando com o esforço feito para subir a rampa. Viu Malen que o fitava, apavorada, e Sushin mais atrás. Viu a pirâmide quase inteiramente às escuras e o trio formado pelo Corvo, Tal e Milla envolto num casulo de arco-iris.

— O que aconteceu?

Malen estremeceu e não conseguiu dizer nada, pois as palavras ficaram entaladas em sua garganta. Ebbitt passou por ela e, depois de lançar uma olhada naqueles três que, nitidamente, tinham feito a passagem para Aenir, ajoelhou-se ao lado de Sushin, com a Pedra-do-Sol começando a brilhar enquanto ele invocava Magia de Cura. O Espírito-Sombra de Ebbitt farejou Sushin e, depois, foi farejar o local onde Adras e Odris tinham despedaçado o Espírito-Sombra

espinhudo do Escolhido.

— Ele... tinha uma sombra dentro de si — balbuciou Malen. — Sharrakor. Um dragão. Ele fez Adras e Odris desaparecerem, e Tal e Milla caíram no chão. Estávamos vendo tudo aquilo. O Corvo usou Magia da Luz, e eu experimentei usar a Prece de Asteyr, mas Sharrakor disse que o Veu tinha sido destruído, que ia voltar...

— O Veu não foi destruído. Só está esgarçado nas bordas — disse Ebbitt, em tom sério. Não havia vestígio de sua decrepitude habitual. — A Grande Pedra Vermelha está conseguindo mantê-lo, ao menos por algum tempo. Embora, talvez, com menos força do que poderia. O que foi que Sharrakor disse sobre voltar?

— Disse que ia voltar, e acabar com a guerra - respondeu Malen. — Oh! eu tenho... tenho de relatar...

Levantou-se e pôs as mãos na cabeça. No entanto, por mais que tentasse entrar em contato com as outras Matriarcas, tudo o que ouvia era a voz assustadora de Sharrakor e a ameaça de que a encontraria...

— Isso vai ajudá-lo — disse Ebbitt.

Sushin abriu os olhos.

— Obrigado, mas tudo vai ficar... — Sua voz se extinguiu e uma expressão de completa perplexidade tomou conta de seu rosto. — Onde estou? Quem é você?

— Descanse, agora — disse Ebbitt, tranquilizando-o. — Você sofreu um acidente.

— Eu estava em Aenir — disse Sushin. — Tomando café da manhã com Julper Yen-Baren. Ele ia me ajudar a ascender à Ordem Amarela...

Calou-se por um instante.

— Tive um sonho — disse ele a seguir. — Um sonho terrível. Abriam a minha cabeça, e um estranho se introduziu nela...

Enquanto falava, sua voz foi ficando cada vez mais estridente, beirando a histeria. Mais que depressa, Ebbitt ergueu a Pedra-do-Sol e uma luz verde banhou o rosto de Sushin. Os olhos do Escolhido se fecharam e ele tombou para trás, apoiado na pirâmide.

— Não sei o que seria mais generoso: ajudá-lo a viver ou a morrer — observou Ebbitt. — Acho que, como em tantas outras situações, é o destino que vai decidir. Imagine só, a última coisa de que ele se lembra é de um café da manhã com Julper Yen-Baren! Há mais de trinta anos! Aposto que, ainda por cima, foi um péssimo café da manhã... Julper era um sujeito pão-duro. Vamos, então.

— Vamos? — indagou Malen. — Para onde?

— Para Aenir — disse Ebbitt, impaciente. — Você vai ter de usar minha Pedra-do-Sol para fazer a passagem. Basta olhar para ela e repetir o que eu disser.

— Aenir?! — exclamou Malen. — Mas não posso ir para lá!

— Não precisam de você — disse Ebbitt. — Foi o que li no Códex.

— O que você quer dizer com isso?

— Ah! E isso vai adiantar?

— Vai, sim! — respondeu Malen, batendo com o pé no chão. — Ande, diga logo, seu... seu velho sonegador!

Chamar alguém de sonegador era um insulto dos mais sérios entre os Homens-do-Gelo, pois compartilhar comida e outras coisas necessárias era fundamental para a sobrevivência de qualquer clã. Ebbitt, porém, não se ofendeu.

— Bem, seria mais ou menos isso, suponho eu — disse ele, esfregando o nariz. — Depois de se livrar do Véu, ou quase, o próximo passo de Sharrakor deve ser desfazer o Esquecimento. Já que foram as suas Matriarcas, ou o seu equivalente histórico, que estabeleceram o Esquecimento, parece-me que sua presença vai ser necessária lá.

— Mas sou apenas uma jovem Matriarca — protestou Malen.

— Você é a única Matriarca que está neste lugar, neste exato momento — respondeu Ebbitt, pegando-a pelo braço. — Apenas fite a Pedra-do-Sol!

— Mas... devo informar...

— Não dá tempo! — gritou Ebbitt. Seu Espírito-Sombra tinha vindo para junto dele, e sua Pedra-do-Sol já estava mudando de cor, dando início à sequência de luzes que acompanhava "O Caminho para Aenir". — Elas vão entender. Lembre-se, repita as palavras que eu disser!

Ele começou a recitar e, mesmo contra sua vontade, Malen fitou a Pedra-do-Sol e foi repetindo as palavras. Aenir! Estava indo para Aenir, onde nenhum habitante do Gelo, exceto Milla, tinha posto os pés há mil circuitos, ou mais!

Nenhum dos dois notou um fio de prata que brotou da camisa de Ebbitt e saiu escorrendo pelo chão. O Códex dos Escolhidos tinha ficado por muito tempo em Aenir, e não tinha a menor intenção de voltar para lá.

Tal, Milla e o Corvo caíram numa plataforma de pedra que balançou sob o seu peso, e trataram de rastejar para fora dali. O sol já mais fraco de Aenir atingiu seus corpos modificados, em sua versão aenirana. Estavam um pouco menores, mais esguios, e sua pele tinha um brilho suave.

Tal e Milla ainda sentiam dor, mas bem menos intensa. Tal podia sentir que Adras estava por ali, em algum lugar. Distante demais, mas não totalmente ausente. Portanto, o Pastor de Tempestades ainda estava vivo. Graças à Luz!

Tal se sentou e olhou à sua volta. Não pareciam estar em perigo iminente, embora o movimento do bloco de pedra se mexendo sob seu corpo fosse um tanto assustador. Não era só aquele objeto aparentemente sólido que estava se movendo. Os restos de uma parede próxima também estavam se afastando lentamente, deixando um rastro de reboco antigo atrás de si.

— Ruínas — disse o Corvo. Ele estava de pé, mexendo um pouco a cabeça para olhar a seu redor e também para o próprio corpo modificado. — Então, isto é Aenir! Sempre quis ver como era.

— Está vendo algum inimigo? — perguntou Milla. Ela também se levantou, mas voltou a se sentar um pouco depressa demais, e começou a massagear as pernas e exercitar os braços.

— Não — respondeu o Corvo. — Pelo menos, acho que não. Há várias pedras se movendo por aqui. Bem devagar. Afinal, onde é que nós estamos?

— Numa cidade em ruínas — disse Tal, o que, aliás, era bastante óbvio. Ao menos, era o que parecia ser aquilo. Mas, em Aenir, nunca se pode ler certeza do que alguma coisa realmente é, por oposição ao que parece ser. Sem dúvida alguma, estavam cercados por várias construções em ruínas e, até onde podiam ver, havia muitas outras, erguendo-se sobre as colinas mais próximas.

— O que aconteceu? — perguntou Milla. — Senti Odris... sendo arrancada de mim. Foi pior do que quando o Merwin me feriu.

Tal abanou a cabeça.

— Não sei ao certo. De algum modo, Sharrakor mandou-os de volta para cá. Mas eles estão vindo aí. Acho.

— É, sim — confirmou Milla. — Posso sentir Odris se aproximando. Mas ainda estão bem longe daqui.

— Fracassamos — disse Tal, depois de um momento em que ambos ficaram calados. — O Vêu foi destruído.

— O Gelo vai derreter — disse Milla, baixinho. — Os Slepénishs e os Selskis vão morrer e, com eles, todo o meu povo.

— E quem quer que sobreviva será morto pelas sombras comandadas por Sharrakor.

— Não, se conseguirmos detê-lo — disse Milla. — Talvez possamos fazer pelo menos isso, uma vez que falhamos em tantas outras coisas.

— Temos que tentar — disse Tal. Estava pensando em sua família, lá no Castelo. Tinha conseguido salvar Graile, seu pai, Rerem, tinha boas chances de ser libertado da Grande Pedra

Laranja, e Gref e Kusi poderiam ir se juntar a eles. Mas para quê? Para morrerem juntos quando Sharrakor invadissem o Castelo?

— Não — atalhou Milla. — Temos que conseguir.

Tal e o Corvo concordaram, tristemente. Tal fez um esforço para se pôr de pé. Cambaleou um pouco, e teve de se apoiar no ombro de Milla para recuperar o equilíbrio. O Corvo lhe estendeu a mão, mas Tal recusou. Conseguiu ficar de pé, sozinho, e voltou os olhos para o céu na direção de onde sentia virem os Pastores de Tempestades. Como não viu nada, girou lentamente o corpo, fazendo um círculo.

Havia uma mancha no horizonte e, por um momento, Tal pensou que fosse Adras. Mas, tinha alguma coisa errada e, um segundo mais tarde, Tal se deu conta que aquela mancha estava se afastando. Apontou para lá, dirigindo-se a Milla e ao Corvo.

— O que é aquilo?

O Corvo não conseguiu ver nada. Milla protegeu os olhos com a mão.

— Um dragão. Sharrakor — disse ela, e aquele nome provocou um arrepio de medo em todos os três. — Aqui, em Aenir, ele não é escuro como uma sombra, e sim brilhante como um espelho reluzindo ao sol.

— Fique de olho nele enquanto der para vê-lo — disse Tal. — Vamos ter de segui-lo assim que pudermos.

Um movimento chamou a sua atenção e ele se virou, vacilante. Mas era apenas um pedregulho que vinha passando entre duas paredes, num movimento lento e majestoso.

Tal suspirou, voltando a se sentar. Por enquanto, não havia nada que pudessem fazer. Tinham de recuperar suas forças, e esperar que Adras e Odris chegassem.

Mas não foram eles que chegaram. De súbito, o ar junto de onde estavam cintilou, e formou-se um arco-íris. Mais que depressa. Tal e Milla recuaram, preparando a Pedra-do-Sol e a Garra. O Corvo se escondeu atrás de um muro e apanhou o que ele esperava que fosse uma rocha inanimada. Sua faca não tinha acompanhado a passagem para Aenir, mas alguns de seus outros apetrechos, sim, embora talvez não sem sofrer certas transformações.

— Escolhidos! — exclamou Tal — Vindo do Castelo!

O arco-íris ficou mais brilhante, houve um clarão e, de repente, Ebbitt e Malen estavam ali, diante deles, acompanhados por um gato verde escuro com uma crina verde clara. Ebbitt apertava o próprio peito e, por um instante. Tal pensou que ele estivesse tendo um ataque cardíaco. Mas o velho bateu com os pés, e começou a proferir improperios.

— Que a Escuridão carregue aquela coisa! Justo quando mais precisávamos dele!

— Oi, tio-avô — disse Tal. — De quem é que vocês precisavam?

— Do maldito Códex! — esbravejou Ebbitt, lançando-se no chão, de bruços, para esmurrar as pedras. Seu gato com crina sentou-se a seu lado e começou a lambe as patas. — Ele escapuliu de mim!

— Seja bem-vinda, Malen — disse Milla, batendo os punhos cerrados. — Estou feliz por você estar aqui conosco.

Malen olhava tudo à sua volta, fitando as pedras deslizantes e as paredes que estremeciam. Virou-se para Milla e, com algum atraso, bateu os punhos respondendo à sua saudação.

— Saudações, Capitã-Mor. Eu não estava lá muito convicta, mas Ebbitt insistiu... Preciso ajudar a impedir que Sharrakor desfaça o Esquecimento, antes que o Véu se desmanche.

— O quê?! — exclamou Tal. — O que você quer dizer com antes que o Véu se desmanche?

Ebbitt parou de esmurrar as pedras e se virou de lado. Seu gato se afastou um pouco, para lhe dar espaço, e, então, começou sua toaleta. Tal reparou que seu pêlo curto era verde, seus olhos, amarelos, e suas patas, incrivelmente brancas.

— Lokar repôs a Grande Pedra Vermelha em seu lugar, e voltou a lacrá-la — disse o velho. — Ou o contrário. Seja lá como for, isso vai manter o Véu funcionando, embora com menos força, por uns sete dias, segundo meus cálculos.

— Seus cálculos! — disse Tal.

— O Códex me ajudou um pouco, transportando as casas decimais para lá e para cá — admitiu Ebbitt. — Falamos sobre isso enquanto eu estava seguindo vocês, seus apressadinhos! É sempre bom ter planos caso tudo dê errado, ora essa!

— Sete dias! — exclamou Tal, e Milla repeliu em eco, enquanto Ebbitt franzia as sobrancelhas.

— Não é muito, mas eu poderia dar uma saidinha-por uma hora ou duas... — principiou Ebbitt. Mas parou de falar porque Tal e Milla começaram a rir e a dar pulos de alegria. O Corvo esboçou um sorriso, mas continuou de olho nas ruínas à sua volta, e no céu.

— Sete dias! — repetiu Tal. — Estávamos achando que o Véu já tivesse sido destruído! Isso nos dá... dá a todos... uma chance!

— Claro! É tudo muito simples — rosnou Ebbitt. — Basta encontrar Sharrakor, impedir que ele desfaça o Esquecimento e forme um exército de dezenas de milhares de aeniranos, pegar de volta a outra metade da Grande Pedra Violeta, voltar para o Castelo, restaurar o Véu, resolver essa história da guerra com os Homens-do-Gelo, libertar o Povo Inferior...

— É isso aí! — interrompeu o Corvo.

— Como eu estava dizendo, libertar o Povo Inferior e... perdi o Locomotor do meu raciocínio!

— Os Pastores de Tempestades! — interrompeu o Corvo, novamente, apontando para o céu. — Ao menos, espero que sejam eles.

Tal e Milla se viraram, ao mesmo tempo, erguendo os braços. Duas imensas figuras de nuvens se precipitaram lá de cima e os abraçaram com tanta força que ambos teriam caído outra vez se não estivessem quase esmigalhados entre aqueles braços fofos. Odris começou a chorar, e a chuva jorrava torrencialmente de sua cabeça, fazendo o gato de Ebbitt soltar um ganido e pular para o lado.

— Quase morremos! — disse Odris, soluçando. — E acabamos voltando para a Colina Hrigga, que tentou nos comer!

— Quero devolver a sua sombra — disse Adras. — Isso dói demais!

— Tem razão — disse Tal, livrando-se do abraço de Adras e dando um passo atrás. — Acho que é hora de desfazermos o laço que nos une. Devemos enfrentar a próxima batalha como pretendemos viver daqui para a frente: sem Espíritos-Sombra ou companheiros ligados a nós por magia.

— Vou sentir muito vendo esse velho gato ir embora — disse Ebbitt, com um suspiro. — Mas, compreendo perfeitamente.

— Mas... eu não estava me referindo... — principiou Tal.

— Já passamos tempo demais tendo uma regra para uns e outra, diferente, para outros — disse Ebbitt. Inclinou-se e acariciou o gato verde sob o queixo. Este ronronou e ajeitou a cabeça para que Ebbitt pudesse cocar nos melhores lugares. — Tenho de dar o exemplo a vocês, mais jovens, não é? Então, como é que vamos fazer isso?

— Humm, não sei — disse Tal. — Achei que você soubesse.

— Não consta do currículo — respondeu Ebbitt, suspirando outra vez. — Encontrar e conquistar. É só.

— Eu sei — disse Malen, baixinho. — Vocês usam uma variante da Prece de Asteyr para conquistá-los. Posso ver isso nos aeniranos. Sei como desmanchar o vínculo existente entre Tal, Milla e os Pastores de Tempestades. Mas tenho minhas dúvidas quanto ao seu, Ebbitt. Originalmente, foi contra a vontade do... gato... E o vínculo é muito antigo, e muito forte.

— Faça isso, então — disse Milla. Teria sua própria sombra de volta! Aquele era o primeiro passo para voltar a ser uma Garota-do-Gelo normal. E era um passo que nunca pensou que teria condições de dar. Por outro lado, tinha se habituado a Odris, e a Pastora de Tempestades tinha sido uma boa companheira, além de útil. Se bem que, às vezes, um pouquinho irritante.

— Fiquem alinhados — determinou Malen, para começar. — Um perto do outro.

Todos foram para os seus lugares, Ebbitt sempre coçando o pescoço de seu gato. Tal percebeu que os olhos do velho estavam ficando marejados de lágrimas, mas não disse nada. Ele também estava triste. A vida toda, linha desejado um Espírito-Sombra poderoso, que pudesse ajudá-lo a obter uma posição elevada no Castelo. Mas, agora tudo isso estava acabado. Se sobrevivessem, viveriam novos tempos, e não haveria lugar para escravos, fossem eles aeniranos ou humanos.

Malen começou a entoar um cântico enquanto todos permaneceram em silêncio, diante dela. As palavras que dizia eram familiares. Tal conhecia a maioria delas, daquele encantamento que, agora, sabia ser a Prece de Asteyr. Mas a cadência e o ritmo eram diferentes. Sentiu as palavras ressoando profundamente em seus ossos, e transmitindo um arrepio e uma sensação febril a cada parte de seu corpo.

O cântico foi ficando mais rápido e mais forte, e Malen começou a bater os pés, girando em círculos, pontuando praticamente cada palavra com uma batida mais forte que levantava poeira do chão.

Lentamente, em resposta àquelas palavras, suas sombras começaram a sair das três criaturas aeniranas. Sombras humanas que vieram deslizando pelas pedras do chão, bem devagar, em direção aos pés de seus detentores originais.

Malen gritou a última palavra, e fez uma pausa brusca. Tal sentiu que sua sombra voltava a se ligar a ele, e que o vínculo que tinha com Adras estava inteiramente rompido. Por um momento, sentiu uma pressão na cabeça, como se estivesse com frio. Compreendeu, então, que aquela percepção do vento e do tempo, que lhe vinha de Adras, não existia mais.

Tal se virou para Adras, e Milla, para Odris.

— Bom, é isso aí — disse ele, com uma voz sumida. — Obrigado por tudo o que você fez por mim, Adras.

— Eu também lhe agradeço, Odris — disse Milla. — Espero que você não guarde nenhum ressentimento pelas vezes que fui ríspida com você. Adeus.

— Adeus?! — indagou Odris. — Não vamos a lugar nenhum sem vocês dois. Com certeza, não vamos voltar à velha vida na Colina Hrigga. É chato demais!

— Vamos ver vocês lutarem com Sharrakor — disse Adras. — Vamos até ajudar, se pudermos. Apesar de ele ser o Senhor Supremo e tudo o mais...

— Senhor Supremo? — perguntou Tal. Ele não estava prestando muita atenção àquela conversa, pois estava olhando para Ebbitt, que tinha se ajoelhado junto de seu gato e desnudado o pescoço, como se o convidasse a mordê-lo, ou coisa do gênero. Milla também tinha reparado naquilo, e já estava indo para lá, pronta para intervir.

— É isso mesmo — disse Adras. — O Rei, ou seja lá o que for. Foi Odris que disse.

— O quê? — perguntou Tal, que ficou ainda mais tenso quando o gato verde se inclinou para a frente e abriu a boca, revelando dentes tão brancos quanto as suas garras, mas bem maiores. Será que ele ia matar Ebbitt por tê-lo mantido tanto tempo como escravo? Milla chegou ainda mais perto, com a Garra já se expandindo.

— Foi por isso que tivemos de obedecer a ele, lá no Mundo das Trevas — disse Odris. — A maioria dos aeniranos de antigamente jurou fidelidade a Sharrakor. Inclusive nossos pais. Mas não temos de obedecer a ele em tudo. Pelo menos, acho que não...

O gato lambeu o rosto de Ebbitt, fazendo-o cuspir e quase cair no chão. Depois, de um salto, saiu correndo como um clarão verde através das ruínas.

— Foi exatamente o que fez a minha sombra-guardiã — disse Tal.

— Ele ficou sessenta anos comigo — disse Ebbitt. Suspirou, e aceitou a ajuda de Milla para se levantar. — Bem, é melhor irmos andando, crianças.

— Para onde? — indagou Tal. — Onde estará Sharrakor? E como ele pode desfazer o Esquecimento?

Ninguém respondeu às suas perguntas. Era evidente, pela cara que faziam tanto os humanos quanto os Pastores de Tempestades, que ninguém sabia como responder àquelas perguntas.

— Não sei — disse Milla. — Mas sei de alguém a quem podemos perguntar.

— Quem?

— Zicka, o Kurshken — disse Milla. — No Canto dos Kurshkens. Seja lá onde fique isso.

— O Canto dos Kurshkens? — perguntou Odris. — Sei como chegar até lá. Contanto que não tenha mudado de lugar recentemente. Partindo do princípio que aqui seja Aluir, e acho que deve ser.

— Aluir?! — perguntou Tal.

— Aluir?! — repetiu Ebbitt.

Milla e o Corvo viram a expressão de espanto em seus rostos.

— Aluir é proibida para os Escolhidos — explicou Tal. — Embora eu não saiba por quê.

Dizem-nos para nunca ir lá... quer dizer, vir aqui.

— A punição é a morte — acrescentou Ebbitt. — Eu próprio sempre quis dar uma olhada no lugar. Deve ser aqui mesmo. Sei que Aluir é uma cidade em ruínas, fortemente escorada.

— Escorada? — indagou Tal.

— É. Com escoras de Pedras-do-Sol — disse Ebbitt. — Como o Território dos Escolhidos. Para impedi-la de sair andando por aí. Se virmos algumas dessas escoras, então saberemos que é mesmo Aluir. A quem pertenceria essa cidade, e quem morava aqui?

— Sharrakor, é claro! — disse Odris. — Isso, até eu sei. Aqui era a capital, antes do Esquecimento. O povo de Sharrakor vivia aqui, até morrerem todos na guerra. Ele é o único sobrevivente.

— Esta era uma cidade de dragões? — perguntou Milla.

— Não, sua boba — respondeu Odris. — Sharrakor não é um dragão o tempo todo. Ele é um Duplo-Espectral, ou talvez até um Triplo... E um Metamórfico. Pode se transformar em duas ou três coisas diferentes. Coisas grandes, como dragões, ou pequenas, como um Fura-cuca. Daqueles bem maus, que penetram na cabeça da gente. Isso é algo que os Metamórficos faziam muito. Era uma das maneiras que usavam para controlar todos os demais, nos velhos tempos.

— Por que você não nos disse isso antes? — perguntou Tal. — Teria sido muito útil saber que Sharrakor podia se transformar num... num Fura-cuca-de-sombra... lá no Castelo!

— Você nunca perguntou! — respondeu Odris, com um ar afetado. — E eu nunca tinha ouvido você mencionar Sharrakor. Portanto, a culpa é toda sua, e não minha! E Adras não sabia porque nunca presta atenção às minhas explicações!

— Nunca! — declarou Adras, orgulhoso. — É chato demais!

Tal suspirou. Se ao menos fosse Odris, e não Adras, que estivesse junto com ele quando foram ao encontro da Imperatriz e do Vizir da Luz... Se ao menos fosse Odris, e não Adras, que tivesse ficado com ele... Mas agora isso era apenas uma velha sensação bem familiar. Adras era Adras. E Ebbitt era Ebbitt. Ambos tinham lá suas qualidades, achava ele.

— Vamos admitir que isso aqui seja Aluir — disse Milla, trazendo-os de volta ao assunto. — O Canto dos Kurshkens fica muito longe, Odris?

— Meio dia, voando. Talvez até menos — respondeu Odris, dando de ombros. — Se é que não mudou de lugar.

— Três ou quatro dias a pé — calculou Milla.

— É muito. Há algum jeito de todos nós voarmos?

— Eu poderia carregar Tal e mais alguém — declarou Adras, flexionando os músculos do braço fofo. — Sou o mais forte!

— Eu só posso carregar Milla — disse Odris.

— Poderíamos deixar Ebbitt ou o Corvo por aqui. Ou Malen.

— De jeito nenhum — disse o Corvo. — Essa guerra também é minha. A Resistência tem de estar representada.

— Não podemos deixar ninguém para trás — disse Tal. E estava refletindo enquanto falava. Talvez houvesse uma maneira de utilizar os Pastores de Tempestades de forma mais eficaz. — Ebbitt, e se fizéssemos um Bote de Luz e uma espécie de... sei lá... misturado com uma Mão de

Luz? Se conseguíssemos fazê-lo durar, poderíamos entrar nele, e Adras e Odris o empurrariam, ou puxariam.

Os olhos de Ebbitt recuperaram um pouco de seu brilho habitual. Era o tipo de coisa que lhe agradava. Uma idéia louca que a maioria dos Escolhidos sequer pensaria em admitir.

— Você tem metade da Grande Pedra Violeta, que é poderosíssima — disse ele, refletindo. — Se fizermos a base da trama com luz violeta, e formos tecendo com fios verdes... azuis... É claro, é claro... O que está esperando? Não temos tempo para ficar aqui parados! Comece as cavernas da quilha em violeta, e eu vou fazendo as pranchas em verde, com amarelo, talvez...

Tal sorriu. Era um sorriso um tanto forçado, mas era um sorriso. Começou, então, a se concentrar em sua Pedra-do-Sol. Ebbitt e ele iam construir um Bote de Luz que poderia voar, impulsionado pelos Pastores de Tempestades, para levá-los até o Canto dos Kurshkens, e ainda mais longe...

Visto lá de cima, o Canto dos Kurshkens tinha uma aparência muito esquisita. Era um imenso campo alagado, repleto de gigantescos tufos redondos de uma vegetação amarelada, parecendo umas couves, versões avantajadas das que o Povo Inferior cultivava em suas estufas subterrâneas. A maioria daquelas couves era do tamanho do sauguê de entrada das casas dos Escolhidos, mas algumas eram ainda maiores. Dava para se perceber que eram habitadas, pois havia Kurshkens indo e vindo entre aquelas plantas, saltando as poças de água ou correndo pelos vários diques que cortavam o campo. Não que Tal tivesse muito tempo para ficar olhando aquilo tudo. O bote voador, feito a partir do modelo do Oskir de Asteyr, exigia uma atenção constante para permanecer no ar e não se desmanchar. Estava sendo puxado pelos Pastores de Tempestades que seguravam tirantes azuis. Sua verdadeira sustentação ficava, porém, a cargo de uma variante do feitiço da Mão de Luz, e Tal ou Ebbitt tinham de mantê-la funcionando graças a constantes infusões de potência de suas Pedras-do-Sol. Tanto o Corvo quanto Milla os ajudavam, de quando em quando, mas nenhum dos dois tinha prática suficiente para se encarregar do trabalho efetivo.

Por causa dos níveis de potência variáveis, o bote voava em velocidade irregular, dependendo basicamente da relação dos Pastores de Tempestades com o vento, e de sua capacidade de resistência. Às vezes, havia alterações de altitude que chegavam a ser alarmantes, nos momentos de mudanças de turno ou das combinações daqueles cujas Pedras-do-Sol impulsionavam a embarcação. A única pessoa que não estava nada preocupada com aquilo era Malen, que tinha negado no sono. A operação para desfazer o vínculo com os aeniranos exigira muito dela, e ela não conseguira se manter acordada, por mais que quisesse ver o estranho território que estavam sobrevoando e os habitantes de Aenir que encontrassem no ar, ou avistassem no solo.

A chegada do bote voador ao Canto dos Kurshkens foi recebida com certo alvoroço. A bordo, o susto também foi considerável, pois a embarcação se precipitou lá do alto, balançando e sacolejando, até aterrissar, derrapando, numa espécie de clareira perto de um dos diques. Tão logo se viram em segurança, Tal e Ebbitt trataram de verificar se Malen já tinha acordado e se todos estavam de pé. Só então deixaram que o Bote de Luz se desfizesse. Livres dos tirantes azuis, os Pastores de Tempestades alçaram vôo para ficar planando sobre seus companheiros.

Antes que qualquer um deles pudesse sair daquela água rasa, e subir no dique, foram cercados por dezenas de lagartos verdes, que lhes batiam nos joelhos, todos empunhando um arco com a flecha já pronta para ser disparada. As ponteiras das flechas eram de um azul brilhante, e pareciam altamente venenosas.

— Viemos em paz! — exclamou Milla. — Somos amigos de Quorr Quorr Quorr Ahhtorn Sezicka!

Tal ficou calado. Estava prestes a balbuciar o apelido "Zicka" — que era tudo o que conseguia lembrar do nome daquele seu amigo.

Aquele nome desfez a tensão. Os Kurshkens baixaram os arcos mas, como Tal pôde observar, não puseram as flechas de volta dentro das aljavas que traziam nas costas escamosas. O menino viu que vários dos lagartos que estavam mais atrás se viraram e saíram correndo, saltando pela água quase sem tocar nela.

Um lagarto, que tinha dois imensos dentes de marfim presos às ombreiras de seu arreo de capim trançado, aproximou-se e inclinou-se diante deles.

— Meu nome é Quorr Quorr Quorr Quorr Quorr Jak-Quorr Jareskk Yazeqicka — declarou ele, com uma voz muito mais grave do que alguém que nunca tivesse encontrado um Kurshken antes poderia imaginar. — Podem me chamar Yazeq. Acho que conheço quatro de vocês, pelo relato do quinto filho da segunda ninhada de minha irmã-trigêmea, que vocês conhecem como Zicka. Creio que vocês são Milla e Tal, e os Pastores de Tempestades Odris e Adras.

Todos se inclinaram para responder à sua saudação, e Adras quase deu uma cabeçada em Tal. Milla confirmou o que ele dissera, e apresentou-lhe Ebbitt, Malen e o Corvo.

— Venham — disse Yazeq, fitando especialmente Ebbitt. — Vocês devem estar cansados. Podem descansar em nosso Roro de hóspedes ou, se preferirem, nosso Roroqqolleckechahen.

— Prefiro chamá-lo Roro — disse Ebbitt, mais que depressa. Tal pegou o braço de seu tio-avô e fitou-o, preocupado. Desde que seu Espírito- Sombra se fora, Ebbitt parecia mais velho e mais cansado. Aquele brilho — um tanto lunático, é verdade — que havia em seus olhos tinha diminuído, e seu rosto estava pálido, sem a luminosidade aenirana característica. Tal podia perceber, também, que sustentar o Bote de Luz tinha exigido muito mais de Ebbitt do que ele admitiria. O menino ficou com pena, pois sempre agira como se os poderes, a habilidade e a resistência de seu tio-avô fossem inesgotáveis.

— Você está bem, Ebbitt? — indagou Milla.

— Estou exausto — disse ele. — Muito, mesmo. Isso porque fiz muito mais do que a parte que me cabia. Mas talvez Tal seja menos preguiçoso no futuro.

Tal se limitou a franzir a testa, mas apenas porque era evidente que Ebbitt não tinha a intenção de insultá-lo. Seu tio-avô estava realmente cansado.

Na verdade, o Roro era uma daquelas imensas couves. As folhas externas escondiam uma sólida casca cujo interior era oco e havia sido confortavelmente revestido de mantas e tapetes tecidos com as mais diversas fibras naturais. Como era um Roro de hóspedes, havia ali inúmeras cadeiras de madeira, de tamanhos diferentes, e taças de chifre cujo comprimento também variava muito: algumas eram do tamanho de um dedo, e uma delas era tão grande quanto o braço de Tal.

Depois que todos estavam instalados em cadeiras, pelos tapetes, ou no ar, e tinham nas mãos taças de tamanho adequado, cheias de uma seiva ou suco adocicado, as folhas se afastaram para dar passagem a um outro Kurshken. Embora todos os Kurshkens parecessem incrivelmente idênticos, alguma coisa no recém-chegado fez com que Milla e Tal o reconhecessem de imediato.

— Zicka!

— Eu mesmo — disse o lagarto. — Sejam bem-vindos ao Canto dos Kurshkens que, em nossa língua, chamamos...

Ebbitt o interrompeu com um súbito acesso de tosse. Tal teria ficado preocupado se não tivesse visto um leve brilho nos olhos de seu tio-avô.

— Não esperava vê-los tão cedo — prosseguiu Zicka, sentando-se e aceitando beber alguma coisa. — Mas estou feliz por você ter escapado da Vêsbora. Vocês conseguiram devolver o Códex a seu lugar, no Castelo?

— Mais ou menos — disse Tal, e Milla e ele se entreolharam. — Mas agora temos um problema bem maior. E esperamos que vocês possam nos ajudar.

Falando bem rapidamente, revezando-se com Milla, e ignorando interjeições ocasionais de

Adras, Odris e Ebbitt, Tal contou a Zicka e Yazeq o que estava acontecendo no Castelo, e como tinham vindo parar em Aenir, no encaço de Sharrakor, para impedir que ele desfizesse o Esquecimento.

— Como podem ver, temos de matar Sharrakor logo — concluiu Milla quando Tal fez uma pausa.

— Não podemos permitir que ele liberte todos os aeniranos e os leve para o nosso mundo. Esperamos que vocês possam nos dizer onde ele está, ou vai estar.

Zicka e Yazeq se entreolharam e trocaram rápidas palavras que pareciam todas coladas umas às outras.

— Essas notícias são perturbadoras — disse Zicka. — Pensávamos que Sharrakor — ou Skerrako, como ele era às vezes chamado por seus ancestrais — ainda estivesse aprisionado sob as ruínas de Aluir.

— Aprisionado? — indagou Tal. — Como?

— Ele foi condenado a só ter uma única forma por Asteyr, que morreu ao fazer isso. E foi, então, derrotado por Danir, Susir e Grettir — disse o Kurshken. — Elas não quiseram matá-lo, pois, a seu ver, ele era um inimigo digno de respeito. Prenderam-no com correntes de Ethren, o metal dourado, num lugar bem fundo por baixo das ruínas de sua própria cidade. Alguém deve tê-lo libertado, se bem que acho espantoso que mesmo um Metamórfico possa viver tanto tempo.

— A Imperatriz e seu irmão, acho eu — disse Tal, abanando a cabeça. — Em busca de algum poder que os ajudasse a derrotar o Imperador Mercur.

— Ele não pode ser tão forte quanto era há muito tempo atrás — prosseguiu Zicka. — O que é muito bom para todos nós que permanecemos livres. Sharrakor nunca vai esquecer que ajudamos Asteyr e suas filhas, e também Ramellan, nessa história toda. E ele vai poder contar com muitas criaturas para ajudá-lo, se desfizer o Esquecimento, libertando-os dos vínculos que os aprisionam.

— Então, onde é que ele vai desfazer o Esquecimento? — perguntou Milla.

— Só há um lugar para isso — respondeu Zicka. — O Velho Almacã. Ele mora geralmente nos desertos que ficam a mais ou menos um dia de viagem, em direção ao sul. Mas vou descobrir onde foi visto pela última vez.

Gritou alguma coisa naquela sua língua complicada, e um lagarto de porte ligeiramente menor meteu a cabeça pela porta. Depois de uma rápida troca de palavras, o outro lagarto se retirou.

— É provável que o Velho Almacã seja a mais antiga entidade de Aenir — disse Zicka. — Conhece todos os segredos, sabe todos os nomes. Sharrakor vai precisar do nome de todos aqueles a quem o Esquecimento foi imposto, para poder libertá-los. Os nomes e uma fonte de poder.

— Que poder? — perguntou Milla.

— A Grande Pedra Violeta serve — respondeu Yazeq. — Ou metade dela.

— Então, precisamos descobrir onde está o Velho Almacã — disse Tal. — Para ir até lá, e deter Sharrakor.

— Ir até lá, e matar Sharrakor — disse Milla. — Danir devia tê-lo matado naquela época.

— Há uma dificuldade, e vocês devem ficar sabendo qual é — disse Zicka. — A pior das dificuldades, acho eu.

Todos se viraram para olhar o pequeno lagarto.

— Na verdade, Sharrakor vai estar dentro do Velho Almacã.

— Dentro? — indagou o Corvo. — O que você quer dizer com dentro?

— O Velho Almacã é um furacão. Um redemoinho de pó e de pedras girando.

— Um furacão? — exclamou Tal, abanando a cabeça. — Que ótimo!

— Talvez o redemoinho não faça parte do Velho Almacã, sendo apenas uma espécie de camada protetora — disse Yazeq. — Tem um pilar de pedra, bem lá no meio, e há quem diga que ele é que é de fato o Velho Almacã. Mas ninguém sabe ao certo.

— Se Sharrakor pode penetrar no redemoinho, nós também podemos — disse Milla.

A língua de Zicka chicoteou o ar, agitada.

— Não! — disse ele. — Sua carne seria arrancada dos ossos. Não é possível penetrar ali, a menos que o Velho Almacã dê sua permissão. E nada garante que ele o faça se Sharrakor já estiver lá dentro. Ele nunca autoriza a entrada de mais de uma pessoa de cada vez, para se consultar com ele.

— Tem de haver algum jeito — protestou Tal.

— Uma Donzela Guerreira pensa em tudo o que é possível e imaginável, depois, faz o impossível e o inimaginável — disse Odris, inesperadamente, lá do alto, acima de suas cabeças. — Eu sei um jeito de penetrar no coração do Velho Almacã.

— Odris sabe um jeito — repetiu Adras, todo prosa.

— Qual é? — perguntaram Tal e Milla, ao mesmo tempo.

— Ele é um furacão — disse Odris. — Não se voa para dentro de um furacão. A gente tem de ficar acima dele, e voar para baixo, pelo olho dele.

— Mas o Velho Almacã não é um furacão comum — alertou Zicka. — Ele se estende até os limites do mundo, acima das nuvens. Como você poderia voar mais alto que ele?

Odris fungou.

— Podemos voar mais alto que qualquer coisa, se nos der na telha — disse ela. — Mais alto e mais alto e mais alto e, então, mergulhar bem no olho dele.

— Já escalei montanhas altíssimas — disse Yazeq. — Com a altitude, vem o frio, e há pouco ar para se respirar. Vocês, Pastores de Tempestades, podem voar alto, mas seus companheiros vão morrer.

— Não vamos, não — atalhou Milla. — Poderíamos fazer globos de ar com luz verde, e nos aquecer com nossas Pedras-do-Sol.

— Eu não tenho Pedra-do-Sol — disse Malen, suavemente.

— Pode usar a minha — disse Ebbitt. Tirou a Pedra-do-Sol que usava num anel de prata, e entregou-a a Malen. — Acho que não posso continuar acompanhando vocês, crianças.

Malen protestou, e Tal ia dizendo algo, mas Ebbitt deixou cair o anel no colo da Matriarca e estendeu a mão para Tal.

— Estou muito velho, e muito cansado — disse ele, com firmeza. — Por certo, perderia a dentadura se mergulhasse dentro de furacões, e, com ela, toda a dignidade que me resta. Confio quase absolutamente em sua capacidade de lidar com Sharrakor sem a minha ajuda.

— Você não usa dentadura! — disse Tal.

— Isso é totalmente irrelevante — replicou Ebbitt. — Agora, vou dormir. Boa sorte.

Dizendo isso, o velho Escolhido se aninhou num dos tapetes mais espessos, e fechou os olhos. De certa forma, Tal ficou esperando ver o gato com crina vir se chegando para se enroscar junto dele.

Tanto Milla quanto Malen bateram suavemente os punhos cerrados e, então, fizeram um gesto que os outros não conheciam, cruzando as mãos, uma sobre a outra, e voltando as palmas na direção de Ebbitt.

— Para que é isso? — indagou Tal.

— A seu modo, ele está se preparando para se lançar ao Gelo — disse Milla. — Estamos lhe prestando nossa homenagem.

— Ele só está cansado — insistiu Tal. — Só isso. Não vai morrer. Você o conhece, Corvo. Ele só está cansado.

— É — concordou o Corvo. Mas Tal não sabia com o que ele estava concordando, pois o rapaz da Resistência não o encarou.

Tal se virou, e ficou olhando para a entrada do Roro. Lembrava das diversas vezes em que tinha ido procurar Ebbitt, em busca de ajuda, de conselhos ou, simplesmente, para se esconder de alguma confusão. Foi Ebbitt que ele procurou quando seu pai desapareceu, e precisava conseguir uma Pedra-do-Sol.

Mas não podia se deixar abater agora. Talvez Ebbitt tivesse decidido morrer, o que não significava necessariamente que ele fosse morrer.

— Por favor, cuide de meu tio-avô, Zicka — disse ele, voltando a fitar Milla, Malen e o Corvo. — Talvez... talvez ele esteja melhor pela manhã. Quando voltarmos.

Tentou dizer as duas últimas palavras com a confiança de um Imperador, mas elas não soaram tão bem quanto desejava. Um se, não pronunciado, estava pairando no ar, ao invés do quando.

Se voltarmos...

— É melhor traçarmos um plano para ver como realmente faremos isso — disse Tal. — Adras, Odris, vocês estão preparados para arriscar a vida entrando pelo olho de um furacão?

— Estamos — disse Odris cutucando Adras que repetiu a mesma resposta.

— Teremos condições de entrar ali com um Bote de Luz?

— Não — respondeu Odris. — Mas podemos levá-lo até o alto e, depois, posso carregar duas pessoas, se for simplesmente para mergulhar lá dentro.

A resposta da Pastora de Tempestades arrefeceu os ânimos por um momento, enquanto todos se viam saltando dentro do olho de um furacão, um redemoinho que se erguia acima de qualquer montanha.

— Temos de acrescentar a vantagem do elemento surpresa — disse Milla. — Poderemos atacar Sharrakor antes mesmo que ele desconfie que estamos ali. Se dermos um jeito de cair efetivamente em cima dele...

Um lagarto enfiou a cabeça pela porta e murmurou algo, antes que a menina pudesse continuar.

— O Velho Almacã está mesmo no Deserto de Hrykan — disse Zicka. — Fica a dois dias a pé, para um de nós.

— Umass poucas horas de vôo — disse Milla. — Poderíamos chegar lá quando o sol começa a baixar. Como é mesmo que vocês chamam essa hora do dia?

— Crepúsculo — respondeu Tal.

— Uma boa hora para atacar — replicou Milla, satisfeita. — Vamos surpreender Sharrakor, e vou cortar a garganta dele com a Garra.

Zicka e Yazeq se entreolharam. A língua de Yazeq chicoteou o ar.

— Desculpem-me, por favor — disse o lagarto mais velho. — Tenho algo a fazer.

— Se vamos chegar lá ao anoitecer, é melhor eu dar algumas aulas a Malen sobre como utilizar a Pedra-do-Sol de Ebbitt... isto é, dela — disse Tal. — Depois, creio que devemos fazer alguns globos de ar. Se bem que... acho que não haveria nenhum problema em esperar até o amanhecer, e atacar na aurora.

— A espera alimenta o medo — disse Milla. — A coragem vem com a ação.

— Vamos de uma vez, para acabar logo com isso — acrescentou o Corvo.

— É isso mesmo — concordou Malen. — Quanto mais esperarmos, mais o Vêu se enfraquecerá.

Adras e Odris também concordaram, balançando as imensas cabeças de nuvem para cima e para baixo.

— Os Kurshkens lhes desejam boa sorte — disse Zicka. — E sucesso.

Uma hora mais tarde, saíram do Roro, piscando os olhos por causa do sol. Todos tinham globos de luz verde na cabeça, e Malen se encolhia ligeiramente, sentindo o calor fluir em ondas que vinham da Pedra-do-Sol em seu dedo e se espalhavam por toda a sua pele.

Tal ficou espantado ao ver centenas de Kurshkens reunidos no campo diante deles. Quando chegaram do lado de fora, os lagartos soltaram um grito gutural e ergueram seus arcos, agitando-os no ar.

— O que é isso? — indagou Milla no momento em que quatro Kurshkens se adiantaram, carregando uma caixa de pedra toda trabalhada. Ajoelharam-se diante dela e ofereceram-lhe a caixa.

— Estamos devolvendo algo — disse Zicka. — Abra a caixa, por favor, Milla.

Milla ergueu a tampa da caixa, entregando-a a alguns outros Kurshkens que se aproximaram, apressados. Ficou com a mão parada no ar, acima da caixa, e uma expressão de surpresa e admiração se estampou em seu rosto, até ser suprimida, pois a menina estava tentando ocultar qualquer sinal de emoção.

— O que é isso? — perguntou Tal, esticando o pescoço.

Milla não respondeu, mas enfiou a mão na caixa e tirou dali uma pequena unha de cristal violeta brilhante, o par daquela que já vinha usando. A menina a pôs no indicador da mão direita, e sentiu que a tira se apertava, prendendo a unha.

— A outra Garra de Danir — sussurrou Malen, em tom respeitoso.

— Danir deu uma delas a Ramellan — disse Yazeq. — E deixou a outra sob nossos cuidados. Agora, nós a estamos devolvendo à filha da filha de sua filha, até a quadragésima geração.

— Isso é um bom augúrio — declarou Milla erguendo ambas as mãos para que as duas Garras brilhassem, em ouro e violeta, à luz do sol. — Agora, vamos liquidar Sharrakor!

Os Kurshkens gritaram e começaram a bater com as patas, espirrando água para todo lado, como verdadeiros chafarizes. Milla e Tal foram andando em meio a uma alameda de Kurshkens que gritavam e faziam a água espirrar, e dirigiram-se para o campo onde tinham aterrissado, e onde havia espaço suficiente para recriarem o Bote de Luz voador.

— Tem certeza que pode fazer isso sozinho? — perguntou Milla, em voz baixa, quando Tal ergueu a mão para se concentrar em sua Pedra-do-Sol.

Tal assentiu e começou a trabalhar. Em pouco tempo, a quilha do barco já cintilava sobre a água, e dela saíam as cavernas que se curvavam para cima. Pranchas de luz amarela começaram a ondular entre essas cavernas, e tirantes azuis foram se arqueando em direção ao céu, onde foram agarrados pelos Pastores de Tempestades que estavam esperando ali.

— Vamos! — disse Tal, sem desviar os olhos, pois precisava concentrar toda a sua atenção no bote e em sua Pedra-do-Sol.

Depois que todos embarcaram, Tal alterou a potência da Pedra-do-Sol para erguer o bote nos ares e, também, para que ele não se desmanchasse. Com um solavanco, a embarcação subiu direto para o céu, até que os Pastores de Tempestades conseguiram manter os tirantes esticados, e empurrar o bote na horizontal.

Lá embaixo, os Kurshkens continuaram gritando e batendo com as patas, mesmo quando não se viam mais os quatro heróis, o bote voador e os Pastores de Tempestades. Começaram, então, o processo de evacuação do Canto dos Kurshkens, dirigindo-se para vários esconderijos e refúgios pois, como criaturas racionais que eram, estavam convencidos de que deviam se proteger. E, como também eram lagartos de palavra, levaram Ebbitt consigo.

Foi uma longa subida até os limites da atmosfera, para ficar acima do furacão que era, ou que continha, o Velho Almacã. Esfriou muito rapidamente, mas as Pedras-do-Sol os mantinham aquecidos e, embora o ar tenha ficado rarefeito, todos estavam protegidos pelos globos verdes. Tal chegou a se preocupar, achando que os globos talvez não resistissem, mas acabou nem pensando mais nisso à medida que iam subindo cada vez mais alto e começavam a ver coisas novas e estranhas.

Primeiro, viram a curva do mundo, bem lá embaixo, numa forma realmente redonda. Depois, atravessaram nuvens e penetraram num outro mundo cujo solo era branco, fofo, e em constante transformação. Ergueram-se acima de grandes penhascos de nuvens esculpidas e, a seguir, atravessaram longas faixas brancas que dificilmente poderiam ser chamadas de nuvens.

Em algumas altitudes, o vento os açoitava impiedosamente para logo cessar por completo enquanto continuavam subindo. De todo modo, os Pastores de Tempestades podiam manejar o vento, até certo ponto, mudando tanto a sua direção quanto a sua força. Quando deparavam com algum vento que não conseguiam dominar, subiam mais, ou afastavam-se para os lados.

Foi Milla quem viu primeiro o Velho Almacã, e apontou para lá. Assim, a uma grande distância, ele parecia uma sólida flecha de pedra que se estendia até o céu, passando através de um imenso buraco permanente na camada de nuvens, um grande círculo que decretava a existência de uma terra- de-ninguém em torno do furacão. Entre aqui por sua conta e risco, parecia dizer o espaço. Cruze essa Unha, e será engolido pelo vento que gira.

— Estamos a uma altura imensa, e ele fica mais alto ainda — disse Milla. — E lá dentro de seu coração estão Sharrakor e o nosso destino.

Seus olhos estavam brilhando. Tal olhou para ela, desviando por um breve instante os olhos que fitavam a Pedra-do-Sol. Era realmente a Capitã- Mor indo para a guerra. Ele sabia que em seus próprios olhos não havia uma luz como aquela. Estava simplesmente assustado. Com medo de morrer, e com medo de fracassar. Como medo que Sharrakor os matasse, e conseguisse formar seu exército para voltar ao Mundo das Trevas e concluir o trabalho que havia começado.

— Estamos quase lá! — gritou Odris. — Mais alto, Tal! Mais alto!

— Milla! Corvo! — chamou Tal, tentando manter o tom mais normal possível. — Luz azul na quilha, por favor. Você, Malen, apenas continue se aquecendo.

Milla e o Corvo saíram da proa, de onde estavam observando o Velho Almacã. Invocaram luz azul de suas Pedras-do-Sol, enviando-a diretamente para a quilha. Tal reforçou essa luz com violeta e o bote voador começou a se mover bem mais depressa, acompanhando, sem dificuldade, a subida dos próprios Pastores de Tempestades.

— Está ficando mais quente? — indagou Malen, de repente. — Ou sou eu que estou melhorando com a Pedra-do-Sol?

Hoje em dia, manter-se aquecido com a Pedra-do-Sol era algo tão automático para Tal que ele tinha de se concentrar para ver quanto calor estava retirando dela. Ficou espantadíssimo ao ver que não a estava usando para aquecer-se, embora estivesse por certo fazendo isso mais lá embaixo.

— A essa altitude, a temperatura sobe um pouco — gritou Odris. — Mas vai voltar a esfriar. Ainda temos um longo caminho pela frente.

Foram subindo, em silêncio, por uma hora, ou mais, e Tal voltou a se preocupar com os globos verdes. Teoricamente, a luz verde podia manter o estoque de ar por vários dias, mas raramente esse tipo de globo era utilizado por mais de uma ou duas horas. Se um deles falhasse agora, não haveria o que fazer. Antes de mais nada, era preciso que houvesse ar por ali, para que pudessem comprimi-lo dentro do globo.

Agora estavam bem perto do Velho Almacã, e a clareira entre as nuvens já tinha ficado mais para baixo. Estavam perto o bastante para ver que o furacão não era feito de nuvens escuras, e sim de partículas sólidas, o que lhe dava uma aparência não cinzenta, mas negra como a noite sobre o Gelo. O que o tornava visível eram a poeira e as pedras, ou qualquer outra coisa que ele apanhasse em seu rodopiar furioso, a uma velocidade muito maior que a do bote voador e, até mesmo, que a dos Pastores de Tempestades. O que quer que ele sugasse seria instantaneamente destruído. Carne seria arrancada dos ossos, toda a umidade de uma nuvem mágica seria absorvida. A morte seria imediata, tanto para humanos, quanto para Pastores de Tempestades.

O furacão era bem largo na extremidade superior, como Tal percebeu, aliviado. Mas ia se afinando cada vez mais, como um funil de ar descendo em direção ao que parecia um tubo estreito junto do chão. Tudo o que Tal podia fazer era torcer para que o olho do furacão fosse largo o bastante para que pudessem entrar ali sem ser estraçalhados.

— Mais alto! — gritou Odris e, mais uma vez, o brilho das Pedras- do-Sol se intensificou, e o Bote de Luz subiu, num arranco.

— Estamos acima do furacão! — declarou Malen, que estava olhando pelas bordas do bote.

— Precisamos chegar ainda mais alto — disse Tal que, só agora, tinha se dado conta do que realmente teriam de fazer. — Porque, quando o bote se desmanchar, os Pastores de Tempestades terão de mergulhar e nos segurar, antes que sejamos desviados da trajetória e sugados por... essa coisa.

Apontou para o lado e, num relance, todos puderam ver aquele vórtice giratório de escuridão.

— Preparem-se! — gritou Odris quando o bote estava exatamente sobre o centro do furacão, o topo daquele turbilhão que estava cerca de cinquenta trechos abaixo deles. Adras e ela ficaram segurando firme os tirantes, para que o vento não desviasse o bote de sua rota.

— Bom, é isso aí — disse Tal. Sua garganta estava tão seca que as palavras saíram meio como o grasnido gutural dos Kurshkens. Seu coração batia tão depressa que parecia estar mudando de lugar dentro de seu peito.

— Tal, Milla — disse o Corvo de repente, quando todos estavam tomando fôlego. — Se alguma coisa... se eu não sobreviver... lembrem-se do Povo Inferior... Lembrem-se da nossa liberdade.

— Juro que vou lembrar disso — disse Milla. Até a voz dela soou tensa e estranha.

— Vou me lembrar — sussurrou Tal. — Estão todos prontos? Odris? Adras?

— Estamos — foi a resposta de Resistentes, habitantes do Gelo e Pastores de Tempestades.

— Já! — gritou Tal.

Disparou um raio violeta que dissolveu o Bote de Luz e, de repente, estavam caindo, caindo

depressa demais rumo ao furacão, enquanto os Pastores de Tempestades davam meia-volta e se precipitavam para baixo, voando mais rapidamente que nunca.

Enquanto caía, Tal se sentiu estranhamente calmo. Já tinha caído antes, no frio e na escuridão de um outro mundo. De certa forma, aquela queda havia sido o começo de tudo, essa, agora, talvez fosse o fim. Aliás, qualquer que fosse o seu desfecho, seria o fim. Talvez Adras não conseguisse segurá-lo, e ele estivesse mergulhando para a morte. Ou, quem sabe, o vento o desviasse do olho do furacão, atirando-o no redemoinho de destruição do Velho Almacã. Ou, então, talvez Sharrakor começasse a rir e o matasse imediatamente. Tinha feito, porém, o máximo que podia. Sabia que seu pai ficaria orgulhoso, e sua mãe também. E não só eles. Tinha feito muita coisa boa, e importante, exatamente como os Cavaleiros da Espada, nas lendas dos Homens-do-Gelo, naquelas cantigas que terminavam sempre com os heróis sendo trazidos de volta para casa, mortos. Depois de terem derrotado o inimigo, é claro. Portanto, tinha de derrotar Sharrakor...

Milla estava pensando no que aconteceria a seguir. Tinha certeza que Odris iria segurá-la, pois era capaz de voar a uma velocidade maior do que a queda de qualquer coisa. Era com Sharrakor que Milla estava preocupada. Ele a tinha surpreendido lá na Câmara do Véu, com um ataque com o qual ela não contava. E se tivesse mais artimanhas, mais armas secretas? Que táticas ela poderia utilizar, além da surpresa de cair do céu?

O Corvo ia caindo em silêncio e, como sempre, seu pensamento estava voltado para a longa luta pela liberdade de seu povo. Fashnek já não existia mais, mas a Câmara dos Pesadelos ainda estava lá. Os Escolhidos seriam derrotados pelos Homens-do-Gelo e ele confiava que estes últimos manteriam a palavra dada. No entanto, o maior perigo para os membros do Povo Inferior eram eles mesmos. Tinham vivido tanto tempo em regime de escravidão que seria difícil mudar. Mas havia a Resistência para ajudá-los, contanto que Sharrakor não saísse vencedor e os matasse a todos. Talvez, pensou ele, o que o Povo Inferior precisasse, acima de tudo, fosse de alguma coisa — ou alguém — em que acreditar. Assim, saberiam que um indivíduo de seu povo poderia ser igual a qualquer Escolhido...

Malen caía com a disciplina mental de uma Matriarca. Esvaziou a mente de qualquer pensamento e, simplesmente, deixou que ela funcionasse como um gravador. Esta era uma situação que todas as Matriarcas gostariam de vivenciar, e a única coisa que lamentava era não poder entrar em contato com as outras, para compartilhar essa experiência imediatamente. Se sobrevivesse, porém, muitas Matriarcas iam querer percorrer as suas recordações para ver Aenir e cair de uma altura de quatrocentos trechos, dentro do olho de um furacão...

O que todos os quatro sentiram, a seguir, foi um imenso alívio, quando possantes braços de nuvens os agarraram pelos pulsos. Continuaram a cair mas, agora, de uma forma controlada. Adras segurou Tal de baixo de um dos braços e o Corvo do outro lado, Odris carregou Milla e Malen apertadas contra o peito.

O ruído do ar se deslocando rapidamente e a zoeira constante do furacão impediam-nos de falar durante a queda, mesmo quando gostariam de fazê-lo. De vez em quando, um deles quase perdia o fôlego ao olhar para baixo: parecia que o olho do furacão tinha ficado pequeno demais para que pudessem atravessá-lo. Um segundo mais tarde, porém, percebia que tudo não passara de uma ilusão. O olho se estreitava, efetivamente, mas continuava tendo ao menos uns cem trechos de largura, embora parecesse apertadíssimo quando visto muito lá de cima.

Estavam caindo há tanto tempo que se espantaram ao ver o pilar de pedra, que era o coração

do Velho Almacã, e a areia do deserto, mais abaixo. Num instante, a calma de Tal desapareceu, dando lugar ao pânico. O topo daquele pilar era plano, mas não tão largo quanto o convés de um navio do Gelo. E tinham de aterrissar ali.

O local para a aterrissagem ia se aproximando a uma velocidade espantosa. Tal avistou uma forma brilhante ali em cima, um borrão luminoso, impossível de ser identificado. Mas não teve a menor dúvida: era Sharrakor. O borrão foi ficando maior e mais definido, até se tornar um dragão, um dragão que brilhava como um espelho no qual se refletia a pouca luz do sol que chegava a esse ponto do vórtice.

No último segundo, todos os quatro gritaram, no que foram acompanhados pelos gritos trovejantes dos Pastores de Tempestades. O grito de Tal era uma mistura de medo e raiva. Milla soltou seu grito de guerra. O Corvo gritou por seu povo, e Malen sequer notou que estava gritando.

O choque com a superfície rochosa do pilar foi mais forte do que esperavam. Ao cair, Tal rolou sobre si mesmo, lembrou da borda, e parou. Milla caiu de pé, com as duas Garras já expandidas, verdadeiros chicotes de luz que saíam, dançando, de suas mãos. O Corvo também fez uma boa aterrissagem, com a Pedra-do-Sol na mão. Malen bateu com o joelho e se abaixou para segurá-lo, o que não a impediu de iniciar a Prece de Asteyr, dirigindo a voz e o olhar para o dragão que se empinou na outra extremidade da pedra.

Por um segundo, Sharrakor continuou a pronunciar alguns nomes para a espiral, enquanto a sua metade da Grande Pedra Violeta pulsava, minúscula, enfiada numa garra imensa.

Assim que ele se virou, Milla partiu em sua direção. Atacou com ambas as Garras, que se esticaram como raios de luz para atingir as palas dianteiras do dragão. Mas Sharrakor bateu as asas e ficou acima dela, com a Grande Pedra Violeta já emitindo um clarão vermelho.

Tal se ergueu e interpôs um Escudo Violeta da Descontinuidade entre Sharrakor e Milla. Um momento mais tarde, foi disparado um Raio Vermelho que atingiu o escudo e desapareceu.

Sharrakor voou ainda mais alto quando Milla pulou e voltou a atacar. Desta vez, seus laços gêmeos de luz por pouco não acertaram a cauda do dragão. O Corvo lançou um Raio Vermelho sobre ele, e Tal também disparou. Ambos, porém, foram aparados por um brilho azul defensivo que Tal desconhecia. O menino tentou, então, um disparo de puro anil, mas ele também foi desviado e, além disso, Sharrakor se elevou ainda mais, ficando fora do alcance da Pedra-do-Sol do Corvo. Tal se deu conta que os seus encantamentos, por si sós, seriam insuficientes.

Os Pastores de Tempestades ergueram-se acima do dragão, urrando um desafio. Tal não conseguiu ouvir o que eles diziam, mas a voz de Sharrakor era bem clara, penetrante, apesar da zoeira constante do furacão a seu redor.

— *Emechis! Gheshtil arrok Adras! Gheshtil arrok Odris!*

Os Pastores de Tempestades gritaram. Ambos se esquivaram, pendendo no ar por alguns instantes. Então, de repente, despencaram, como se fossem feitos de pedra, e não de nuvem. Enquanto caíam, foram puxados para os lados, direto para o redemoinho — e para a destruição.

— Não! — gritou Tal. Ergueu sua Pedra-do-Sol e, sem pensar, lançou duas nuvens brilhantes de um violeta puro. Estas envolveram Adras e Odris, um segundo antes de os dois Pastores de Tempestades serem implacavelmente tragados por aquele paredão de escombros que rodopiava sem cessar. Por um instante, os casulos violeta ainda podiam ser vistos mas, depois, desapareceram.

Tal não tinha a menor idéia do que havia feito: não sabia se aquilo tinha funcionado ou não,

nem sabia se Adras e Odris tinham sobrevivido. No entanto, não teve tempo para ficar pensando nisso, pois Sharrakor disparou um facho de luz anil na direção do redemoinho, colhendo ali uma imensa pedra cheia de pontas que foi arremessada sobre eles.

Mais uma vez, Tal agiu instintivamente. Num instante, fez uma Mão de Luz violeta e tentou rebater com ela aquele projétil, enquanto o Corvo o atingia com um Raio Vermelho da Destruição. Mas a Mão, fraca demais, limitou-se a desviar a pedra, e o Raio Vermelho só arranhou a sua superfície.

A pedra se chocou contra a borda do pilar rochoso, partindo-se em milhares de estilhaços mortíferos. Todos os quatro se jogaram no chão, e Tal mal teve tempo de fazer surgir um Escudo da Descontinuidade para conseguir detê-los. Mesmo assim, não ficaram feridos, mas o projétil serviu para distraí-los.

Sharrakor desceu junto com ele, de início, com as asas fechadas, abrindo-as apenas no último segundo, para reduzir a velocidade. Golpeou as costas de Tal com uma das patas dianteiras, quando o menino dava um salto para trás, e derrubou Milla com uma rabanada de sua cauda possante. O Corvo conseguiu rolar, desviando-se da outra pata do dragão, e Malen foi simplesmente ignorada, permanecendo na borda da rocha, entoando bravamente a Prece de Asteyr.

Tal sentiu o sangue que lhe escorria pelas costas enquanto lutava para se virar. Mas Sharrakor era muito rápido e, no exato momento em que Tal conseguiu se soltar para erguer a mão, a pata se abateu sobre ele, pregando-o na rocha. Milla também estava imobilizada, enrolada pela cauda do dragão que ia apertando rapidamente. Com isso, as Garras de Danir estavam coladas demais a seu corpo para que a menina pudesse utilizá-las.

O Corvo se esgueirou por debaixo do corpo do dragão, e disparou um Raio Vermelho à queima-roupa. Mas o facho de luz se espalhou por aquelas escamas espelhadas, e Sharrakor começou a rir. As possantes mandíbulas da criatura se abriram para abocanhar o rapaz que, destemido, continuou a disparar um raio atrás do outro, mirando a boca aberta do dragão.

Quando ele atacou, o Corvo conseguiu se agachar. Mas as terríveis mandíbulas não morderam apenas o ar: conseguiram agarrar o capuz de sua túnica. Sharrakor o ergueu bem alto e, sacudindo a cabeça, atirou longe o rapaz da Resistência.

Tal fechou os olhos, mas voltou a abri-los um momento mais tarde, quando a voz de Malen se ergueu para emitir, num grito, a última palavra da Prece de Asteyr, e o peso sobre seu peito desapareceu.

O dragão tinha sumido. Em seu lugar, havia um homem. Ou uma criatura com formas humanas, pois sua pele continuava recoberta de escamas espelhadas, e seus olhos eram os mesmos olhos negros e profundos de Sharrakor. A criatura estava empunhando a metade da Grande Pedra Violeta e, com um gesto negligente, disparou um Raio Vermelho sobre Malen. Ela foi atingida quando partia para atacá-lo, tendo um pedaço de pedra na mão. O raio queimou suas pernas e ela caiu no chão, bem na beirada da rocha.

— Que transtorno! — exclamou Sharrakor aproximando-se da Matriarca e voltando a erguer a Grande Pedra. — Liberte-me, Matriarca, para eu poder retomar minha forma principal, e permitirei que você viva.

— Não — disse Malen. Ia recomeçar a falar, mas Sharrakor pôs o pé sobre sua garganta.

Tal tentou erguer a mão para atingir Sharrakor com sua Pedra-do-Sol, mas sentiu uma dor bem familiar. Seu braço estava novamente destroncado, e não conseguia usá-lo.

— Milla! — berrou ele. — Mate-o!

Mas Milla jazia inconsciente — ou morta — a uns vinte trechos dali, esmagada pela cauda de Sharrakor.

Com o braço bom. Tal pôs a mão direita sobre o peito e começou a tirar do dedo o anel de Pedra-do-Sol. O movimento chamou a atenção de Sharrakor. Ele tirou o pé da garganta de Malen e se virou para disparar um raio tingido de vermelho.

Tal gritou de dor ao tentar puxar a mão machucada para poder fitar sua Pedra-do-Sol. Convocou luz violeta e ergueu um escudo bem no momento em que o Raio Vermelho de Sharrakor o atingiu.

O Raio se partiu. Através do brilho violeta de seu escudo, Tal viu que Sharrakor vinha caminhando em sua direção. Ignorando a dor do ombro, Tal foi rolando o corpo e conseguiu puxar o escudo sobre si no exato instante em que outro Raio Vermelho foi disparado.

Rindo, Sharrakor começou a voltar para o lugar de onde viera. Tal gemeu, de dor e desespero. Sharrakor estava se divertindo à sua custa, movendo-se rápido demais para que ele pudesse fazer qualquer outra coisa a não ser se defender. Mas precisava fazer algo. Era o único que tinha sobrado.

Foi então que Tal viu Milla fazer um ligeiro movimento. Estava virando a cabeça, bem devagarinho, para poder ver o que Sharrakor estava fazendo. E fitava algo por trás dele...

Por um segundo, Tal perdeu a concentração, e seu escudo se demanchou. Imediatamente, Sharrakor disparou mais um Raio Vermelho, e ficou rindo de novo, pois Tal mal teve tempo de recompor o escudo protetor.

Ele avistou alguma coisa que lhe deu esperança. O Corvo tinha conseguido subir novamente pela beirada do pilar rochoso, e estava bem atrás de Sharrakor. Tinha algo na mão, mas aquilo era pequeno demais para ser uma faca, e Tal não estava vendo a Pedra-do-Sol.

Rastejando, o Corvo chegou mais perto de Sharrakor. Tal gemeu outra vez, mais alto, para distrair a criatura. Se o aenirano se virasse agora, acertaria o Corvo antes que este pudesse fazer o que quer que fosse.

O Corvo estava a três passos de distância... dois passos... Tal viu que Milla estava tensa... um passo... Tal abandonou o escudo, e gritou. Milla se ergueu de um salto, gritando. O Corvo pulou sobre o inimigo, enganchou as pernas em sua cintura e agarrou o seu pescoço com o braço esquerdo enquanto, com a mão direita, esmigalhava um frasquinho no rosto de Sharrakor, fazendo espirrar um líquido escuro para todo lado.

Tal ficou olhando aquela cena, e viu um líquido transparente que escorria pelo rosto de Sharrakor. Por um momento, não conseguiu entender o que o Corvo havia feito. Depois, reconheceu o cheiro enjoativo do veneno de cavarata, um veneno mortal ao simples toque. Mas será que também funcionava em Aenir?

Um grito de Sharrakor respondeu à sua pergunta: um grito que se sobrepôs a qualquer outro som, e que foi se tornando mais intenso, ficando tão alto, tão alto, que Tal teve de meter o dedo num ouvido e apertar o outro contra a pedra para evitar ouvi-lo. Milla levou as mãos aos ouvidos, enquanto as Garras dispararam linhas de luz enlouquecidas, formando como uma auréola sobre sua cabeça.

O grito cessou tão bruscamente quanto havia começado. Sharrakor arranhava o próprio rosto e, com o Corvo agarrado a seu corpo, balançava bem na beira do pilar. Mas, enquanto Sharrakor

lutava para se livrar do veneno, o Corvo não fazia nada disso. Ele estava lutando para se apoderar da Pedra-do-Sol que Sharrakor tinha nas mãos e, quando conseguiu, atirou-a para Tal.

Assim que a Pedra-do-Sol saiu voando pelo ar, o Corvo esticou os braços para trás. Como estava agarrado a Sharrakor, ambos oscilaram na borda da rocha, numa cena que ficaria gravada para sempre na mente de Tal.

Então, caíram ambos, e o grito do Corvo se interrompeu quando o veneno concluiu a sua tarefa mortal.

— Liiiberdaaaade! Liii...

Tal se arrastou até a borda do pilar de pedra, e olhou para baixo. Lá no fundo, sobre as areias avermelhadas do deserto, avistou um borrão negro ainda enrolado em algo que brilhava e reluzia. Milla inclinou-se sobre ele, agarrando seu pulso e seu cotovelo. Tal cerrou os dentes, mas não conseguiu conter um grito quando ela encaixou seu braço novamente na articulação do ombro.

— Ele era valente — disse Milla, em voz baixa. — Valente como qualquer Homem-do-Gelo, como qualquer Cavaleiro da Espada das lendas.

— O primeiro indivíduo livre de seu povo — sussurrou Tal. — Acabou salvando todos nós. Com veneno de cavarata...

Começou a rir, mas o riso se transformou num soluço, um soluço que sacudiu todo o seu corpo por algum tempo, até que ele conseguiu se controlar. Então, sentiu-se cansado, cansado como nunca se sentira antes. Tudo o que queria era deitar e dormir por anos a fio. Tinham derrotado Sharrakor. Agora, que alguém mais tratasse do resto...

Mas não dava para deitar ali. Milla o ajudou a se levantar e praticamente o arrastou até onde estava Malen. A Matriarca estava tão imóvel que o medo voltou a tomar conta de Tal.

— Ela está...?

— Está viva — respondeu Milla. — Está com o pescoço machucado, e tem queimaduras, mas lancei luz de cura sobre seus ferimentos. Logo vai acordar.

Tal a fitou.

— Um indivíduo do Povo Inferior derrota um monstro, uma Garota-do-Gelo utiliza Magia da Luz — disse ele. — E um Escolhido está sem saber o que fazer — a única coisa que me ocorre é procurar Adras e Odris. Mas, como vamos sair desse velho furacão?

— Temos de voltar para o Castelo — disse Milla. — O Vêu precisa ser restaurado, e temos de restabelecer a paz entre nossos povos. É isso que precisamos fazer.

— É — disse Tal. — E temos de libertar o Povo Inferior.

Baixou os olhos para fitar a metade da Grande Pedra que o Corvo jogara para ele, e enfiou o anel no dedo em que já estava a outra metade, que Milla lhe havia dado. Assim que as duas Pedras-do-Sol se encontraram, produziu-se um intenso clarão violeta, e Tal sentiu uma dor aguda no dedo. Os anéis tinham voltado a se fundir. As Pedras-do-Sol tinham voltado a ser uma só.

— Você pode nos ajudar a voltar para o Castelo, saindo daqui, não é? — indagou Milla.

Tal não ouviu nada. Estava fitando a Grande Pedra Violeta, perdido em seus níveis mais profundos.

Milla lhe deu um tapinha nas costas, repetindo a pergunta.

— O quê? Não. Isto é, não sei... — principiou Tal. Parou, então, de pensar a respeito e, para seu espanto, percebeu que havia, lá dentro de si mesmo, uma confiança absoluta. Podia, sim, levá-los de volta a partir de qualquer lugar em Aenir. — Posso, sim. Acho que podemos sair daqui. É melhor você acordar Malen. Eu só vou... dar uma voltinha.

Milla franziu as sobrancelhas. Não havia espaço para dar uma voltinha no topo daquele pilar de pedra. Inclinou-se, porém, e amparou Malen, para levantá-la, encolhendo-se quando as queimaduras da Matriarca incomodavam.

Tal se dirigiu ao local onde Sharrakor estivera, bem na extremidade do pilar. Ali, a rocha estava gasta, lisa, e quase transparente, como se pisada por vários pés. Seria perigoso se o chão estivesse molhado, mas Tal imaginou que nunca devia chover ali dentro, no coração do furacão.

— Almacã! — gritou ele. — Tenho uma pergunta a fazer.

O som do furacão não se alterou absolutamente, mas uma voz tranqüila se fez ouvir apesar de todo aquele ruído. Era uma voz velha e lenta, melodiosa e suave, e, ao mesmo tempo, vagamente divertida.

— É claro que tem, Tal Graile-Rerem, Imperador dos Escolhidos do Castelo. Vou conceder-lhe apenas uma pergunta, e uma resposta.

— Você matou Adras e Odris?

— Não mato meus filhos — respondeu o Velho Almacã. — Nem os filhos dos filhos de meus filhos, até onde se possam contar os anos. Eles estão vivos e, agora, conhecem a sua genealogia. Pode fazer outra pergunta.

— Eu... poderia... ter agido de outro jeito? — indagou Tal. — Havia uma maneira melhor de fazer o que fizemos? Derrotar Sharrakor sem que o Corvo... sem que o Corvo morresse, ou Jarek... e todos os outros, todos os aeniranos?

— Não posso responder a essa pergunta — sussurrou o furacão. — Só posso dizer o que é, e o que foi, não o que poderia ter sido, ou poderia ter acontecido. Pode fazer outra pergunta.

Tal ficou fitando o redemoinho.

— Quem começou a guerra entre nossos mundos? — perguntou ele.

— Qual delas? — O Velho Almacã suspirou. — Qual delas? Já houve tantas guerras. E eu mesmo nem sempre sei como começaram.

Tal permaneceu calado.

— Eu não respondi. Você quer fazer outra pergunta?

— Não — disse Tal, lentamente. — Não sei o que perguntar. Voltarei algum dia desses. Se você permitir.

— Pode vir — disse o Velho Almacã. — Estarei aqui.

Tal se virou e foi se encaminhando até onde estavam Milla e Malen. Um minuto depois, três Pedras-do-Sol estavam brilhando, e três vezes recitavam a Passagem para o Mundo das Trevas. Formou-se um arco-íris e o pilar de pedra do Velho Almacã ficou vazio.

O portão principal do Castelo passara mais de mil anos fechado. Agora, a imensa grade de metal dourado estava aberta para o Mundo das Trevas que se estendia diante dela. Mas não estava escuro pois, no Saguão das Boas-Vindas, brilhavam milhares de Pedras-do-Sol e, na estrada, mais à frente, havia ainda uma grande quantidade de Pedras-do-Sol, centenas de lâmpadas- mariposas e muitas tochas embebidas em óleo que emitiam chamas azuladas.

Tal estava de pé, diante de uma multidão de Escolhidos e de Homens Livres, aqueles que, um dia, haviam constituído o Povo Inferior. Trajava uma simples túnica branca, em vez de roupas violeta, se bem que a Grande Pedra que reluzia em sua mão lançasse sobre ele um pouco de sua cor. No chão, atrás dele, estava sua sombra natural. Aliás, só havia sombras naturais em meio àquelas pessoas, embora ainda existissem Escolhidos renegados, com seus Espíritos-Sombra, e sombras independentes pudessem ser vistas em vários pontos do Castelo.

À sua frente, diante de um sem-número de Homens-do-Gelo, estava Milla. As Garras de Danir cintilavam em tons de violeta em seus dedos, e a coroa que trazia na cabeça havia sido polida bem recentemente. Sua armadura de couro de Selski fora limpa e consertada, e ela voltara a usar a espada de chifre de Merwin. Milla usava ainda um anel com uma Pedra-do-Sol que emitia luz anil, e era maior que a metade da Grande Pedra Violeta que ela dera a Tal.

— Adeus. Ao menos, por um circuito — disse Milla batendo os punhos cerrados, numa saudação dirigida a Tal. — Ou, talvez, mais que isso. Teremos muito que fazer.

Tal concordou. Embora houvessem salvado o Véu, ele tinha passado um período enfraquecido, causando uma alteração de temperatura que modificara tanto o clima quanto o Gelo. O padrão migratório dos Selskis tinha mudado e, com isso, surgiram vários conflitos entre os clãs dos Homens-do-Gelo, que tiveram de abandonar suas trilhas e territórios de caça tradicionais. Como de costume, eram as Matriarcas que solucionavam essas disputas, mas elas pediram a Milla que as ajudasse em suas decisões. Ela comandaria um grupamento especial de Donzelas Guerreiras e Matriarcas que dariam a volta ao mundo, determinando as novas fronteiras e as novas prerrogativas.

— Eu também terei muito que fazer — suspirou Tal. Apesar do colapso do antigo regime, a grande maioria dos Escolhidos o aclamara como seu Imperador. Os Homens Livres, liderados pelo irmão do Corvo, Bennem — curado pelas Matriarcas—, concordaram com essa escolha, com uma condição: Tal seria o Imperador do Castelo, e não apenas dos Escolhidos.

Tendo em mente a promessa feita ao Corvo, Tal aceitou aquilo, provisoriamente. Agora, sua tarefa seria tentar fazer com que a nova sociedade funcionasse. Era uma incumbência difícil, pois, no Castelo, havia Escolhidos rebeldes, Escolhidos recalcitrantes, que não queriam assumir nenhuma atividade produtiva, havia membros do antigo Povo Inferior que sequer podiam imaginar as mudanças, e havia Resistentes ressentidos, querendo que os Escolhidos passassem a servir-lhes ou fossem punidos por suas atitudes do passado.

— Gostaria que Ebbitt... — principiou Tal, quando foi interrompido por um Homem-do-Gelo magricela, um tanto encurvado, que parecia todo atrapalhado com a máscara que lhe cobria o rosto.

— Gostaria de quê? — indagou o Homem-do-Gelo, erguendo a máscara e revelando um narizão bem familiar. — Que eu tivesse morrido de tédio, lá com aqueles Kurshkens?

— Não — disse Tal, abraçando seu tio-avô. — Você sabe muito bem do que é que eu gostaria.

— Hummpf — bufou Ebbitt. — Vou voltar. Você sabe que eu não podia perder uma oportunidade dessas. Lá estava eu, à beira de meu último suspiro... ou, talvez, de meu penúltimo suspiro, não sei bem... quando me ocorreu que, se morresse naquele instante, nunca chegaria a ver o Gelo. Além disso, há essas Matriarcas. Adoro o som que elas fazem.

Tal soltou Ebbitt, mas apertou o peito de seu tio-avô com dois dedos. Por baixo das peles, alguma coisa se moveu: algo que não era nem carne, nem osso.

— Ebbitt!

— O que você quer que eu faça? — exclamou Ebbitt. — Foi ele que quis vir comigo. Andamos jogando Criaferas, e estou ganhando: cento e oito partidas contra cento e seis. — O Códex bateu de encontro ao peito de Ebbitt e o ancião apressou-se a acrescentar: — Há uma pequena divergência quanto à contagem. Poderia ser um empate: cento e seis a cento e seis.

Tal franziu a testa. O Códex era valioso demais para ser perdido. Mas, quem poderia garantir que tivesse condições de consultá-lo, mesmo que ele permanecesse no Castelo. Ao menos, estando ele com Ebbitt, Tal poderia encontrá-lo quando precisasse. Além disso, Malen ficaria no Castelo, e várias outras Matriarcas estavam vindo se juntar a ela, constituindo uma embaixada permanente. Tal poderia se comunicar com Ebbitt e o Códex através das Matriarcas.

E com Milla também. Teriam muito que conversar.

— Adeus, Milla — disse Tal. Estendeu o pulso, mostrando a cicatriz dos pactos que ambos haviam feito. Por sua vez, Milla desnudou o pulso e aproximaram as cicatrizes, uma da outra, encostando pele contra pele.

Milla sorriu, e foi um sorriso como Tal jamais havia visto antes. Ele também sorriu, fitando-a bem dentro dos olhos. Quando seus olhos se encontraram, ambos viram ali tudo o que tinham vivido juntos, desde o seu primeiro encontro no Gelo, até a queda de Sharrakor.

Todos em volta permaneceram calados enquanto os dois ficaram ali, um diante do outro. O tempo passava lentamente, no ritmo da respiração dos Homens-do-Gelo e dos segundos dos Escolhidos, assinalados pelas centelhas de suas Pedras-do-Sol. Finalmente, Milla levantou a mão, e Tal deixou cair a sua.

Milla manteve a mão erguida bem alto, acima da cabeça. Uma das Garras chamejou e um chicote de luz violeta girou no ar para, depois, vir caindo como torrões de luz, quando Milla cerrou o punho e baixou o braço.

Os Homens-do-Gelo gritaram, e seus gritos ecoaram por todo o grande salão. Puseram, então, os fardos às costas e foram se encaminhando para a longa estrada que descia a Montanha da Luz. A estrada que descia até o Gelo e o Mar Vivo dos Selskis, até os seus lares impulsionados pelo vento, os navios dos clãs dos Homens-do-Gelo.

Milla não olhou para trás.

Tal ficou olhando naquela direção, por um momento, e, depois, virou-se para as Pedras-do-Sol que reluziam, para os milhares de saguões, salas e corredores dos Escolhidos e dos Homens Livres que formavam o povo do Castelo.

Entretanto, mesmo quando amigos ou desconhecidos se aproximavam dele para fazer perguntas, pedir favores ou contar-lhe algo, todos os seus pensamentos estavam exclusivamente voltados para uma pequena parte do Castelo. Um conjunto de aposentos cuja porta era assinalada

por uma fera-sthil laranja saltando sobre uma estrela de sete pontas.

Por trás daquela porta, sua família estava novamente reunida. Seu pai, Rerem, que havia sido libertado da Grande Pedra Laranja, estava recobrando tanto as suas forças quanto a sanidade. Sua mãe, Graile, já estava quase inteiramente recuperada dos efeitos do veneno das aranhas-d'água. Gref, seu irmão, havia sido curado tão rapidamente pelas Matriarcas que até já tinha se metido em várias pequenas confusões. E Kusi, sua irmã menor, parecia nem lembrar que tantas coisas tinham acontecido.

Tal sorriu de novo, mas o seu sorriso tinha o peso das recordações e da responsabilidade. Tanta coisa tinha efetivamente acontecido, e tanta coisa ainda estava por vir.

Mas, tudo aquilo podia esperar, pensou Tal, enquanto abria caminho em meio à multidão.

Pois Tal Graile-Rerem estava finalmente indo para casa, e tinha uma Pedra-do-Sol.

FIM.